

PASSAGEIRO DA HISTÓRIA: DO SERTÃO AO INFINITO

**Vida e Obra de
Manuel Lopes de Carvalho Ramos**

NELSON FIGUEIREDO

Passageiro da história: do sertão ao infinito

Vida e Obra de
Manuel Lopes de Carvalho Ramos

Nelson Lopes de Figueiredo

Passageiro da história: do sertão ao infinito

Vida e Obra de
Manuel Lopes de Carvalho Ramos

Goiânia-GO
2016

Copyright © 2016 by Nelson Lopes de Figueiredo

Editora Kelps

Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon

CEP 74.560-460 — Goiânia — GO

Fone: (62) 3211-1616

Fax: (62) 3211-1075

E-mail: kelps@kelps.com.br

homepage: www.kelps.com.br

Diagramação

Victor Marques

Revisão

Sandra Rosa

Capa

Victor Marques / Ubirajara Galli

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

FIG
pas

Figueiredo, Nelson Lopes de.

Passageiro da história: do sertão ao infinito. / Nelson Lopes de Figueiredo – Goiânia: Kelps, 2016.

274 p.: il.

ISBN: 978-85-400-1846-4

1. Biografia. 2. Vida. 3. Obra. I. Ramos, Manuel Lopes de Carvalho. II. Título.

CDU: 929

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2016

A missão que recebi de José Mendonça Teles

Sempre que retomo a tarefa de concluir este livro meu coração viaja por gratas recordações de profícuos compartilhamentos intelectuais. Vem me à memória, em circunstâncias muito mais agradáveis que no presente, a imagem afetuosa de meu amigo José Mendonça Teles confiando-me a missão de registrar a trajetória em Goiás desse intelectual incomum, humanista, espiritualista, brilhante, muito adiante de seu tempo, que foi Manuel Lopes de Carvalho Ramos, sempre referenciado como Carvalho Ramos, como preferiu ser conhecido na imprensa e na literatura.

Lembro-me, como se fosse agora, do amigo José com os olhos brilhando de entusiasmo pelas revelações, repassando-me, com os cuidados de quem entrega um tesouro precioso a alguém de confiança, o material que compreendeu os dois marcantes livros do biografado: *Goyania* e *Os Gênios*, outras publicações e documentos, bem como a informação de que Carvalho Ramos foi juiz de Direito na Cidade de Goiás, então capital do Estado, mas exerceu sua magistratura principalmente em Torres do Rio Bonito, atual Caiapônia, para onde foi designado logo após a nomeação.

Passou a habitar o universo de meu imaginário, a partir daquele momento, a figura que sempre imaginei circumspecta, daquele Juiz compenetrado, estudioso, que, apesar de cingido intelectualmente pela rigorosa cintagem dos protocolos e formalidades que cercavam o exercício das funções do cargo,

mormente em pequena cidade do interior goiano¹ no final do século XIX, cultivou o gosto pela literatura e a política, desenvolvendo intensa atividade cultural e participativa nos dois campos.

Nos meses seguintes, depois de ter lido os livros recebidos e pesquisar no Instituto Cultural da PUC-GO no Setor Universitário, onde fui levado por um dos seus fundadores, o professor José Mendonça Teles e cordialmente recebido pelo diretor e professor Antônio César Caldas Pinheiro, a produção jornalística de Carvalho Ramos nos jornais goianos da época² microfilmados, passei a dimensionar com mais conhecimento de causa a singularidade de Carvalho Ramos e o valor significativo de sua obra intelectual, que engrandece e se torna mais notável quando contextualizada no seu tempo e considerados os rígidos condicionantes impostos à criatividade pelo exercício da magistratura na época.

Depois de ler os dois livros e mergulhar no vigoroso romantismo dos versos de Carvalho Ramos, entendi a verdadeira extensão da mensagem que me fora repassada pelo professor Mendonça Teles. Sim, a obra do biografado, até hoje praticamente desconhecida da grande maioria dos goianos, não teve o reconhecimento devido nacionalmente na sua época, pois deveria ter sido incluída, com destaque, entre os grandes poetas brasileiros românticos de então, como Gonçalves Dias e Castro Alves. Certamente que o isolamento cultural de Goiás, em razão de sua posição geográfica interiorana e afastada dos grandes centros culturais do país, condição agravada pela extrema dificuldade dos meios de transporte e comunicação no período, que antecede o advento do século XX, concorreu grandemente para isso.

Daí a importância deste trabalho que pretende, modestamente, contribuir para o resgate de uma grave injustiça

¹ Torres do Rio Bonito (Caiapônia) tinha em 1892/ 8.000 habitantes.

² *Estado de Goyaz – Órgão do Partido Republicano Federal, Gazeta Goyana, Goyaz, Jornal de Goyaz e Semanário Oficial.*

histórica cometida contra a memória desse intelectual e poeta que continua desconhecido entre os goianos sem ter conquistado o lugar que merecia entre os maiores poetas românticos brasileiros de seu tempo. E o romantismo não morreu, como afirmam alguns direta ou disfarçadamente. A desumanização, que é a marca registrada de nossos dias, não tem o efeito corrosivo de recuar no tempo e destruir o grande legado de nossa herança cultural romântica, lírica e profundamente humanizadora. Castro Alves, Gonçalves Dias, José de Alencar, Olavo Bilac e tantos outros continuam presentes entre nós, derramando sensibilidade e amor através dos anos pelos seus poemas e as seguidas reedições de suas obras, que são permanentes. E vão durar enquanto durarem os pássaros, as flores e os sentimentos de amor entre as pessoas ou de conexão emocional entre estas e as questões sociais que lhes sejam contemporâneas.

No mesmo sentido, afirma Gilberto Mendonça Teles, que a poesia de Carvalho Ramos “constitui em Goiás a maior influência de Gonçalves Dias e Castro Alves, além de Victor Hugo, cantando em versos condoreiros, os temas da democracia e da liberdade. Imagens e hipérboles condoreiras, mais arrojadas e artísticas do que as de Félix de Bulhões, são frequentes como no poema “Canção do Oprimido”.³ Acrescente-se que no livro **Os Gênios**, dedicado à juventude brasileira, Carvalho Ramos estampa a universalidade de sua poesia, cantando os gênios da humanidade em versos lapidados com as rimas métricas dos sonetos, derramando sentimentos em cálices de ouro.

Representa, sem nenhum favor, o casamento feliz entre o rigor técnico e o grau máximo de sentimentos resultantes dos encantamentos de um intelectual deslumbrado com os prodígios de sua espécie. Elegias primorosas da in-

³ *Memórias Goianas II*, Editora da Universidade Católica de Goiás, 1984, Coordenação de José Mendonça Teles, série *Memórias Goianas*, Centro de Cultura Goiana, p. 185.

teligência e das monumentais façanhas dos gênios da cultura, da música, da filosofia e do amor à humanidade. O sentimento universal dos poemas enaltece os sonhos, os mitos e as aventuras dos heróis que movimentaram a história humana, amoldando-a com a argamassa sublime da poesia, suas musas e universos desvairados.

Da coletânea dos artigos pesquisados, selecionamos aqueles que retratam aspectos relevantes da época ou guardam sintonia com a realidade atual, fazendo referência aos mesmos no desenvolvimento do texto do livro e integrando-os em um anexo, ortograficamente atualizados.

Com o mesmo propósito e preservando fidelidade ao objetivo maior do livro que é resgatar a produção do biografado na literatura, no jornalismo e na poesia, principalmente, iniciamos os comentários sobre **Os Gênios** e **Goyania** com a publicação do prólogo de cada um dos livros, visando a propiciar ao leitor uma visão panorâmica da grandeza intelectual de Carvalho Ramos e da atualidade de suas ideias.

Fico feliz por cumprir a missão que me foi confiada pelo fraterno amigo José Mendonça Teles, generoso patrono e incentivador também de minhas modestas incursões pela literatura, materializadas nos livros de poesia publicados. Agradeço comovido ao amigo pela oportunidade de conhecer, pelo estudo e pela pesquisa, a gigantesca dimensão humana e intelectual de Carvalho Ramos e concorrer, ainda que minimamente, para o resgate histórico de seu grande legado intelectual, bem como refletir sobre os efeitos produzidos na realidade política e social goiana pelos acontecimentos que mudaram o Brasil no final do século XIX, como a Proclamação da República.

Nelson Lopes de Figueiredo

AGRADECIMENTOS

Além do professor José Mendonça Teles, que já reverenciei de forma especial, agradeço também às seguintes pessoas que colaboraram de forma decisiva para a concretização deste trabalho: Professor Antônio César Caldas Pinheiro, ex-diretor do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central – PUC-GO, pelo incentivo, apoio na busca e interpretação de documentos e a facilitação do acesso ao acervo microfilmado dos jornais goianos do período do final do século XIX ao início do século XX; escritor e pesquisador Ubirajara Galli, pelas lúcidas e experientes opiniões, juntamente com a inestimável colaboração nas pesquisas de documentos e montagem da obra; Igor Roberto de Almeida Moreira, graduando em História pela UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, pela cessão de importantes documentos do acervo de sua pesquisa sobre o Manuscrito das Famílias Lopes de Carvalho Ramos e, finalmente, todos aqueles que, na Cidade de Goiás e em Cachoeira(BA), contribuíram para o levantamento da base documental que ilustra a obra.

À minha esposa Liliane Silva César Figueiredo, pelo valioso apoio de sempre e ao meu filho Matheus Manso de Figueiredo, pelo auxílio nas pesquisas e atualização ortográfica dos textos.

I - APRESENTAÇÃO

A corrida dos anos, medida por um tempo cada vez mais breve, relega à poeira do esquecimento fatos e personagens que representaram grande importância para o nosso desenvolvimento político e cultural, fazendo com que se perca de vista da memória da sociedade de nossos dias, cada vez mais incapaz de buscar lições, ensinamentos e energias no passado. De acordo com essa inconsequente ideologia consumista, o passado é algo que já foi vivido, esgotado, e que perdeu o prazo de validade porque os seus paradigmas são incompatíveis com os padrões científicos e culturais da atualidade. O modernismo virtual e eletrônico de nossos dias, fruto da visão de um mundo globalizado, transnacionalizado, movido pela mitologia de linguagem e de símbolos que sempre exibem ares de futuro – onde o tempo passa tão rápido que a fatuidade do presente é a mais recente notícia que temos do passado – não tem tempo a perder com as imagens comprometidas com roupas antigas, bigodes retorcidos e bizarra ortografia.

Discorrendo sobre a importância da história para a compreensão das tragédias que se abateram sobre o mundo e, devastadoramente, sobre os diversos países da Europa durante e depois da segunda guerra, o grande historiador Tony Judt afirma que o “instrumento de lembrança, em todos esses casos, não foi a memória em si mesma. Foi a história, como passagem de tempo e como estudo profissional do passado –

sobretudo esse último”.¹ Somente o estudo que se esforça por captar o sentido dinâmico e cíclico da história, procurando reemoldurar no cenário de seu tempo figuras de homens singulares, que se projetaram pelas ideias nos horizontes do futuro, pode facilitar a compreensão do presente. Pois, como lembra Norberto Bobbio, “Os antigos possuíam uma visão cíclica da história, e a fase que encerrava um ciclo estava destinada a reaparecer no ciclo seguinte. A alternância do ciclos era infinita, assim como o eterno retorno de Nietzsche.”² Ainda que os períodos históricos não se repitam com fidelidade, não há de como se negar que eles permanecem abertos, vivos, expondo os seus exemplos, para o mal e para o bem, para as gerações seguintes.

Portanto, é no perpassar cuidadoso das páginas do passado que percebemos a lenta construção dos avanços e conquistas de hoje. Cada pensador lúcido, escritor humanista, historiador consciente e comprometido com os destinos da raça humana e com os ideais de liberdade, democracia, direitos humanos, ética e justiça, acrescentou com sua obra um tijolo, uma viga de aço, um painel de vidro fumê, colorido e reluzente, no magnífico edifício cultural e científico do presente. Quando examinamos, revendo a vida, as ideias e os embates de pessoas como Carvalho Ramos, sua trajetória como estudante de Direito em Recife, iniciando na literatura, o deslocamento, como magistrado, para o interior de Goiás, o político defensor das bandeiras republicanas, do casamento civil, do direito ao divórcio, da liberdade religiosa e contra os golpes autoritários do início da República, constatamos que ele foi um daqueles homens que assentou seu tijolo com firmeza,

¹ JUDT, Tony. *Pós-Guerra, uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. Tradução de José Roberto O’Shea, 2008, p. 815

² BOBBIO, Norberto. *O Tempo da Memória e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Editora Campus. Tradução de Daniela Versiani. 1997, p. 41.

abrindo sendas para as mudanças sociais, políticas e culturais que deságuam no Estado de Direito e na sociedade plural e democrática que temos hoje. Mas o exame acurado da rica existência do biografado revela outras facetas notavelmente fecundas. O espiritualista partidário da liberdade religiosa e estudioso das obras de Allan Kardec logo após a publicação das mesmas na França a partir de 1857, e o escritor romântico que deixou obras maravilhosas, são dimensões da mesma personalidade incomum que se projetaram no tempo e continuam vivas como expressões palpitantes do permanente vir-a-ser da trajetória humana.

A característica dialética da permanente construção humana do próprio homem ensina que ele “não nasce pronto e acabado; ele se faz historicamente, é produto da história. Só ele tem história porque é o único animal que vai além das necessidades naturais, criando culturalmente novas necessidades e precisando satisfazê-las mediante trabalho, com a transformação da natureza”,³ realçando o referencial histórico no percurso cultural e sucessivo das gerações. Por essa mundividência a dinâmica do evoluir das sociedades, encadeia os fatos com as propostas inovadoras, abrindo frestas, e depois fendas, e depois caminhos nas muralhas estáticas do conservadorismo retrógrado, movendo-se sempre para frente.

Por essa perspectiva, palmilhou Carvalho Ramos sua curta, mas profícua, existência. Foi, antes de tudo, um homem de ideias e de militância intelectual e cultural. Além dos livros publicados, marcos do romantismo goiano e brasileiro, atuou intensamente nos jornais da época, escrevendo substanciosos artigos sobre direito, política, espiritualidade e literatura. Nos primeiros anos da brilhante carreira na magistratura

³ ALVES, Alaôr Caffé. *Dialética e Direito*. São Paulo: Editora Manole, 2010, p. XI.

goiana, a vitória dos ideais republicanos e a convocação da constituinte para a votação da primeira Constituição da República, de 1891, provocaram a efervescência de novas correntes políticas. Mesmo adstrito às limitações impostas pela posição de juiz, participou ativamente dos debates no campo das ideias. Detentor de profunda cultura política, filosófica e espiritual, não fugiu das polêmicas e rebateu pela imprensa, em inflamados artigos, sempre que provocado, com segurança e conhecimento de causa. Defendeu, no campo político, a República, a Federação, o aprimoramento dos mecanismos democráticos e o fortalecimento da consciência política do povo pela educação. No plano espiritual, estudou as obras de Allan Kardec e difundiu o espiritismo, sempre em altos termos, encarando-o, na visão positivista e cientificista que marcou o início do século XX, como uma nova ciência.

Tendo em vista as múltiplas expressões da vida do biografado, adotaremos metodologia didática no trabalho, para melhor aproveitamento do legado constituído pela produtiva existência enfocada, explorando cada uma de suas dimensões em sintonia com a linha do tempo da época que os fatos ocorreram. Assim, são revelados sequencialmente Carvalho Ramos: o homem; o magistrado; o político; o espiritualista e o literato.

SUMÁRIO

O HOMEM	17
O MAGISTRADO	43
O POLÍTICO.....	51
O ESPIRITUALISTA.....	67
O LITERATO.....	79
LIVRO OS GÊNIOS	91
LIVRO GOYANIA	115
ANEXOS.....	155
O Magistrado.....	157
O Político	168
O Espiritualista	198
O Literato.....	229

O HOMEM

A genealogia paterna de Carvalho Ramos, demanda ao extremo norte da Chapada de Diamantina, à Vila de Santo Antônio de Jacobina, atual cidade de Jacobina (BA). Lá, nasceu em 5 de setembro de 1838, seu pai Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho, filho de José Mathias de Carvalho (1813/1892) e Mariana Custódia de Jesus (1815/1887).

Lojas de ferragens, miudezas e drogas.

Antônio Francisco de Oliveira Borges, r. das Flores.

Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho, idem.

Carlos Bernardino Freire, idem.

Fortunato José Ferreira Gomes, r. de Baixo.

Guilherme Benselum, idem.

José Bernardino de Almeida, r. da Ponte Velha.

Lino Martins Bastos, r. das Flores.

Leoni e Moreira, idem.

Manuel José da Vera-Cruz, r. de Baixo.

Pacífico Bispo de Lima, r. das Flores.

Paulino Alves Teixeira, r. Formosa.

Rodrigo José Ramos, r. das Flores.

A publicação do *Almanak Mercantil Administrativo e Industrial da Bahia*, de 1863, revela o tipo de comércio e o seu endereço que o genitor de Carvalho Ramos mantinha em Cachoeira

Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho, após concluir o curso primário na sua cidade natal, por volta de 1850, passou a residir em Cachoeira (BA), no Recôncavo Baiano, estabelecendo-se como comerciante. Pelo que se pode apurar nas pesquisas empreendidas para a elaboração da obra, a literatura chegou à família por suas mãos, ao publicar a

brochura de poemas, intitulada de *Horas Vagas*, em 1863. Anos mais tarde, embora tenha reunido sua produção poética, em *Álbum do meu Silêncio*, a obra não foi publicada. Autodidata, documentos oficiais da prefeitura de Cachoeira (BA), do final do século XIX, revelam-no como secretário da Intendência.

EDITAES

De ordem da camara municipal se faz publico que, em sessão ordinaria de 15 d'este mez, á mesma recebe propostas, em carta fechada, para a factura do calcamento da rua das Flores, e beco do Curvello, em S. Felix, orçado em 2:750\$010 réis, de accôrdo com a planta, que se acha n'esta secretaria, onde pode ser examinada.

Secretaria da camara municipal da cidade da Cachoeira, 8 de abril de 1886. —O secretario, ANTONIO LOPES DE CARVALHO SOBRINHO.

A edição do jornal *O Guarany*, de 10 de abril de 1866, de Cachoeira, traz um edital que aporta a assinatura de Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho como secretário da intendência

Em cinco de março de 1859, aos 21 anos de idade, Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho, contraiu matrimônio com Rosalina Maria Ramos, integrante de uma das famílias mais bem-sucedidas economicamente do Recôncavo Baiano, marcada historicamente por gestos filantrópicos; era irmã do Comendador Rodrigo José Ramos¹ e de Reinerio Martins Ramos, que enriqueceu como exportador de fumo. Ao morrer em Paris, onde residia, deixou uma verdadeira fortuna para as casas de caridade de Cachoeira: Orfanato Dona Militana Martins Ramos e Instituição Comendador Rodrigo José Ramos.

¹ O Arquivo Público Municipal de São Félix, cidade vizinha de Cachoeira, registra seu falecimento em 1893.

Rosalina Maria Ramos, mãe do biografado era natural de Outeiro Redondo, distrito de São Félix (BA), condição de dependência administrativa que ainda mantém em 2016. Com 45 anos, em 21 de maio de 1878, acometida de hepatite, faleceu em sua residência, na Rua das Flores, atual Rua Prisco Paraíso. Por sua vez, Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho haveria de falecer em 1899.

Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho e Rosalina Maria Ramos, pais de Carvalho Ramos tiveram os seguintes filhos:

1 – Marianna

2 – José

3 – **Manuel Lopes de Carvalho Ramos**

4 – João

O Jornal *O Guarany*, editado na cidade de Cachoeira (BA), na edição de 23 de maio de 1878, ao anunciar na página 2 o falecimento de Rosalina Maria Ramos, revela que os filhos do casal tinham as seguintes idades: Marianna, 18; José, 17; Manuel, 13; e João, 8.

Decorridos dois anos da morte da esposa, Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho contraiu segundo matrimônio com Petronilha Ignácia Fernández² no ano de 1880. Dessa união, nasceram os seguintes filhos: Adelino, Alfredo, Idalina de Carvalho Moreira, Augusto e Anizio. Petronilha faleceu na cidade de Cachoeira (BA), em 1946.

A cidade de Cachoeira (BA), berço natal de Carvalho Ramos, com seus quase cinco séculos, projetou-se muito além de sua idade temporal. É uma cidade que tem muita história para contar. Plantada às margens do Rio Paraguaçu, por sua posição geográfica e econômica no Recôncavo Baiano, seu porto serviu por séculos para exportação de produtos agrícolas e de desembarque de mão escrava, considerado um dos maiores afluxos dessa triste degradação humana que macula a história do nosso País.

² Informação extraída do manuscrito das Famílias Lopes de Carvalho Ramos, cujo trabalho encontra-se em desenvolvimento pelo pesquisador Igor Roberto de Almeida Moreira, trineto de Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho e Petronilha Ignácia Fernández.

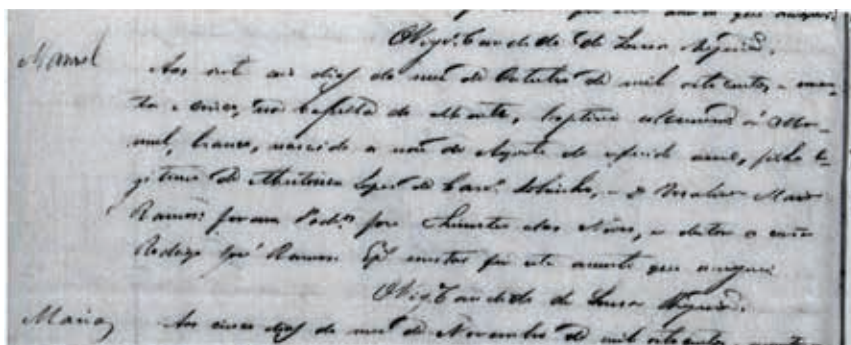
De importante atuação na guerra pela independência do Brasil contra o jugo português, no dia 25 de junho, simbolicamente a capital da Bahia é transferida para a cidade de Cachoeira. Data pautada pela tomada de uma canhoneira portuguesa atracada no rio Paraguaçu que nesse dia começou a atacar a então Vila de Cachoeira com tiros de canhões. Três dias depois, voluntários cachoeiranos, utilizando canoas e barcos de pesca, armados mais de coragem do que belicamente, portando armas de caça, facões, espadas “e um canhão antiquíssimo, exibido até então como relíquia na praça da cidade” cercaram e tomaram a canhoneira, cujo comandante e seus marujos, estavam acometidos de sede e fome. Esse embate naval é considerado a nossa primeira vitória na Guerra da Independência.



Monumento erguido em praça pública, de frente ao rio Paraguaçu, em homenagem aos cachoeiranos na luta pela independência do Brasil

A Vila de Cachoeira foi transformada em cidade pela emissão do Decreto Imperial, de 13 de março de 1873. Reconhecida pela importância de sua bravura na luta pela independência do Brasil, recebeu o título honorífico de “Cidade Heroica”, outorgado pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici pelo Decreto nº 68.045, de 13 de janeiro de 1971. Do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN), recebeu o reconhecimento de Monumento Nacional.

Nessa histórica localidade, que ainda detinha a condição de Vila de Cachoeira, no dia 09 de agosto de 1865, e não 10 de agosto como era anteriormente considerado, nasceu Carvalho Ramos. A correção dessa data toma por base o seu termo batismal, documento a seguir anexado e transcrito pelo escritor Antônio César Caldas Pinheiro.



Certidão de batismo de Carvalho Ramos e sua transcrição procedida pelo escritor Antônio César Caldas Pinheiro

Manoel Aos vinte um dias do mês de Outubro de mil oito centos e sessenta e cinco, na Capella do Monte, baptizou sollemnemente à Manuel, branco, nascido a nove de Agosto do referido anno, filho legitimo de Antonio Lopes de Carvalho Sobrinho, e D. Rosalina Maria Ramos: foram Padrinhos Jose Thimoteo das Neves, e Comendador Rodrigo José Ramos. E para constar fis este assento que assignei. O Vigario Candido de Sousa Requião

(Livro de Batismos da paróquia de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira, de abril de 1861 a abril de 1872, fl. 56v.)



Sobrado onde nasceu Carvalho Ramos, na então “Praça da Manga”, atual “Praça Manoel Vitorino”, em Cachoeira (BA). Fotografia da década de 60, tirada pelo filho do biografado, Victor de Carvalho Ramos. Acervo de Maria da Conceição Magalhães, sobrinha de Carvalho Ramos. Imagem colhida da pesquisa de Igor Roberto de Almeida Moreira

O desdobramento das pesquisas empreendidas *in loco* na cidade de Cachoeira, terra natal de Carvalho Ramos, revelou uma grande surpresa: seus habitantes, notadamente as pessoas ligadas à história ou à cultura da cidade que foram contactadas, confessaram desconhecer a trajetória do grande escritor ou mesmo os vários ângulos de sua profícua atuação como magistrado, jornalista, intelectual e espiritualista. A causa dessa ignorância a respeito de vulto tão ilustre da urbe, pode ser atribuída ao fato de que a história do biografado foi edificada, principalmente, em terras goianas, onde passou grande parte de sua fecunda existência, de 1888 a 1907.

Mas não devia ser assim, porque Carvalho Ramos, ainda jovem, logo depois de concluir seu curso de Direito em Recife, retornou à sua cidade e teve uma marcante atuação em atividades culturais, jornalísticas e espirituais, conforme comprovam, adiante, o resultado apurado. A causa maior

para esse esquecimento, no entanto, é uma só: Cachoeira integra o Brasil, país que tem como principal característica a desmemória, a falta de cuidado com a preservação de fatos e documentos históricos. A prova disso é o calamitoso estado em que foi encontrado o arquivo público municipal, local onde nada foi possível levantar.

Embora tenha vivido em Cachoeira toda a sua infância e a maior parte da adolescência, ali realizando os estudos preparatórios que o levaram ao curso jurídico na Faculdade de Direito de Pernambuco, retornou à cidade em 1886. Nos anos seguintes, reintegrou-se à vida cultural de Cachoeira, passando a lecionar Francês e Inglês no Gabinete de Instrução³ – que funcionava no Conjunto do Carmo. Sem dúvida, além do título de bacharel, certamente constava de sua bagagem cultural no retorno à comunidade de origem os dois primeiros livros de poesia, *Flores da Primavera* e *Inspirações Noturnas*, obras que não foi possível localizar, pelos motivos já declinados.

Prefeitura Municipal de Cachoeira (BA)



Conjunto do Carmo, construído no século XVIII. Ao longo de sua história, abrigou várias instituições, entre elas, o Gabinete Literário da Instrução, onde Carvalho Ramos foi professor de Francês e Inglês

Em Cachoeira, pesquisando os cinco livros existentes no acervo da Biblioteca Pública Ernesto Simões que trata da

³ Informação do professor e editor do jornal *O Guarany*, de Cachoeira (BA), Pedro Borges dos Anjos

história local, nenhuma referência ao seu nome foi encontrada. Tampouco, no arquivo público Municipal, cujo acervo encontra-se tristemente danificado, impedindo o ato de manuseio. Mesmo desencontro de acesso memorial aplica-se ao seu pai, Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho. Como já registrado, era comerciante local, secretário da Intendência, nos derradeiros anos do século XIX e autor do livro de poemas: *Horas Vagas*, que veio a lume em Cachoeira. Embora, não tenha faltando boa vontade de contribuir para as nossas pesquisas, por parte da diretora da Biblioteca e das servidoras do Arquivo, nada pudemos encontrar.



O lastimável estado do histórico Jornal Cachoeira, que impede o acesso ao possível memorial para documentar a trajetória de Carvalho Ramos e de seu pai, Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho

Daí, a motivação, a alegria da elaboração dessa obra que pode efetivamente contribuir para a história cultural de Cachoeira e da Bahia, elencando com justiça, Manoel Lopes de Carvalho Ramos como um dos seus filhos ilustres, cujo legado literário inspirou e deu nome à cidade de Goiânia, edificada pelo governador e estadista goiano Pedro Ludovico Teixeira.

O CASAMENTO

Foi na Cidade de Goiás, enquanto exercia o cargo de juiz Substituto Federal da Comarca da Capital, que no dia 8 de novembro de 1891, Carvalho Ramos contraiu matrimônio com Mariana Fenelon de Loyola, nascida na Cidade de Goiás, em 7 de novembro de 1877, filha de Francelino Fenelon de Loyola e Mariana de Assis Arruda.

Seu pai era pernambucano e veio para Goiás quando o irmão Coriolano Augusto de Loyola foi nomeado juiz Municipal e de Órfãos da Cidade de Goiás, então capital da Província. Coriolano, que chegaria a desembargador e presidente do Tribunal de Relação da Província, atual Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, era também na chegada do irmão, o redator *do Correio Oficial*. A sua edição de 25 de maio de 1867, à página 1, traz a notícia da nomeação de Francelino Fenelon de Loyola como escrivão da Polícia da Província. No começo da década de 1870, Francelino Fenelon de Loyola ocupava cadeira na Assembleia Legislativa Provincial de Goiás.

O casamento ocorreu no final da tarde de 8 de novembro de 1891, na residência do amigo, líder político e correligionário do Partido Republicano de Goiás (Centro Republicano), Torquato Ramos Caiado, na Cidade de Goiás, tendo como testemunhas, o desembargador Coriolano Augusto de Loyola e José Leopoldo de Bulhões Jardim. Esse, exercendo várias funções públicas importantes, era deputado federal na Cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal, na primeira legislatura republicana, e não pôde comparecer ao casamento do amigo partidário de ideais políticos, sendo representado pelo Dr. Antônio José Pereira, Chefe de Polícia do Estado de Goiás.

Acto de Casamento.
N.º 34 - Aos oito dias do mês de Novembro, de mil oitocentos e noventa e um, nesta Capital de Goyas, as cinco e meia horas da tarde, em Casa do Cidadão Torquato Ramos Caiado, no Searço da Sé, presente o cidadão Capitão Francisco Martins Xavier Serradourado, Juiz de Casamentos desta Capital, por substituição, na forma da lei, comigo Official do registro civil, abaixo nomeado, e as Testemunhas, Desembargador Coriolano Augusto de Sácyolo, natural do Estado de Pernambuco e residente nesta Capital, O Bacharel José

Leopoldo de Rulhaci Jardim, repre-
sentado com procuração, pelo Dr. Antonio
João Pereira, natural e residente nesta
Capital, recebeu-se em matrimonio
a Rachard Manuel Lopes de Carra-
lho Ramos, solteiro, natural do Esta-
do da Bahia, e residente nesta capi-
tal, filho legítimo de Cezar de An-
tonio Lopes de Carvalho Sobrinho, e
de D. Rosalina Maria Ramos, seu
de aquelle residente na Cidade da
Cachoeira do Estado da Bahia, onde
está fallecido, e D. Marianna
Fenelon de Loyola, solteira, com qua-
tore annos de idade, natural e
residente nesta Capital, filha legi-
tima de Cezar de Francisco Fen-
elon de Loyola, e de D. Marianna
Amelia da Silva Marques, seu de
aquelle fallecido aqui, onde está
e natural e residente. Em firme-
za do que eu Joaquim Maria dos
Santos Guimarães Official do regis-
tro civil lavrei este acto que vai por
tudo assignado.

Joaquim Maria dos Santos Guimarães
Mariano Lopes de Carvalho (Nome)
Mariana Fenelon de Loyola

Conselho Augusto de Loyola
Antonio João Pereira
Joaquim Maria dos Santos Guimarães

Acto de Casamento.

TRANSCRIÇÃO DA CERTIDÃO DE CASAMENTO

Nº 34 – Aos oito dias do mês de novembro, de mil oitocentos e noventa e um, nesta Capital de Goyaz, as cinco e meia horas da tarde, em casa do cidadão Torquato Ramos Caiado, no Largo da Sé, presente o cidadão e capitão Joaquim Martins Xavier Serradourada, juiz de casamento desta capital, por substituição na forma da lei, comigo official do registro civil, abaixo nomeado, e as testemunhas, desembargador Coriolano Augusto de Loyola natural do estado de Pernambuco e residente nesta Capital, o Bacharel José Leopoldo de Bulhões Jardim, representado com procuração, pelo Dr. Antonio José Pereira, natural e residente nesta Capital, receberão-se em matrimônio o Bacharel Manoel Lopes de Carvalho Ramos, solteiro, natural do Estado da Bahia, e residente nesta capital, filho legitimo do cidadão Antonio Lopes de Carvalho Sobrinho, e de D. Rosalina Maria Ramos, sendo aquele residente na cidade da Cachoeira do Estado da Bahia, sendo esta é falecida, e D. Mariana Fenelon de Loyola, solteira, com quatorze anos de idade, natural e residente nesta Capital, filha legítima do cidadão Francelino Fenelon de Loyola e de D. Mariana Amélia da Silva Marques, sendo aquele falecido aqui, onde esta é natural e residente. Em firmeza do que eu Joaquim Xavier dos Santos Guimarães official do registro civil lavrei esta ata que vai por todos assinado.

Joaquim Xavier dos Santos Guimarães
Manuel Lopes de Carvalho Ramos
Mariana Fenelon de Loyola
Coriolano Augusto de Loyola
Antonio José Pereira
Joaquim Xavier dos Santos Guimarães

Ata de Casamento



Recém-casados, Carvalho Ramos e a esposa Mariana Fenelon Carvalho Ramos

Do casamento de Carvalho Ramos com Mariana Fenelon de Loyola, respectivamente, ele com 26 anos de idade e ela com 14, nasceram os seguintes filhos, os quatro primeiros nascidos na Cidade de Goiás. Somente Ary nasceu na cidade do Rio de Janeiro.

- 1 – Victor de Carvalho Ramos, advogado, jornalista e escritor (16.2.1893 – 14.7.1976)
- 2 – Hugo de Carvalho Ramos, advogado e escritor (21.5.1895 – 12.5.1921)
- 3 – Ermelinda de Carvalho Ramos, professora (30.8.1897 – data de falecimento não encontrada)
- 4 – Américo de Carvalho Ramos, engenheiro (19.5.1900 – 6.7.1968)
- 5 – Ary de Carvalho Ramos, médico (9.8.1911 – 4.2.1987)

Se Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho teve com o filho Carvalho Ramos seu sucessor literário, o mesmo aconteceu com o nosso biografado com seus filhos, Victor de Carvalho Ramos e Hugo de Carvalho Ramos.

Victor de Carvalho Ramos, graduou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, em 1916. Dois anos depois, estabeleceu-se em Uberaba (MG), atendendo ao convite do histórico jornalista Quintiliano Jardim para ser redator do jornal *Lavoura e Comércio*. Lá, montou escritório de Advocacia, exercendo paralelamente atividade empresarial rural. Colaborou com a Revista *Informação*



Victor de Carvalho Ramos

Goyana, do conterrâneo Henrique Silva, editada no Rio de Janeiro. Foi membro-fundador da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, co-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e membro da Academia Goiana de Letras, onde ocupou a Cadeira nº14 que tem como patrono seu irmão Hugo de Carvalho Ramos.

Publicou os seguintes livros: *O Descobrimento de Goiás e seu bicentenário*, historiografia, 1925; *Mãe-Chi*, crônicas, 1929; *Letras Goianas*, esboço histórico, 1968.

Hugo de Carvalho Ramos, principal herdeiro literário do pai, é considerado um dos introdutores da temática regionalista no País. Com dez anos de idade, como seus pais, era assíduo frequentador do Gabinete Literário Goiano. Durante seu período acadêmico, quando cursava o último ano da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de

Janeiro, cometeu suicídio, enforcando-se, na residência de sua família.

Escreveu as novelas: *Dramalhães de Faca e Bacamartes do Sertão* e *Diário de um Estudante*. Colaborou com os jornais: *A Imprensa*, *Gazetas de Notícias*, *Lavoura e Comércio* e com a revista *Fon-Fon*, publicando nesses espaços aproximadamente oitenta contos.



Hugo de Carvalho Ramos

Sua única e admiradíssima obra, *Tropas e Boiadas*, de 1917, é considerada unanimemente pela crítica nacional como uma das melhores de todos os tempos, de cunho regionalista.

Do livro: *Goyaz, 1908*, de José Alencastro Veiga



A casa onde residiu Carvalho Ramos e nasceram seus filhos, Victor, Hugo e Ermelinda

Foram intensas e significantes as múltiplas atividades intelectuais desenvolvidas por Carvalho Ramos durante os 19 anos de permanência em terras goianas, até seu falecimento, no Rio de Janeiro, ocorrido em 9 de setembro de 1911, causado por arteriosclerose, segundo informações deixadas por seu filho Victor de Carvalho Ramos.

Antes, em 1899, Carvalho Ramos já havia se ausentado de suas funções como magistrado para tratar na cidade do Rio de Janeiro de um incômodo na visão, que ameaça deixá-lo cego. Segundo seu filho primogênito, Victor de Carvalho Ramos, "a doença fora ocasionada pelo seu excesso de leituras à luz de lampiões e velas de sebo".

O *Semanario Official*, edição de 20 de fevereiro de 1899, órgão da imprensa do Estado, traz à página 1, o pedido de exoneração de Carvalho Ramos do quadro de professores do Lyceu de Goiás e a licença obtida por um período de seis meses para tratar da sua visão:

EXPEDIENTE

ADMINISTRAÇÃO DO EXCM^o. SR. TENENTE-CORONEL DR. URBANO COELHO DE GOUVÊA, PRESIDENTE DO ESTADO

Fevereiro

Dia 15

Bacharel Manuel Lopes de Carvalho Ramos, professor da aula de inglez do Lyceu desta cidade, pedindo exoneração do cargo por não poder leccionar, attento o seu incommodo de olhos.

—Concedo.

O mesmo, como juiz de direito da comarca da capital, pedindo seis meses de licença para tratar-se fóra do Estado, provando com attestado medico o que allega.

—Sim, de accordo com a lei.

Ao que parece era intenção do Carvalho Ramos, não retornar mais às terras goianas. Havia vendido a sua casa no Largo do Chafariz e estava acompanhado de sua família. No entanto, a epidemia da febre amarela que assolava a Capital Federal fez com que retornasse com os seus para a Cidade de Goiás, onde alugou uma casa, na conhecida Praça do Coreto, próxima à igreja da Boa Morte.

Em novembro de 1899, já havia reassumido suas funções como juiz de Direito da 1ª vara da Comarca da Capital de Goiás, assegura um edital com a sua assinatura publicado no *Semanario Oficial*, de 25 de novembro de 1899.

Pedidos sucessivos para tratamento de saúde constam da ficha funcional do juiz Carvalho Ramos, documentos que poderão ser vistos no capítulo específico da sua trajetória de magistrado. Não foi possível identificar a causa de tanto afastamento de sua vida funcional para tratar da sua saúde. Única exceção fica por conta, quando em 1899, é mencionado o tratamento de sua visão, que seria procedido no Rio de Janeiro.

A edição da Lei nº 325, de 1º de agosto de 1907, assinada pelo presidente (governador) do Estado de Goiás, diz em seu trecho introdutório “Por conveniência do serviço público fica em disponibilidade o juiz de Direito da 1ª Vara da Comarca da Capital, Bacharel Carvalho Ramos, até que seja aposentado...”. Fica claro, pelo teor do documento, a necessidade de sua aposentadoria, indicando que a presença do mencionado juiz no exercício de suas funções seria prejudicial aos interesses públicos, em razão da falta de condições físicas ou mentais para a pleno desempenho das elevadas e complexas atribuições do cargo.

Curiosamente, a residência onde Carvalho Ramos escolheu para viver e nela vindo a falecer, a 9 de setembro de 1911, no Rio de Janeiro, ficava situada na Rua Anna Nery, cujo nome homenageia sua conterrânea de Cachoeira (BA), que se notabilizou na Guerra com o Paraguai, trabalhando como enfermeira.

Semanario Oficial

ANNO VII

Goyaz, 5 de Outubro de 1907.

NUMERO 401

Actos do Governo



Governo do Estado

Lei n. 325, de 1.º de Agosto de 1907.

Põe em disponibilidade o Juiz de direito da 1.ª vara da comarca da Capital, bacharel Manuel Lopes de Carvalho Ramos e dá outras providências.

Miguel da Rocha Lima, presidente do Estado de Goyaz.

Faço saber que o Congresso decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. unico — Por conveniencia do serviço publico fica em disponibilidade o juiz de direito da 1.ª vara da comarca da Capital, bacharel Manuel Lopes de Carvalho Ramos, até que seja aposentado de conformidade com a lei n. 215, de 11 de Julho de 1906 e é declarada vaga a referida 1.ª vara; revogadas as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e a execução desta lei pertencerem, que a cumpram e a façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

O Secretario do Interior, Justiça e Segurança Publica a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio da Presidencia do Estado de Goyaz, 1.º de Agosto de 1907, 19.ª da Republica.

L. S. MIGUEL DA ROCHA LIMA.

J. Alves de Castro.

Sellada e publicada nesta Secretaria do Interior, Justiça e Segurança Publica do Estado de Goyaz, 1.º de Agosto de 1907.

O official servindo de chefe de secção
Bernardo Soares de Oliveira.

Lei n. 326, de 1.º de Agosto de 1907.

Obriga o cidadão Peregrino Americo da Cunha, a pagar pela barca que possui no rio Meia Ponte, no exercicio de 1902, so mente a quantia de 3500, releva o mesmo do resto do pagamento a que foi lançado e dá outras providências.

Miguel da Rocha Lima, presidente do Estado de Goyaz.

Faço saber que o Congresso decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º Fica o cidadão Peregrino Americo da Cunha obrigado a pagar pela barca que possui sobre o rio Meia Ponte, no exercicio de 1902, somente a quantia de 3500000, ficando relevado do resto do pagamento a que foi lançado no referido exercicio.

Art. 2.º O referido cidadão pagará annualmente, a partir do exercicio de 1903, a quantia de cincoenta mil rs. pela barca já citada.

Art. 3.º Revoga-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e a execução desta lei pertencerem, que a cumpram e a façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

O Secretario do Interior, Justiça e Segurança Publica a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio da Presidencia do Estado de Goyaz, 1.º de Agosto de 1907, 19.ª da Republica.

L. S. MIGUEL DA ROCHA LIMA.

J. Alves de Castro.

Sellada e publicada nesta Secretaria do Interior, Justiça e Segurança Publica do Estado de Goyaz, 1.º de Agosto de 1907.

O official servindo de chefe de secção
Bernardo Soares de Oliveira.

Lei n. 327, de 1.º de Agosto de 1907.

Concede ao Sr. José Alencastro Veiga um auxilio de um conto e quinhentos mil reis para a confecção de um album contendo descripção historica e geographica de Goyaz e dá outras providências.

Miguel da Rocha Lima, Presidente do Estado de Goyaz.

Faço saber que o Congresso decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º Fica concedido ao sr. José Alencastro Veiga um auxilio de um conto e quinhentos mil rs. para a confecção do seu album contendo uma descripção historica e geographica de Goyaz, com photographura dos pontos mais pittorescos do seu territorio.

Art. 2.º Da edição de 1.000 exemplares que se deverão imprimir, pertencerão gratuitamente 200 ao Estado.

Art. 3.º—O auxilio concedido será pago em duas prestações eguaes sendo uma quando forem apresentados os originaes do album e a segunda quando forem entregues os 200 exemplares.

Art. 4.º No contracto que se fizer, o governo incluirá as clausulas que julgar convenientes para a boa execução do album e cumprimento do contracto, tendo em vista a proposta apresentada.

Art. 5.º Se no prazo de quatro mezes não for iniciado o serviço para para a confecção do album e no prazo de dois annos não estiver concluido o mesmo, caducará o auxilio concedido.

§ unico. Os prazos serão contados desde a data em que for firmado o contracto.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e a execução desta lei pertencerem, que a cumpram e a façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

O Secretario do Interior, Justiça e Segurança Publica a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio da Presidencia do Estado de Goyaz, 1.º de Agosto de 1907, 19.ª da Republica.

L. S. MIGUEL DA ROCHA LIMA.

J. Alves de Castro.

Sellada e publicada nesta Secretaria do Interior, Justiça e Segurança Publica do Estado de Goyaz, em 1.º de Agosto de 1907.

O official servindo de chefe de secção
Bernardo Soares de Oliveira.

TRANSCRIÇÃO DA LEI QUE COLOCOU EM
DISPONIBILIDADE CARVALHO RAMOS

Lei n. 325, de 1º de agosto de 1907.

*Põe em disponibilidade o Juiz de direito da
1ª vara da comarca da Capital, bacharel
Manuel Lopes de Carvalho Ramos e dá ou-
tras providências.*

Miguel da Rocha Lima, presidente do Estado de Goyaz.

Faço saber que o Congresso decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. único – Por conveniência do serviço público fica em disponibilidade o juiz de direito da 1ª vara da comarca da Capital, bacharel Manuel Lopes de Carvalho Ramos, até que seja aposentado de conformidade com a lei n. 275, de 11 de julho de 1906 e é declarada vaga a referida 1ª vara; revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e a execução desta lei pertencerem, que a cumpram e a façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

O Secretário do Interior, Justiça e Segurança Pública a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio da Presidência do Estado de Goyaz, 1º de Agosto de 1907, 19 da República.

L. S. Miguel da Rocha Lima.

J. Alves de Castro.

O jornal carioca, *Correio da Manhã*, edição de 10 de setembro de 1911, à página 11, registra em seus "Actos fúnebres", o féretro de Carvalho Ramos:



Victor de Carvalho Ramos, filho primogênito, em um depoimento sobre o comparecimento de pessoas ao enterro do pai, comentou: "Ao seu enterro comparece um velho amigo de todas as horas e de todos os tempos, o então ministro do Supremo Tribunal Federal, Dr. Guimarães Natal, a quem Hugo, cinco anos depois, em justíssima homenagem, dedica a novela *Gente da Gleba*.

A edição do *Correio Oficial* do Estado de Goiás, de 29 de fevereiro de 1912, trouxe à página 4, voto de pesar pela passagem de Carvalho Ramos, proferido pelo desembargador Emílio Póvoa, na Egrégia Casa da Justiça Goiana, no dia 19 de setembro de 1911, cinco dias após o seu falecimento, no Rio de Janeiro:



Ministro Guimarães Natal, o "amigo de todas horas"

Voto de pesar

Em sessão ordinaria, realizada a 19 de Setembro ultimo, o Superior Tribunal, a requerimento do Senhor Desembargador Emílio Francisco Póvoa, resolveu, por unanimidade de voto, que se inserisse na Acta da sessão desse dia, um voto de pesar pelo fallecimento do Doutor Manuel Lopes de Carvalho Ramos, ex-juiz de direito da comarca desta capital, o qual, por diversas vezes, tomou assento neste Egregio Tribunal, tendo prestado relevantes serviços a este Estado.

Por volta de 1913, dois anos após o falecimento de Carvalho Ramos, sua viúva Mariana Loyola de Carvalho Ramos contraiu segundas núpcias com João Cândio Póvoa, seu conterrâneo vilaboense e colega de estudos no Colégio Lyceu, na Cidade de Goiás. O esponsal era irmão do desembargador Emílio Francisco Póvoa, amigo de Carvalho Ramos e que haveria de fazer parte do triunvirato que governou Goiás, na Revolução de 1930.

Depois do casamento de Mariana Fenelon Carvalho Ramos que passou a assinar: Mariana de Loiola Póvoa, com João Cândio Póvoa, professor catedrático da Escola Nacional de Engenharia, teve o casal dois filhos: Stella Regina de Loiola Póvoa (advogada) e João Cândio Póvoa Filho (Engenheiro Civil e crítico de ópera).

João Cândio Póvoa Filho (1916/2007) era assessor da Presidência do Grupo Votorantim e, quando a empresa completou 85 anos, em 2003, prestou a uma edição comemorativa do ato, um depoimento, parte do qual traz revelações da sua origem familiar, sobretudo, da doença que causou o afastamento de Carvalho Ramos da magistratura:

História de novela

A história da minha família daria uma boa novela. Minha mãe era a moça mais bonita da cidade de Goiás Velho. Ela morava na casa de minha avó, que ficava ao lado da casa da poeta Cora Coralina.

Naquela época, as moças das boas famílias tinham muita dificuldade de achar com quem casar, pois os rapazes saíam para estudar em Ribeirão Preto, São Paulo, Rio de Janeiro. Então, as moças acabavam tendo que casar com um funcionário do Correio, da Farmácia, coisa e tal. Um dia, apareceu em Goiás um Juiz de Direito, baiano, com 35 anos.⁴ Minha mãe tinha 13. O único lugar a que ela ia era o cemitério, aos domingos, com a mãe, uma senhora extremamente braba e austera. E este juiz viu minha mãe no cemitério. Apaixonou-se por ela e a pediu em casamento. Minha mãe fez 14 anos no dia 7 de novembro e casou-se no dia seguinte com esse doutor Manoel Lopes de Carvalho Ramos. Então, teve cinco filhos, quatro homens e uma mulher. Alguns anos depois, o doutor Carvalho Ramos ficou doente das faculdades mentais.

Goiás não tinha hospitais, não tinha médico, não tinha nada. Então, minha mãe veio até Ribeirão Preto⁵ em lombo de burro. E, depois, partiu para o Rio de Janeiro, para internar o marido. Lá, ela ficou viúva. Meu pai, que também era goiano e a conhecia, já estava na cidade. A esta altura, era professor da Escola Politécnica. Eles se conheceram no Liceu Goiano, aonde iam ler poesias. Casaram-se. E minha mãe teve mais dois filhos, minha irmã, Estela Regina, e eu, João Cândio, nome de um santo polonês, mas sem muito prestígio no Brasil.

⁴ Tinha na realidade 25 anos.

⁵ Não era a cidade de Ribeirão Preto (SP) e, sim, Araguari (MG), de onde embarcaram num trem para o Rio de Janeiro, em 1907.

Quando o engenheiro João Cândio Póvoa faleceu, em 4 de outubro de 1943, a edição do jornal carioca, *A Noite*, à página 4, noticiou o seu falecimento, nominando a prole resultante dos casamentos de Mariana de Loiola Póvoa:

FALECIMENTOS

Professor João Cândio Póvoa — Em sua residência, à rua Ibituruna, 36, faleceu, ante-ontem, o Sr. João Cândio Póvoa, antigo professor e secretário, aposentado, da Escola Nacional de Engenharia.

O extinto, que pertencia a tradicional família goiana, deixa viúva, Sra. Mariana de Loiola Póvoa, e dois filhos: Sra. Stela Regina de Loiola Póvoa, assistente jurídica da Divisão do Imposto de Renda, e o Sr. João Cândio Póvoa Filho, engenheiro, que acaba de conquistar uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, e os seguintes enteados: Sr. Victor de Carvalho Ramos, advogado em Uberaba; e senhorita Ermelinda de Carvalho Ramos, professora municipal; o Sr. Americo de Carvalho Ramos, engenheiro e industrial em São Paulo, e o Dr. Ary de Carvalho Ramos, médico nesta capital.

Era irmão do desembargador Emilio Póvoa e do juiz Arthur Abdon Póvoa, ambos da magistratura goiana, tendo o primeiro feito parte da junta governativa de Goiás, após a Revolução de 1930.

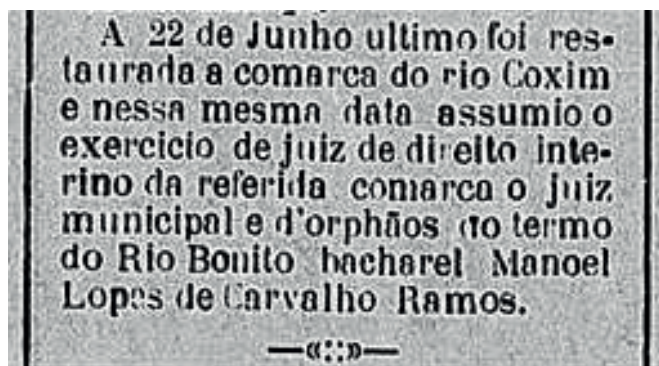
O sepultamento do engenheiro João Cândio Póvoa realizou-se ontem, pela manhã, no cemitério de São João Batista.

O MAGISTRADO

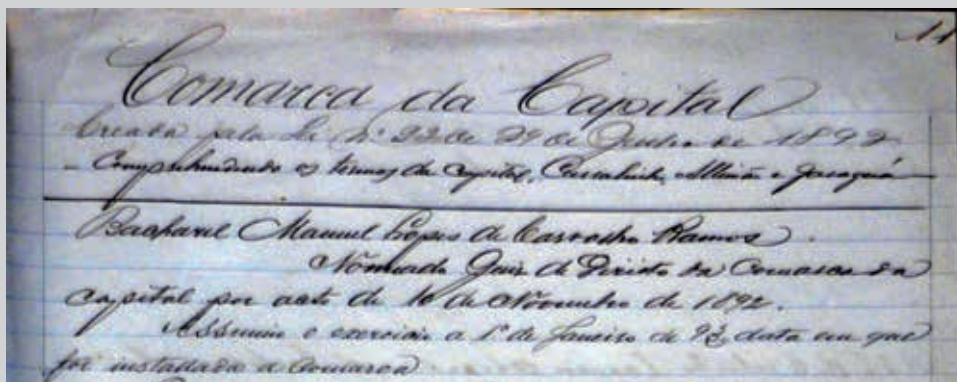
COMARCA DO RIO COXIM

Antes da nomeação para juiz substituto e, posteriormente, titular da Comarca da Capital, o biografado assumiu, por cerca de três meses, no seu segundo momento na magistratura goiana – iniciada em Torres do Rio Bonito – a interinidade de juiz de Direito da Comarca do Rio Coxim, no dia 22 de junho de 1890. A jurisdição da Comarca abrangia municípios situados na bacia dos rios Araguaia e Garças.

Jornal Goyaz, 1º de agosto de 1890



Nota da nomeação para juiz interino da Comarca do Rio Coxim



Fragmento da nomeação para juiz de Direito da Comarca da Capital

TRANSCRIÇÃO DO FRAGMENTO DA NOMEAÇÃO PARA JUIZ DE DIREITO DA COMARCA DA CAPITAL

Comarca da Capital

Bacharel Manuel Lopes de Carvalho Ramos.

Nomeado Juiz de Direito da Comarca da capital por ato
de 10 de novembro de 1892.

Assumiu o exercício a 1º de janeiro de 1893, data em que foi
instalada a Comarca.

Juiz de larga participação na vida cultural das comunidades onde atuou, Carvalho Ramos desempenhou, funções importantes na justiça goiana. Competente e estudioso, chegou a atuar várias vezes no Tribunal de Justiça em substituição.

Por seis meses, o biografado substituiu o desembargador Olympio da Silva Costa, no Tribunal de Relação de Goyaz (atual Tribunal de Justiça do Estado de Goiás), em 1898, sob a presidência do desembargador Coriolano Augusto de Loyola, irmão de Fenelon Francelino de Loyola, sogro de Carvalho Ramos.

Entre várias publicações que atestam a presença de Carvalho Ramos em substituição a desembargadores, o relatório de Governo do presidente do Estado Urbano Coelho de Gouvêa, enviado à Câmara dos Deputados, datado de 13 de maio de 1899, à página 11, confirma a presença de Carvalho Ramos, atuando como desembargador-substituto:

Memórias Goianas – Volume 15 – Ipehbc – PUC-Goiás

Para substituir o desembargador Olympio da Silva Costa, que obteve seis meses de licença para tratamento de sua saúde, esteve com assento e jurisdição plena no Tribunal o dr. Manuel Lopes de Carvalho Ramos, juiz de direito da comarca desta Capital, de 10 de Maio a 8 de Novembro ultimo.

Na condição de magistrado considerado competente e insuspeito, foi designado pelo então presidente do Estado, Antônio José Caiado para atuar no episódio que ficou conhecido como a sedição de Catalão, que ameaçou a vida do Senador Antônio da Silva Paranhos e de outras importantes personalidades da sociedade local. No desempenho dessa missão, além da criteriosa apuração das responsabilidades criminais dos envolvidos, realizou importante papel de

mediação e pacificação entre os grupos políticos conflitantes, terminando por condenar à prisão os líderes do movimento. Na corajosa e bem-fundamentada sentença prolatada na ocasião, o biografado relata em 17 considerandos, a dimensão alcançada e os principais delitos cometidos pelo movimento sedicioso formado por numeroso grupo de mais de 40 cidadãos representativos na comunidade, fortemente armados, que “assumiram” arbitrariamente algumas funções públicas, afastando as autoridades legalmente constituídas.

A motivação política do movimento, confirmada pelas pesquisas históricas do período, é revelada no quarto tópico sintetizador das conclusões apuradas. O jornal *Goyaz* fundado em 1884, pelos irmãos Antônio Félix e José Leopoldo de Bulhões Jardim, de propriedade do pai, major Inácio Soares de Bulhões, veículo de difusão das ideias liberais, em cujas páginas o biografado haveria de se tornar assíduo colaborador, publicou na edição nº 394, de 21 de abril de 1893, às páginas 1 e 2, a sentença que ele aplicara nos provocadores do que ficou conhecido em Catalão e em Goiás, como o “Primeiro (1892) e Segundo Fogos (1897)”, cujo conteúdo poderá ser visto na íntegra no anexo: O Magistrado, pág. 157.

O cumprimento da missão catalana, de Carvalho Ramos, foi citada pelo filho do senador Antônio da Silva Paranhos, o advogado, jornalista, político e escritor, Ricardo Paranhos, ao término da sua publicação: *O Crime de Catalão*, onde narrou a contenda do “Primeiro Fogo”:

Daí por alguns dias, chegou da capital o Dr. Carvalho Ramos, em comissão do Governo do Estado, para sindicar dos fatos criminosos de 16 de Dezembro.

Abriu um rigoroso inquérito, no qual depuseram muitas testemunhas, sendo a primeira delas, João Felipe do Nascimento, um dos principais chefes da sedição.

Dos depoimentos de todas ressalta clara e vibrante a culpabilidade dos sediciosos.

Os indivíduos Olyntho Baptista Rodrigues e outros mais que depuseram, são os primeiros a fazer-lhes carga, muito embora companheiros.

Aí está o processo, que é o mais formal desmentido às evasivas cavilosas dos implicados, nele, escolho poderoso e indestrutível de encontro ao qual irá naufragar-se uma parcela da opinião pública dessa que ilaqueada em sua boa fé, se manifesta em favor dos vândalos de Catalão!!!

Eisa história de todos os fatos concernentes aos negócios desta desditosa localidade: o tribunal severo da opinião pública que lance também o seu *veredictum*, que a voz retumbante da lei e da justiça se fez ouvir pedindo a punição dos verdadeiros culpados.

Catalão, maio – 1893.

Embora Carvalho Ramos tenha executado bem o seu trabalho de magistrado, no episódio do “Primeiro Fogo”, as rivalidades políticas remanescentes do período monárquico, continuaram correndo nas veias do capitão Carlos de Andrade, então chefe do Partido Conservador e de seu principal desafeto, Antônio Carlos da Silva Paranhos, do Partido Republicano. Os resquícios dessa animosidade que eclodiram no episódio conhecido como Segundo Fogo, culminando com o assassinato do senador Antônio da Silva Paranhos, tocado na porta de sua residência pelo capitão Carlos de Andrade. Dias depois de ser preso, o mencionado capitão foi fuzilado por Felipe Estrela da Silveira (casado com uma neta do senador Antônio Carlos da Silva Paranhos) e seus homens,



Senador Antônio da Silva Paranhos, assassinado em Catalão, na tarde de 30 de novembro de 1897

durante a madrugada, na “tentativa de fuga” da cadeia de Catalão, revelada com antecedência aos seus executores.

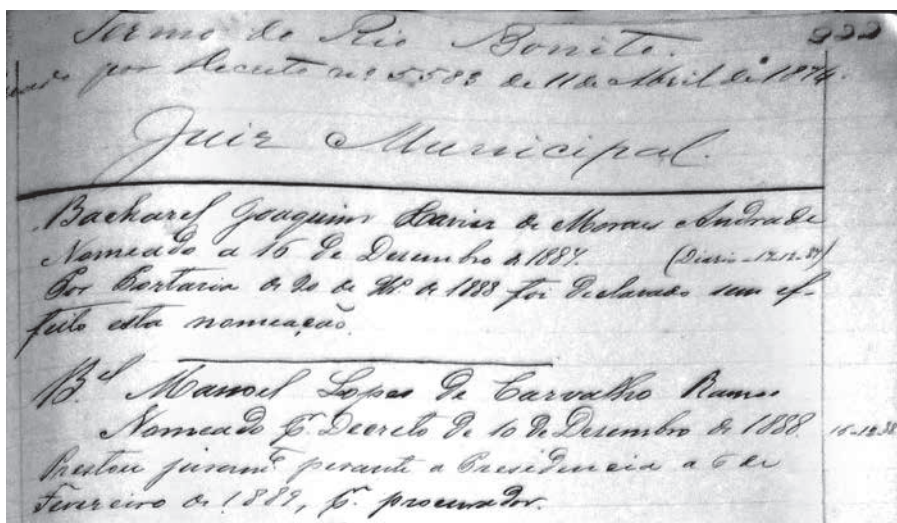
Visando à apuração das responsabilidades criminais decorrentes do episódio chamado de “Segundo Fogo” o Presidente do Estado, Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim, designou para Catalão o Juiz de Direito de Pirenópolis, João Francisco de Oliveira Godoy.

Talvez o biografado não tenha sido enviado novamente para assumir o “Segundo Fogo”, em razão de ter contraído amizade ou, quem sabe, tão somente reconhecimento pela sua atuação jurídica no episódio do “Primeiro Fogo”, com a família Paranhos e seu grupo. Essa aproximação pode ser confirmada na publicação do livro de poemas do biografado: *Os Gênios* (1895), quando ele agradeceu aos assinantes de sua obra, residentes em Catalão, e que são vários dos envolvidos no “Primeiro Fogo”, entre os quais: Senador Antônio da Silva Paranhos, Garcindo Lopes Coelho, João de Cerqueira Neto, Paulino Ribeiro Guimarães e o cônego Luiz Antonio da Costa. Ainda constando como assinante, adquirente da obra, Ricardo Paranhos, filho do senador Ricardo Paranhos.



Assassinos do Senador Antônio da Silva Paranhos. No primeiro plano, capanga Veridiano; em seguida, os chefes políticos, Elyseu da Cunha e o capitão Carlos de Andrade

O POLÍTICO



Fragmento da nomeação para juiz Municipal de Torres do Rio Bonito

TRANSCRIÇÃO DA NOMEAÇÃO PARA JUIZ MUNICIPAL DE TORRES DO RIO BONITO

Bel. Manuel Lopes de Carvalho Ramos

Nomeado por Decreto de 10 de dezembro de 1888. Prestou juramento perante a Presidência a 6 de fevereiro de 1889, por procurador

Nomeado Juiz Municipal de Torres do Rio Bonito, atual Caiapônia, em 1888, Carvalho Ramos filiou-se às ideias liberais que preconizavam mudanças, estabelecendo proveitosa relação com as lideranças políticas e culturais da capital, embora exercendo a judicatura em município distanciado da mesma pela deficiência dos meios de transporte e comunicação então existentes. Tornou-se conhecido e respeitado através dos artigos que passou a remeter para os jornais da época, iniciando pelo *Goyaz*, sob o título “Notícias do Sul”. Nesses artigos, abordava as questões que agitavam a vida política do período, marcado pela disputa de poder entre os Partidos Liberal e Conservador, sendo que o primeiro estava dividido entre duas facções: liberais e liberais clubistas. Os liberais alcançaram maior prestígio eleitoral por adotarem, como bandeiras eleitorais, sem muita consistência ideológica, metas que representavam conquistas políticas, administrativas e sociais, importantes para a época, entre as quais se destacaram a abolição gradativa da escravatura.⁶

A identificação do pensamento político de Carvalho Ramos com o ideário liberal ficou evidenciada de maneira enfática nos seus artigos publicados na imprensa da época, em especial no “GOYAZ”.⁷ Na intenção de propiciar uma visão ampla de suas ideias, iremos destacar no material pesquisado nos jornais da época, algumas opiniões formuladas por ele com base em sólida argumentação, inserindo, em seguida, a íntegra do artigo, para atender aos interessados em conhecer mais sobre o biografado e os fatos políticos e sociais marcantes da época em Goiás.

⁶ Maria Augusta Sant’Anna Moraes, discorrendo sobre a formação dos partidos políticos em Goiás, ocorrida entre 1879 e 1881, informa que os “Bulhões, representantes da facção liberal clubista, alcançaram maior êxito aureolados, demagogicamente, dos princípios liberais tais como: liberdade civil e política, descentralização administrativa, liberdade de ensino, emancipação da tutela oficial, abolição gradativa da escravidão, etc.” (Os Bulhões – história de uma oligarquia, Oriente, Goiânia, 1974, p. 54.)

⁷ O jornal “Goyaz”, criado em 1884, pertencia ao grupo dos Bulhões e era veículo de difusão das ideias liberais defendidas por esse partido.

Sua atuação mais consistente, ao lado da poesia que nunca abandonou, vicejou no terreno político, no qual sempre defendeu, com verve inflamada, ideias democráticas e republicanas, invariavelmente dirigidas a favor do aperfeiçoamento da atuação do poder político. Na segunda metade do ano de 1889, quando os ideais republicanos ganhavam força na sociedade, encampou as expectativas de mudança, preconizando as grandes transformações políticas e sociais que acreditava estarem se aproximando. Assim, em artigo cuja primeira parte foi publicada no jornal *Goyaz*, de 17 de agosto de 1889, preconizava a iminência de grandes transformações, escrevendo:

Anunciam que a era da reabilitação está soando em todos os ângulos nacionais, que muitos olhares esperançados da vitória auspiciosa das liberdades públicas já se voltam para o largo e radioso horizonte, de cujo cimo pende a sacrossanta aurora da regeneração social entre nós.

É que, ao influxo dessas forças produzidas pela ideia da verdadeira liberdade política e civil, os centros mais ou menos desertos da sociedade começam a despertar, sentindo a necessidade do trabalho que é a lei primogênita da sociedade, e a necessidade de leis novas e conformes ao século e às aspirações de um povo renascente, reclinado a sonhar, como os antigos Druidas, à beira do túmulo secular do passado.

O que se pede? Pede-se um abrigo mais vasto para a proteção de um povo desmentido e ultrajado.

Pede-se a reforma de nosso código, em cujas páginas ainda se reflete a brutalidade dos governos romanos.

Pede-se a reforma de nossas leis civis, em grande parte contraditórias com a boa ordem e segurança que devem presidir seu espírito modelador.⁸

Na continuação desse artigo, publicado em 07 de setembro de 1889, no mesmo jornal, prossegue no clima

⁸ Ler na íntegra o artigo no anexo: O Político, pág. 168.

de reivindicação de mudanças, criticando o isolamento de Goiás e as deficiências dos serviços públicos, com gosto de atualidade:

Não há absolutamente meio ordinários de vida. A indústria é uma triste fabula. Os sertões estagnam-se num circuito de duzentas léguas. Os caminhos são frequentados por animais, em vez de homens; é como nos tempos bíblicos. As poucas estradas de rodagem não merecem os cuidados do aperfeiçoamento constante. O trabalho transformou-se numa hidra, e devora os poucos audazes que o bendizem. Não dá, na acepção lata do senso jurídico, real garantia para a defesa da vida. Os criminosos vagueiam armados, e folgam ante o rosto das autoridades desprestigiadas e esquecidas. Um entorpecimento vago, enfadonho e tristíssimo imunda todos os corações bem formados. A atmosfera social está saturada de pensamentos negros e abjetos. A decadência das coisas públicas associa-se a das coisas morais.

É interessante notar que os problemas mais graves denunciados por Carvalho Ramos há mais de um século continuam estigmatizando a sociedade brasileira notadamente quanto às deficiências dos serviços públicos, a criminalidade e a decadência da moral pública. Anotando que em Goiás não “houve mudanças marcantes da Colônia para o Império”, historiadores que se ocupam do período retratam as mesmas carências apontadas por Carvalho Ramos como fatores de insatisfação dos goianos com a administração imperial na fase anterior à proclamação da República, assinalando que a ausência de progresso na província era fator de descontentamento,

embora as causas extrapolassem as possibilidades dos administradores: as grandes distâncias, a ausência de um produto econômico básico que encontrasse

aceitação no mercado consumidor, a carência de mão de obra, a falta de transporte, a corrupção e a ignorância dos funcionários, a ignorância e a escassez da população, entre outros.⁹

Tal insatisfação, inclusive, desaguou no movimento nacionalista de 23 de agosto de 1831, que depôs todos os portugueses “que ocupavam cargos públicos em Goiás.”¹⁰ Mais adiante, no mesmo artigo intitulado “Notícias do Sul – Continuação”, verberando deficiência angustiosa (e crônica) de nossa democracia política, condena a falta de ideias (que seriam atualmente os programas) dos partidos políticos, como se falasse hoje, em considerações tão atuais que poderiam constar do editorial de qualquer jornal de circulação nacional de nossos dias.

Perspícaz e com gosto de atualidade, parece dirigida à realidade política hodierna a passagem do mencionado artigo que assinala:

Não há partidos, o que se pode afirmar com segurança é que não há ideias. Sem ideias nenhum eleitorado é independente, ouvirão outros; a independência, no caso vertente, é preparada pela instrução popular; e se não existe a instrução, como desejar um eleitorado independente? Mas para atingir a ideia geral da política, não é preciso se tenha instrução, tal como esta palavra é cientificamente entendida. Trata-se de aspirações ao progresso por todos os sentidos. A grande força política está nisto: na ausência de aspirações. Ora, em consequência, o eleitorado não sente a necessidade do engrandecimento local não se pode ser perfeito, nem útil aos interesses gerais.¹¹

⁹ PALACÍN, Luis e MORAES, Maria Augusta de Sant’Anna. *História de Goiás*. Editora da UCG, Editora Vieira: Goiânia, 7ª edição, 2008. 87.

¹⁰ PALACÍN, Luis e MORAES, Maria Augusta de Sant’Anna. *História de Goiás*. Ob. cit. p. 88.

¹¹ Ler na íntegra o artigo na pasta de Anexos: O Político, pág. 171.

As proféticas críticas de Carvalho Ramos se revelaram, com o passar do tempo, inteiramente procedentes porque o Estado ainda é incapaz de prestar com eficiência serviços públicos essenciais como saúde, segurança pública e educação. Os partidos políticos, da mesma forma, entre tantas carências que persistem até nossos dias, têm na ausência de base programática que possa orientar políticas públicas congruentes e transparentes o seu maior e mais grave defeito. As deficiências do Estado na prestação dos mencionados serviços públicos essenciais além da corrupção, abusos de poder do Executivo, falência do sistema prisional, ausência de representatividade dos partidos políticos e disfuncionalidades institucionais do Legislativo e do Judiciário constituíram o eixo central das reflexões desenvolvidas no livro *O Estado Infrator*,¹² escrito pelo autor deste estudo, demonstrando que os diagnósticos de Carvalho Ramos continuam atuais e antenados com as realidades goiana e brasileira.

A queda do império em 1889 despertou nos republicanos idealistas esperanças de novos horizontes de progresso e desenvolvimento. Carvalho Ramos não destoou desses sentimentos patrióticos que viam no advento da República o momento de ruptura com estruturas políticas, administrativas e econômicas arcaicas, vislumbrando o surgimento de uma era de renovação e progresso. Em carta dirigida a Rui Barbosa e publicada no Jornal Goyaz em 13 de março de 1890,¹³ externou todo o vigor do positivismo e cientificismo que impregnou o pensamento de muitos idealistas nos anos crepusculares ao século XIX, prenunciando o século XX como uma época de conquistas e realizações da humanidade nos campos do progresso científico, técnico e político. Otimista como tantos outros liberais e republicanos, acreditava, como registrado na

¹² Editora Fórum, Belo Horizonte, 2012, pág. 238.

¹³ GOYAZ – 13/03/1890, COMUNICADO – Cidadão Ruy Barbosa – Ler na íntegra o artigo na pasta de Anexos: O Político, pág. 175.

missiva, que “o século vigésimo será o século da paz”. Mal sabiam ele e seus companheiros de idealismo que a história reservava para a humanidade, no século seguinte, duas guerras mundiais, muitas guerras localizadas (ver guerras do século XX), o inominável genocídio, representado pelo holocausto, que vitimou mais de 10 milhões de pessoas entre judeus e não judeus e as duas maiores devastações atômicas produzidas até agora pela humanidade (Hiroshima e Nagasaki), que consumiriam milhões e milhões de vidas de adultos e crianças. Ainda distante dessas tragédias e sob o influxo das formidáveis conquistas sociais alcançadas naqueles momentos históricos que antecederam e se sucederam ao fim do regime imperial, ressaltou entusiasmado a contribuição de Rui Barbosa para os principais progressos, enfatizando com a vibração comum aos românticos do século XIX, que:

O espírito nacional parece agora renascer. Ah! Quanto o haviam asfixiado! A asfixia de ideia, do sentimento e da honra! Era um crime. A nódoa está felizmente apagada. Bem vedes: a imagem da pátria não se refletirá no século XX com as sombras do escravagismo e do trono. A quem coube a restauração? Não é preciso dizê-lo: a vós coube a iniciativa, e aos vossos dignos companheiros a mais firme adesão. Não interveio a força armada, não foi preciso um batismo de sangue, nem Marats, nem Bastilhas: e o triunfo não passou de um momento!

Em que pese o exagero semântico da forma, desnecessário frisar que a grandiosidade dos avanços representados pela abolição da escravatura e a adoção da República justificavam o otimismo que tomou conta dos espíritos sintonizados com o futuro.

Nessa perspectiva de crença em horizontes ascendentes, passou a defender esses ideais e contribuir para tais

propósitos com trabalhos de fôlego, que propunham soluções para o desenvolvimento agrícola e industrial de Goiás. Em substancioso artigo de fevereiro de 1890, depois de manifestar o júbilo pela queda do “pré-histórico monarquismo, cujo castelo em ruínas acaba de ser esboroadado pelo incansável publicista, conselheiro Ruy Barbosa”, sugere a promoção pelo governo, da colonização do sul do Estado como forma de alcançar o desenvolvimento agrícola. Argumenta, fundamentando-se em dados da produção agrícola da Alemanha, que essa seria uma enorme empreitada que só poderia ser enfrentada pelo governo, agora Estado Federado independente, afirmando ser de opinião

que o Estado de Goiás deve realizar logo que esteja definitivamente adotada a nova constituição política, a criação de núcleos coloniais no sul, onde se entende uma zona magnífica da cerca de trezentas léguas de circuito, abundante em todas as sortes de riqueza, desde a flora mais interessante e variadíssima aos milhares, cujos produtos já tem sido por mais de uma ocasião verificados.¹⁴

Ainda no mesmo ano, o biografado, francamente anticlerical, manifestou entusiasmo pela edição do Decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1890, que instituiu o casamento civil e o divórcio pela primeira vez no Brasil. Em artigo em artigo publicado no Jornal “Goyaz” de 24 de abril de 1890,¹⁵ enalteceu a quebra de monopólio eclesiástico do casamento, que deixou de ser apenas religioso e passou a ser encarado como um contrato civil, afirmando:

¹⁴ Jornal GOYAZ, Correspondência, A colonização de Goiás – 14/02/1890. Ler na íntegra o artigo na pasta de Anexos: O Político, pág. 179.

¹⁵ Jornal Goyaz, COLABORAÇÃO – Ainda o Casamento Civil, 24/04/1890. Ler na íntegra o artigo na pasta de Anexos: O Político, pág. 184.

Aí esta viva ainda a impressão fortíssima causada sobre esses povos antípodas do nosso progresso político, o decreto n.º 181 de 24 de janeiro próximo passado, cuja letra é um dos mais energéticos protestos lançados à conta da república e do nosso país, sobre o monopólio eclesiástico tão longamente tolerado no Brasil!

Mais adiante, no mesmo artigo, condenou a limitação que proibia aos cônjuges divorciados em razão de adultério a possibilidade de contrair novas núpcias, punindo, com a mesma restrição vedatória, o inocente e o culpado da conduta desonrosa que deu causa ao desfazimento do vínculo conjugal. Discordando dos termos do Decreto embora entendendo que o seu advento representara importante evolução para a sociedade, verberou com veemência:

Dada a hipótese do art. 82 §1º, o legislador terá cometido uma incontestável injustiça. Uma verdadeira equidade, porquanto virá exposto a um dilema bem acerbo o cônjuge não culpado, coagido de súbito, pelo rubor de sua honra e dignidade inteiramente ultrajadas a recorrer – ou à prostituição ou à mancebia, o que é mil vezes pior. O legislador teria completado a lei, se punindo o cônjuge criminoso pela impossibilidade de um novo consórcio, desse liberdade ao cônjuge inocente a contrair novo casamento, porque então, nesse caso não tomaria a sorte do cônjuge ofendido ainda mais desgraçada, nem irremediável o seu tristíssimo futuro.

Pelo visto, não foi apenas o sentimento de justiça ou a prática de analisar as questões sociais sob a ótica do direito, por força do ofício de Juiz, que motivou a análise do articulista. Evidente o caráter mais uma vez precursor de Carvalho Ramos, ressaltado em tantos escritos, ao defender a liberdade de opiniões e igualdade de condições jurídicas para os remanescentes do desfazimento do vínculo conjugal,

progressos que só seriam alcançados muitos anos mais tarde pela legislação civil brasileira.

A vida republicana brasileira, no entanto, teve um começo tumultuado, caracterizado por crises e golpes de Estado. O marechal Manuel Deodoro da Fonseca foi eleito por um Colégio Eleitoral, formado por deputados e senadores, primeiro Presidente do Brasil, em 25 de fevereiro de 1891. Tomou posse, formou o seu Ministério, compôs o Supremo Tribunal Federal e baixou os primeiros atos do governo provisório. Todavia, o governo Deodoro esbarrou nas dificuldades naturais de implantação de um regime republicano à sombra de arraigado espólio monárquico, em época de grande instabilidade política e econômica, agravada pelas tentativas de centralização do poder e oposição por parte de outros setores das Forças Armadas. A pressão popular e a crescente oposição a Deodoro, existente no Congresso, fez com que os deputados e senadores tentassem votar, de agosto a novembro de 1891, uma “Lei de Responsabilidades” que reduzia os poderes do Presidente e permitia a decretação do seu *impeachment*. A reação de Deodoro foi imediata e drástica. Declarou estado de sítio e fechou o Congresso Nacional em 03 de novembro de 1891, desencadeando uma grande crise nacional com governadores apoiando e se opondo a essas medidas. O gesto autoritário de Deodoro, nos albores da República, ideal tão sonhado pelas consciências liberais do país como símbolo de liberdade e democracia, traumatizou a nação e decepcionou a muitos.

Tais fatos não passaram despercebidos a Carvalho Ramos, que na longínqua capital do Estado de Goiás, em artigo intitulado “3 de Novembro”, publicado no jornal *Goyaz*, menos de um ano depois, manifestou seu inconformismo em palavras dramáticas, apaixonadas, deixando entrever as consequências danosas que aquele episódio, a título de mau

exemplo, representaria para os futuros desdobramentos do exercício do poder no Brasil, bradando, ao referir-se a 3 de novembro de 1891:

É uma data negra, abominável, fatídica na história política de república. Nessa data o Brasil deixou de ser um povo, o povo deixou de ser a sociedade, a sociedade abdicou os seus direitos, voltando as costas ao que lhe há de mais caro sobre a terra – a liberdade. Que é que faz essa data? A obliquidade determinou o desprezo à constituição, a indiferença ao juramento prestado e o sarcasmo à confiança nacional, três elementos do crime transformados na cadeia pesada do algoz contra o povo, – o objetivo dessa noite –, que ficou registrada na história para a vergonha da pátria. Esse crime não foi impensado. Era uma aspiração – aspiração baixa, mas decidida, firme e inadiável. Era necessário iludir a república pelo dolo, destruir a consciência nacional pela força, usurpar então a soberania do povo pelo despotismo: prelúdio das trevas, esfacelamento de morte.¹⁶

Registrou a história, entretanto, que o ensaio ditatorial de Deodoro teria pouca duração. Em 23 de novembro de 1891 o Almirante Custódio de Melo, a bordo do encouraçado Riachuelo, ameaçou bombardear a cidade do Rio de Janeiro e provocou a renúncia de Deodoro, tendo assumido a presidência da República o vice-presidente Floriano Peixoto.

Embora culto e competente na sustentação de seus pontos de vista, as opiniões de Carvalho Ramos e o seu anticlericalismo não ficariam sem respostas à altura. Nesse mesmo ano de 1891, em 03 de março, um contestador anônimo de suas teorias respondeu, na *Gazeta Goyana*, usando o título *Collaboração*, artigo seu publicado no jornal *Goyaz*, com irônica mordacidade.

¹⁶ Ler na íntegra o artigo na pasta de Anexos: O Político, pág. 194.

Afirma o articulista anônimo, valendo-se de expressão latina, que o “número dos tolos é infinito” e que a crença no espiritualismo dos “embustes” de Allan Kardec, pai doutrinário do espiritismo, redundava em rematado materialismo, ironizando:¹⁷

Deparando no *Goiás* de 27 de fevereiro com um artigo assinado por Carvalho Ramos e endereçado ao desembargador Coriolano A. de Loyola, mais uma vez verificamos a verdade do acerto da Bíblia quando diz – *stultorum infinitus est numerus*.

A simples leitura do tal escrito demonstra as angústias de uma alma torturada pela descrença, pois debate-se entre as teorias materialistas de Darwin, as hipóteses subjetivas de Augusto Comte e os embustes de Allan Kardec. Por isso, todo artigo é acervo de contradições e períodos desconexos.

Mais adiante, o autor da resposta refere-se ao anticlericalismo de Carvalho Ramos, presumivelmente a verdadeira causa da agressiva contestação:

Acrescenta o autor de epistola, – “Darwin, Comte e Allan Kardec não se entendem, mas escrevem livros para extinguir a cegueira dos povos.” Isto é simplesmente um dislate, é incompreensível, absurdo!

[...]

É ainda semelhante aquele que, com espírito preconcebido e eivado de ódio gratuito e ridículo, em todo o que é ilegal, injusto e mal quer enxergar a influencia ou insinuação do clero. Mais uma contradição quando depois de afirmar que a verdade e a ciência, sem pestanejar declara que a nossa ignorância é invencível. O que é invencível não se pode debelar mesmo por meio d’essa ciência que tudo vence, que seca as lágrimas, que só vê na mulher o ente sensual objeto do gozo material!

¹⁷ Ler na íntegra o artigo na pasta de Anexos: O Político, pág. 190.

Na edição do dia 25 de março daquele ano, prossegue o artigo-resposta ironizando as ideias de Carvalho Ramos, especialmente no tocante às alusões feitas a Allan Kardec, sempre respeitosas e reverentes.

As pesquisas realizadas nos jornais da época revelaram ainda que a vinculação de Carvalho Ramos ao espiritismo e o anticlericalismo que não escondia, motivaram muitas respostas e críticas de irônica mordacidade, que foram difundidas, principalmente, pelo jornal Estado de Goyaz, de 1891 a 1896.

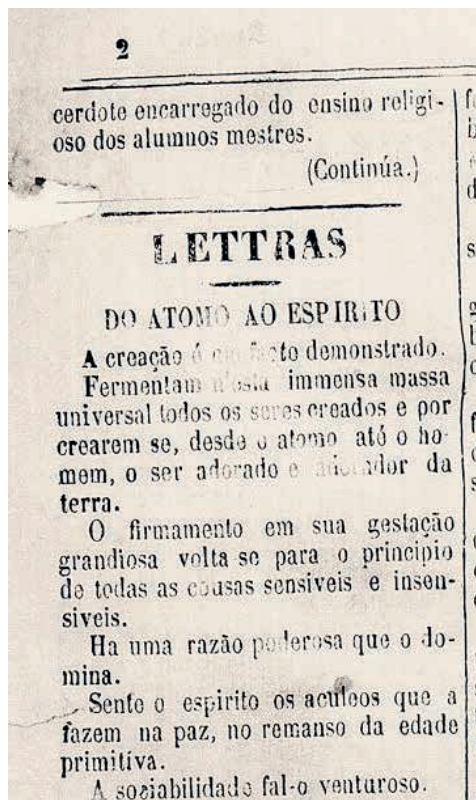
A título de exemplo do nível de questiúnculas políticas ou de oposição religiosa de tais manifestações, vamos inserir no anexo dois artigos discordantes das opiniões emitidas por Carvalho Ramos, sem aprofundamento na questão por se tratar de episódios provincianos e sem repercussão na trajetória do biografado ou no desdobramento dos fatos políticos posteriores.

O ESPIRITUALISTA

Sinais da espiritualidade de Carvalho Ramos são encontrados em seus atos humanistas, documentados em jornais, desde a Faculdade de Direito de Recife, quando integrou O Clube Libertador Ferreira França, composto por acadêmicos do curso, cuja fundação e reuniões, publicadas nas páginas do *Jornal do Recife*, estão disponibilizadas em forma de recortes, na pasta de anexos: O Espiritualista. Nessas publicações, Carvalho Ramos aparece integrando a comissão responsável pela elaboração dos estatutos, ora declamando poesia.

Ainda na Faculdade, alinhou-se a um grupo de colegas para dar sustentação financeira de estudos a estudantes carentes do curso.

Outro forte sinal de espiritualidade pode ser visto no texto que ele publicou no jornal *O Guarany*, no dia 5 de julho de 1885, na página 2, editado em sua terra natal, Cachoeira (BA). Ainda que algumas palavras estejam esmaecidas pela ação do tempo, vale o esforço de leitura pelo seu conteúdo de humanismo, de ascendência espiritualista:



Depois, como não basta seja o homem sociável, ha uma determinação em seu espirito, determinação espontanea: ser laborioso.

Ainda não satisfaz. Borbulha no coração outro sentimento mais vigoroso: ter uma companheira.

Ainda não basta. Pede ao sol o seu brilho, ás noites a sombra caliginosa, ao mar as ardências, aos valles a tristeza, á aurora a magnificencia de suas cores, ás florestas o sonoro farfalhar das arvores seculares; é então o homem o animal por excellencia: o querer e o não querer, o viver e o não viver, o sentir e o não sentir.

E a vida e a morte são inevitavelmente.

Parece que a humanidade recolhe as mãos inertes, quando as estendem vastas de gratidão ao céu.

Não! Ha uma presa muita bella na alma.

O amor balbuciando um hymno, a virtude idealizando um angé, o pensamento reflectindo na luz de todas as coisas, tem a metade d'aquella prece — a terra, e um pouco d'aquella delicia — o céu.

Os grilhões acasa forçam o espirito.

A impotencia material flagella-o, mais não o mata.

Tomos agora tudo em movimento. Ha um grande parentese no espirito dos povos: — que é a humanidade?

Dizei que é o animal em sua per-

fecção: não ficou revelado o problema.

Dizei que é o alomo em sua grandesa: não está definida.

Dizei que é o trabalho em toda sua excellencia: eis-a!

Como que Deus ergueu n'esta figura transitoria dous hombros e dous braços: os hombros levarão a cruz; os braços levarão a vida.

O cerebro levará o presente ao futuro, como os pés transportam de dia em dia, de hora em hora, a nossa sombra fugitiva.

Na grande lucta a imaginação pode transformar-se em uma constellação maravilhosa, — e tendes, por consequencia, Dante.

Na transformação das almas o coração pó-lo concentrar toda a philosophia inacessivel — e tendes, em toda sua grandesa eterna, — Jesus Christo.

A seiva perenne passará por todos os elos. Na fragilidade da mulher se chamará — o amor; na soberania do homem se chamará — o trabalho.

Terá de ser inutil, como terá de ser grande e proveitosa.

Na ar, sentil-a-hels á vida; no calor á successão illimitada dos seres.

A vitalidade será imensa para o terceiro seculo depois de nós.

As grandiosas tribus da primeira idade do homem bíblico formaram a vida em successão espirital.

Judi foi a luz Ruben o temor Simeão a morte, Dan a paz, Nephthali a discordia, Gad o crime, Aser a intolerancia, Issachar a paixão, Zabulão a coardia, Benjamin o amor Ephraim a miseria, Manassés a destruição.

A luz acompanhou a humanidade. A terrivel transformação não chegou até o fim.

As constellações promettem uma aurora para o destino de todas as cousas.

Caleando a terra é o homem. Imagem transitoria, que passo e tempo olhando para o alto é o homem a aguilha, que se dirige para Deus.

Elle vem da luz e parte para a luz; elle vem do céu e parte para o céu.

Eis a ultima phase da humanidade.

CARVALHO RAMOS.

Acesso a essa publicação, só foi possível, graças a Igor Roberto de Almeida Moreira, tri-sobrinho-neto de Carvalho Ramos, que nos informou de sua existência e permitiu retirá-lo da sua pesquisa *Manuscrito das Famílias Lopes de Carvalho Ramos*, cujo trabalho encontra se em desenvolvimento.

TRANSCRIÇÃO DO TEXTO LETRAS

LETRAS

DO ÁTOMO AO ESPÍRITO

A criação é em fato demonstrado.

Fermentam nesta imensa massa universal todos os seres criador e por criarem se, desde o atomo até o homem, o ser adorador e adorador da terra.

O firmamento em sua gestação grandiosa volta se para o princípio de todas as causas sensíveis e insensíveis.

Há uma razão poderosa que o domina.

Sente o espírito os acúleos que a fazem na paz, no remanso da idade primitiva.

A sociabilidade tal-o venturoso.

Depois, como não basta seja o homem sociável, há uma determinação em seu espírito, determinação espontânea: ser laborioso.

Ainda não satisfeito, borbulha no coração outro sentimento mais vigoroso: ter uma companheira.

Ainda não basta. Pede ao sol o seu brilho, às noites a sombra caliginosa, ao mar as ardentias, aos vales a tristeza, à aurora a magnificência de suas cores, às florestas o sonoro farfalhar das árvores seculares; é então o homem o animal por excelência: o querer e o não querer, o viver e o não viver, o sentir e o não sentir.

É a vida e a morte sucessivamente.

Parece que a humanidade recolhe as mãos cheias, quando as estendem vastas de gratidão ao céu.

Não! Há uma prece muito bela na alma.

O amor balbuciando um XXX*, a virtude idealizando um anjo, o pensamento refletindo na paz de todas as coisas, tem a metade daquela prece – a terra, e um pouco daquela delícia – o céu.

Os grilhões acaso forcem o espírito.

A impotência material flagela-o, mais não o mata.

Temos agora tudo em movimento. Há um grande parentese no espírito dos povos: – que é a humanidade?

* Ilegível

Dizei que é o animal em sua perfeição: não ficou revelado o problema.

Dizei que é o átomo em sua grandeza: não está definida.

Dizei que é o trabalho em toda sua excelência: ei-la!

Como que Deus erguei nesta figura transitória dois ombros e dois braços: os ombros levarão a cruz; os braços levarão a vida.

O cérebro levará o presente ao futuro, como os pés transportam de dia e m dia, de hora em hora, a nossa sombra fugitiva.

Na grande luta a imaginação pode transformar se em uma constelação maravilhosa, – e tendes, por consequência, Dante.

Na transformação das almas o coração pode concentrar toda a filosofia inacessível – e tendes, em toda sua grandeza eterna, – Jesus Cristo.

A seiva perene passará por todos os elos. Na fragilidade da mulher se chamará – o amor; na soberania do homem se chamará – o trabalho.

Terá de ser inútil, como terá de ser grande e proveitosa.

No ar, senti-la-heis à vida; no calor, à sucessão ilimitada dos seres.

A vitalidade será imensa para o terceiro século depois de nós.

As grandiosas tribos da primeira idade do homem bíblico formaram a vida na sucessão espiritual.

Judá foi a luz, Ruben o temor, Simeão a morte, Dan a paz, Neftali a discórdia, Gad o crime, Aser a intolerância, Issachar a paixão, Zabulão a covardia, Benjamim o amor, Ephraim a miséria, Manassões a destruição.

A luz acompanhou a humanidade. A terrível transformação não chegou até o fim.

As oscilações prometem uma aurora para o destino de todas as coisas.

Calcando a terra é o homem a imagem transitória, que passa no tempo: olhando para o alto é o homem a águia, que se dirige para Deus.

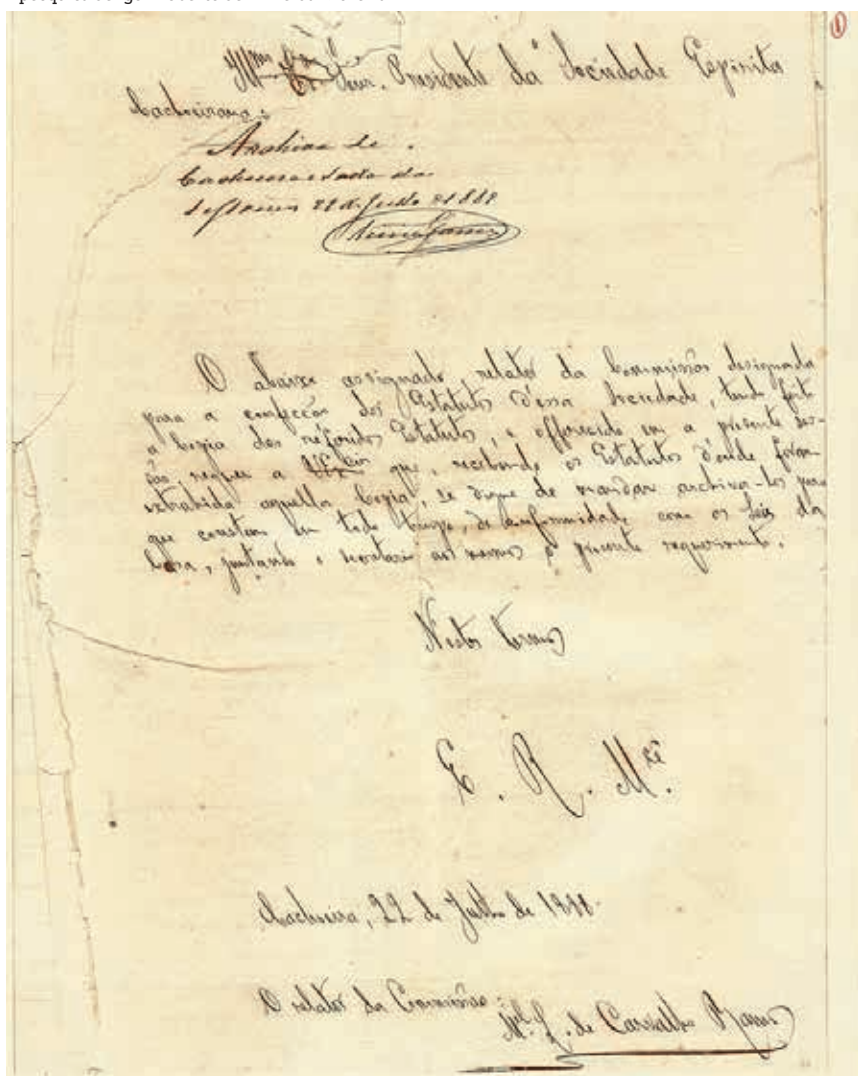
Ele vem da luz e parte para a luz; ele vem do céu e parte para o céu.

Eis a última fase da humanidade.

Carvalho Ramos

Após a sua graduação em Direito, em Cachoeira (BA), participou da criação da Sociedade Espírita Cachoeirana, provavelmente, o gesto inaugural do seu envolvimento direto com a doutrina espírita.

Acervo do jornalista Jorge Ramos, extraído do *Manuscrito das Famílias Lopes de Carvalho Ramos*, pesquisa de Igor Roberto de Almeida Moreira



Documento onde Carvalho Ramos assina como responsável pela elaboração dos estatutos para a fundação da Sociedade Espírita Cachoeirana.

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO ONDE CARVALHO
RAMOS ASSINA COMO RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO
DOS ESTATUTOS PARA A FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE
ESPÍRITA CACHOEIRANA

XXX* Presidente da “Sociedade Espírita Cachoeirana”

XXX*

XXX*

XXX*

O abaixo assinado relata da comissão designada para a confecção dos estatutos dessa sociedade, tendo feito a cópia dos referidos estatutos, e oferecido em a presente sessão, requer a V.Ex.^{cia} que, recebendo os estatutos onde foram extraída aquela copia, se digne de mandar arquivá-los para que constem em todo tempo, de conformidade com as leis da casa, juntando o secretário aos mesmo o presente requerimento.

XXX*

XXX*

Cachoeira, 22 de julho de 1888

O relator da Comissão:

Manuel Lopes de Carvalho Ramos

* Ilegível

Residindo na Cidade de Goiás, exercendo a função de juiz de Direito da Comarca da Capital, Carvalho Ramos, uniu-se a outros pioneiros do espiritismo no Estado, como Luiz Marcelino de Camargo Jr., Tristão Luiz Xavier Brandão e Antônio Cupertino Xavier de Barros.

Documentos da época atestam que Carvalho Ramos estudou e praticou a homeopatia, sequenciando seu humanismo, ajudando despretensiosamente, ricos e pobres, sem cobrar por isso. Estudou e defendeu as ideias espíritas preconizadas por Allan Kardec,¹⁸ o fundador e codificador do espiritismo, quando suas obras ainda nem eram conhecidas pela maioria dos brasileiros, porque haviam sido publicadas na França pouco antes dessa desafiadora profissão de fé. Basta lembrar, a esse respeito, que o livro contendo os princípios fundamentais da doutrina espírita, *O Livro dos Espíritos*, só foi editado naquele país em 1857. Defensor apaixonado das ideias espíritas, registrou, mais tarde, seus profundos sentimentos de pesar relembrando o falecimento do grande codificador da doutrina espírita, ocorrido no dia 4 de outubro de 1869, acreditando que as atividades de Allan Kardec teriam prosseguimento no campo da espiritualidade, afirmando que:

O século viu-o nascer e o mesmo século recebeu-lhe os verdadeiros adeuses. Predisse muito antes Allan Kardec o dia de sua partida, caiu ferido pela morte, como sábio Sócrates, rodado de seus fiéis discípulos. O sol do dia 4 sumia-se no acaso: o gênio enviado, ao expirar d'esse dia, não desaparecerá nesse outro acaso, dentre muitos retornam, despertará no meio dos eleitos da verdadeira crença, em face do resplendor perante esse outro mundo, onde, segundo o Evangelho, não há mais

¹⁸ Hippolite León Denizard Rivail, foi o educador, escritor e tradutor francês que publicou suas obras sob o pseudônimo de Allan Kardec. Nasceu em Paris em 1804 e morreu em 1869, deixando editadas as obras que vieram ser a doutrina fundamental do espiritismo, escritas entre 1857 a 1869. São as principais: *O Livro dos Espíritos* – 1857; *O Livro dos Médiuns* – 1861; *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – 1864; *A Gênese* – 1868; *Os Milagres e as Predições* – 1868.

sede, nem enfermidade, nem morte. E lá a sua atividade incansável estender-se-á sobre um circulo mais largo do que a terra, que ele tão depressa deixou, mais cuja direção científica lhe compete como reformador. Lá, cercado de tantos outros notáveis obreiros de bem e do progresso, a par dos grandes gênios da antiguidade, face a face com o Cristo, – o piedoso mártir de Nazaré, – o filosofo em puro espírito contempla o Universo, que lhe tão bem soube estudar, o homem a quem tão profundamente consolou com seus conselhos, animou com seus exemplos e reformou com suas obras inimitáveis.¹⁹

Essa adesão ao espiritismo trouxe grandes problemas para a vida de Carvalho Ramos, incluindo o debate religioso entre tantas polêmicas nas quais se envolveu o magistrado e escritor. Para a exata compreensão, no entanto, da gravidade das imputações que lhe foram feitas por seus desafetos, levando-o a se defender pela imprensa da acusação do crime da prática do espiritismo, é indispensável lembrar, conforme já anotado, que o Código Penal em vigor na época, tipificava como crime, no seu artigo 157²⁰ a “prática do espiritismo, magia e seus sortilégios”. E mais ainda, a igreja católica havia incluído, em 1864, as obras espíritas no seu *index negro*, entre aquelas proibidas para os católicos.

¹⁹ *Jornal Goyaz* – 07/10/1892 – N. 366, pag. 03. Ler na íntegra o artigo no anexo: O Espiritualista, pág. 202.

²⁰ O mencionado artigo 157 do Código Penal do império, de 1830, então vigente, conforme transcrição do artigo de Carvalho Ramos, definia como crime: “Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

Penas – de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500.000.

§ 1º. Si por influencia, ou em consequência de qualquer d’estes meios, resultar ao paciente privação ou alteração temporária ou permanente, das faculdades psíquicas:

Penas – de prisão celular por um a seis anos e de multa de 100\$ a 500.000.

§ 2º. Em igual pena, e mais na privação do exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, incorrerá o médico que diretamente praticar qualquer dos atos acima referidos, ou assumir a responsabilidade deles.”

(Atualização ortográfica do autor).

Respondendo às acusações de prática de espiritismo, que lhe foram feitas pela imprensa, Carvalho Ramos, em artigo publicado no *Jornal de Goyaz* – 21/10/1892 – Nº 368, condenou, em defesa da liberdade religiosa, a equiparação do espiritismo à magia e a cartomancia, confundindo-o com “ridículas exhibições de comédia”. E não titubeou – mesmo na desconfortável situação de magistrado questionado publicamente pelo descumprimento de lei – em reafirmar corajosamente a sua crença de forma objetiva e fundamentada:

Eu sou espírita convicto, e, dentro de minha casa, posso fazer todas as experiências espíritas, sob todas as formas; e, sob tais condições, não há Código Penal algum na terra que possa coibir-me de consagrar alguns momentos à divina prática de uma ciência tão vasta quanto a natureza. Tal ciência, que resulta da longa experiência e do detido exame dos fenômenos que prendem-se às leis espirituais, jamais será combatida, ou sequer refutada com vantagem, levando ao contrário, em sua frente de vencida, todos os obstáculos, que possam-lhe oferecer os materialistas, as manifestações espíritas não podem ser jamais tolhidas pela má vontade de seus adversários.²¹

Tanto é assim que o jornal espírita *Grão de Mostarda* publicou, na edição de abril de 1977, a ata de uma sessão espírita realizada na casa de Carvalho Ramos, na Cidade de Goiás, em 13 de junho de 1906, manuscrita por ele, documento que registra o diálogo entre o presidente da sessão e o espírito do falecido senador Torquato Caiado. Segundo o periódico, a ata foi entregue ao Dr. Antônio Ramos Caiado, que mais tarde deu-a de presente à sua filha Consuelo Ramos Caiado, quem finalmente teria cedido o registro ao jornal.²²

²¹ Citação com ortografia atualizada pelo autor. Ler na íntegra o artigo no anexo: O Espiritualista, pág. 204.

²² A ata manuscrita, bem como o seu traslado feito para a publicação, leia na íntegra no anexo: O Espiritualista, pág. 209.

Em dois artigos publicados no jornal *Goyaz*, em 04/11 e em 11/11/92, mesmo desafiando e provocando as críticas daqueles que discordavam de seus pontos de vista religiosos, revela, no primeiro deles, fatos auspiciosos para o espiritismo da época, ao noticiar a criação de uma comissão permanente de defesa dos adeptos dessa religião quando sofrerem restrições decorrentes da aplicação dos artigos 157 e 158,²³ do Código Penal então em vigor. Nesse artigo, depois de renovar sua crença de que a doutrina espírita “é um ensinamento verdadeiro, lógico e propagado por seu caráter de tolerância em quase todas as capitais do mundo”, demonstra mais uma vez sua erudição e cultura religiosa nesse campo, divulgando uma extensa lista de jornais e revistas espíritas publicadas em vários países do mundo.²⁴ No segundo, conclui a extensa lista das publicações referenciadas e renova sua crença na doutrina, enaltecendo, mais uma vez, Allan Kardec, afirmando que:

Tão vasta nomenclatura de jornais ou periódicos defensores da ideia que se tem propagado desde 1858, é ao menos uma prova irrecusável de que de que Allan Kardec, o mais elevado gênio e missionário deste século, não fundamentou a esmo a ciência espírita, que, presentemente – segundo uma estatística publicada pela própria Revista Espírita de Paris – conta o número de trinta milhões de adeptos.²⁵

Os detratores de Carvalho Ramos divulgavam publicações anônimas, sob diversos títulos, procurando escarnecer e ridicularizar sua crença no espiritismo, como é o caso do extenso “COMUNICADO – Carta” divulgado no *Estado de Goyaz* de 31 de julho de 1891.²⁶

²³ Os citados artigos, como mencionado anteriormente, tipificavam como crime a prática do espiritismo, assim prescrevendo nos artigos 157 e 158.

²⁴ Ler na íntegra o artigo no anexo: O Espiritualista, pág. 215.

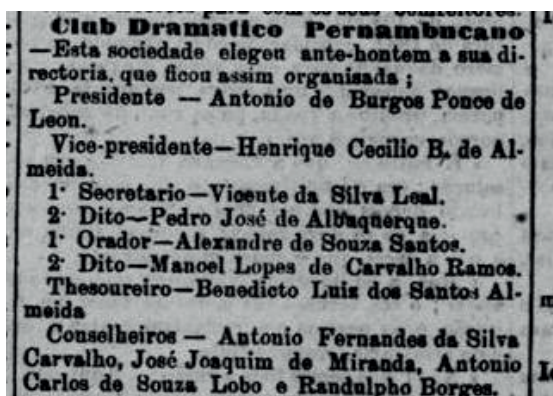
²⁵ Ler na íntegra o artigo no anexo: O Espiritualista, pág. 222.

²⁶ Ler na íntegra o artigo no anexo: O Espiritualista, pág. 225.

O LITERATO

Carvalho Ramos nasceu em um ambiente familiar influenciado pela literatura, pois seu pai escrevia e chegou a publicar, em 1863, um livro de poesias intitulado *Horas Vagas*, ao qual não tivemos acesso, apesar do grande empenho dedicado à pesquisa, que chegou a divulgar anúncio no jornal de Cachoeira, solicitando colaboração nesse sentido. Motivado muito cedo para a literatura, fundou e participou de várias entidades culturais em Cachoeira e em Recife, na sua juventude, anterior e posteriormente à vida universitária na capital pernambucana, também marcada por realizações culturais.

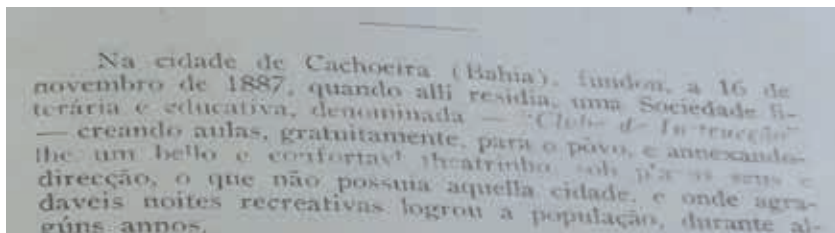
Deve ser ressaltado, visando a traçar um perfil completo de sua formação cultural, que Carvalho Ramos, além de graduar-se em Direito em Recife, fez ainda o curso de Humanidades²⁷ em Salvador, seu Estado natal. Partidário, desde a juventude, dos ideais abolicionistas e liberais, participou da fundação de um clube abolicionista em Cachoeira e outro em Recife. Nas duas cidades, concorreu também para a implantação de sociedades voltadas para fins culturais, colaborando com a criação de um Clube Dramático e a fundação do jornal *América do Sul*, em 15 de agosto de 1884, em Recife e com o Gabinete da Instrução, em Cachoeira, esse dedicado, além de atividades culturais, ao ensino da língua francesa.



Fundação do Club Dramático Pernambucano, registro do jornal do Recife, edição de 19.2.1884

²⁷ Pesquisa de Igor Roberto de Almeida Moreira para o seu trabalho, *Manuscrito das Famílias Lopes de Carvalho Ramos*, encontrada no livro *Intelectuais e Escritores Baianos — Breves Biografias*, organizado por Marieta Alves, 1977

Do livro *Theatro Nacional, autôres e actôres dramáticos bahianos*, de Sílio Boccanera Júnior, extraído do *Manuscrito das Famílias Lopes de Carvalho Ramos*, pesquisa de Igor Roberto de Almeida Moreira

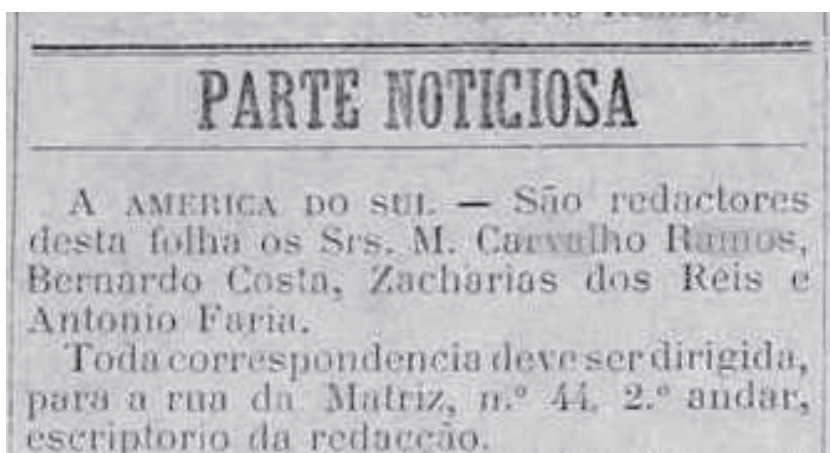


A fundação do Clube da Instrução

TRANSCRIÇÃO DO TEXTO SOBRE A FUNDAÇÃO DO CLUBE DA INSTRUÇÃO

Na cidade de Cachoeira (Bahia), fundou, a 16 de novembro de 1887, quando ali residia, uma sociedade literária e educativa denominada – “Clube de Instrução” – criando aulas, gratuitamente, para o povo e anexando-lhe um belo e confortável teatrinho, sob planos seus e direção. O que não possuía aquela cidade, e onde agradáveis noites recreativas logrou a população, durante alguns anos.

Ainda ali fundou, em 1886, uma Revista Científica e Literária, que teve lisonjeira acolhida.



Jornal *América do Sul* que teve como co-fundador, Carvalho Ramos

TRANSCRIÇÃO JORNAL *AMÉRICA DO SUL* QUE TEVE
COMO CO-FUNDADOR, CARVALHO RAMOS

PARTE NOTICIOSA

A América do Sul – São redatores desta folha os Srs. M. Carvalho Ramos, Bernardo Costa, Zacharias dos Reis e Antonio Faria.

Toda correspondência deve ser dirigida para a rua da Matriz, n.º 44, 2.º andar, escritório da redação.

Ao tempo em que contribuía para a instituição dessas entidades, o ilustre baiano publicava poesias e artigos nos jornais de Cachoeira e Recife, nas quais já se definia o seu estilo romântico ornado pela abundância de imagens gongóricas e metáforas grandiosas que viria a alcançar sua plenitude no poema épico Goyania, e, mais ainda, no livro *Os Gênios*, onde a sua lira esmerou vibrações líricas retumbantes e de peculiar magnitude. Algumas dessas poesias e outras que, mais tarde, foram publicadas nos jornais goianos, serão reproduzidas no anexo do livro, dispostas cronologicamente. Vale ressaltar que a temática sobre o papel extraordinário reservado aos gênios na humanidade empolgou desde cedo a inteligência de Carvalho Ramos, como bem expressa o artigo “O Drama”, publicado no jornal *América do Sul*, de Recife, em 18 de agosto de 1884, quando ainda cursava Direito.

Na matéria, o estudante entusiasmado começa discorrendo sobre a importância desse tipo de peça teatral para transformar o costume dos povos. Prospectivamente, infundindo ideias progressistas e reformadoras, exaltando a missão do gênio, que *se alteando, como uma águia altiva, nos voos arrojados de suas leis invencíveis, o gênio ainda não vacilou; o gênio tem o fogo de todos os grandes empreendimentos, a vida de todos os povos, a essência de toda a natureza animada, o sopro de Deus e a imensidade dos espaços para lutar e vencer, para regenerar e submeter o mito da escravidão do pensamento humano às doutrinas de sua ciência eterna.*

E, por falar em drama, a peça escrita pelo jovem Carvalho Ramos sobre Álvares de Azevedo, já elencada entre suas obras completas, foi encenada em Recife, na Faculdade de Direito, durante sua vida universitária. O jornal de Cachoeira *O Guarany*, edição de 8 de março de 1885, noticia a doação de um exemplar ao periódico por parte do cachoeirano ilustre, informando que o drama foi dividido em 4 atos, apresentando o grande poeta romântico como abolicionista no primei-

ro ato, intitulado redenção, para descrever, nos dois últimos atos, a vida desregrada que o consumiu ainda na juventude e o seu fim melancólico.²⁸

A fé inabalável, na ciência, que seria um traço marcante do pensamento brasileiro predominante no final do século XIX e início do século XX, por influência do iluminismo francês, esteve sempre presente na obra de Carvalho Ramos, que publicou na página 3 do jornal *América do Sul*, do qual foi um dos fundadores, o poema *Ao Século XX*, no mesmo tom revolucionário e reformador:

Ao século XX	Já, na Bretanha, a tribuna Tinha — Pitt — o soberano, Que repellira o tyranno, E as leis modernas deixou... A' Noruega, á Turquia, A' Russia nevada e fria, Aos pavos que a idolatria C'ra liberdade esposou!
Lá, no oásis da historia, Vêem-se negrumes, ossadas De nações escravizadas, Que dormem cede também, Da noite ao relento frio, Do vento ao surdo arrepio, Ao fado cruel, sombrio De Roma e Jerusalém.	Não!.. Nosso seculo é forte! E o homem — rei do Universo — Soletra da Biblia o verso... E aos reis cospe lodo e fel... Tem sede de ser grandioso, Como o cedro portentososo Que, ao sopro do vento iroso, Rige nas ramas revel!
Vêem-se da Italia os contornos Luzindo no luar das noites, Entre os bláspemos açoites Das vagas de immenso mar; Onde o Adriatico fundo No gólfo do antigo mundo, Recolhe o rio profundo Em seu abysmo sem par.	Não!... Já não tarda que o sangue Borbote em ondas amargas, Por terrenos muito largas Jorradadas do coração... Já que o seculo s'extrema Na sábia, antiga Moêma, Jaz deslumbrado o problema Da nova revolução!
E', lá, que os Templos annosos, E as cathedraes de granito, Fitando o móno infinito, O céu sem noéas, azul, Sagram no santo baptismo Do vasto Christianismo Os filhos d'aquelle abysmo, Nas terras virgens do sul.	Maldito o filho que um dia, No despotismo esquecido, Soltar por bravos — gemido, Como cumplice entre nós; E sobre a dor da agonia Co'um riso de hypochrisia Manchar a campá sombria De antepassados heróes!
Mas inda a historia dormita: Na triste Arabia resôa A voz de seu deus qu'entôa Mysterios pobres de luz... Como na lucta homicida Da Hespanha morta, ou vencida, Succumbe a crença perdida, Suspira o martyr da Cruz!	Maldito!.. Porque na terra D'um Tiradentes, e um Dias, A Patria das harmonias Conserva o ideal dos céus... E como a França, em memoria Recorda, orgulhosa, a historia, Sonha o gigante de gloria Na grimpá dos Pyrinéos!
Gemia co'ns tempestades, Por noites de ignorancia, D'aquelle povo na infancia A terra escrava dos céus... Eras tu, patria de sabios, Que do carinhô de teus labios Tambem lhe deste os resabios Da grimpá dos Pyrinéos!	Recife—1884.
Não!.. Eras tu, berço d'oiro, Terra de heróes e de infantes, Que se elevaram, gigantes, Como os cedros do Jordão; Que se arrojavam, bramindo, O sobre em sangue, tingindo, E desde a Alemanha ao Indo, A' voz de Napoleão!..	<i>Carvalho Ramos</i>
Eras tu, celeste deusa, Que desvendavas teus olhos, Calcando valles d'abrolios De extranho clima, ou paiz... Genio a brilhar ante a guerra, Inda Voltaire sobre a terra, E o sábio Robespierre Nos tempos do rei Luiz!	

²⁸ Pesquisa de Igor Roberto de Almeida Moreira para o seu trabalho, *Manuscrito das Famílias Lopes de Carvalho Ramos*

AO SÉCULO XX

Lá, no ocaso da história,
Veem-se negrumes, ossadas
De nações escravizadas,
Que dormem cedo também,
Da noite ao relento frio,
Do vento ao surdo arrepio,
Ao fado cruel, sombrio
De Roma e Jerusalém.

Veem se da Itália os contornos
Luzindo ao luar das noites,
Entre os blásfemos açoites
Das vagas de imenso mar;
Onde o Adriático fundo
No golfo do antigo mundo,
Recolhe o rio profundo
Em seu abismo sem par.

É, lá, que os Templos anosos,
E as catedrais de granito,
Fitando o morno infinito,
O céu sem nódoas, azul,
Sagram no santo batismo
Do vasto Cristianismo
Os filhos daquele abismo,
Nas terras virgens do sul.

Mas inda a história dormita:
Na triste Arábia ressoa
A voz de seu deus qu'entôa
Mistérios pobres de luz...
Como na luta homicida
Da Espanha morta, ou vencida,
Sucumbe a crença perdida,
Suspira o mártir da Cruz!

Gemia co'as tempestades,
Por noites de ignorância.
Daquele povo na infância
A terra escrava dos céus...
Eras tu, pátria de sábios,
Que do carmim de teus lábios
Também lhe deste os ressábios
Da grimpa dos Pirineus!

Não!... Eras tu, berço d'oiro,
Terra de heróis e de infantes,
Que se elevaram, gigantes,
Como os cedros do Jordão;
Que se arrojaram, bramindo,
O sabre em sangue, tingindo,
E desde a Alemanha ao Indo,
A voz de Napoleão!...

Eras tu, celeste deusa,
Que desvendavas teus olhos,
Calcando vales d'abrolhos
De estranho clima, ou paz...
Gênio a brilhar ante a guerra,
Inda Voltaire sobre a terra,
E o sábio Robespierre
Nos tempos do rei Luiz!

Já, na Bretanha, a tribuna
Tinha – Pitt – o soberano,
Que repelira o tirano,
E as leis modernas deixou...
À Noruega, à Turquia,
À Rússia nevada e fria,
Aos povos que a idolatria
Co'a liberdade esposou!

Não!... Nosso século é forte!
E o homem – rei do Universo –
Solettra da Bíblia o verso.
E aos reis cospe lodo e fel...
Tem sede de ser grandioso,
Como o cedro portentoso
Que, ao sopro do vento iroso,
Ruge nas ramas revel!

Não!... Já não tarda que o sangue
Borbote em ondas amargas,
Por torrentes muito largas
Jorradadas do coração...
Já que o século se extrema
Na sábia, antiga Moema,
Jaz deslumbrado o problema
Da nova revolução!

Maldito o filho que um dia,
No despotismo esquecido,
Soltar por bravos – gemido,
Como cúmplice entre nós;
E sobre a dor da agonia
Com um riso de hipocrisia
Manchar a campa sombria
De antepassados heróis!

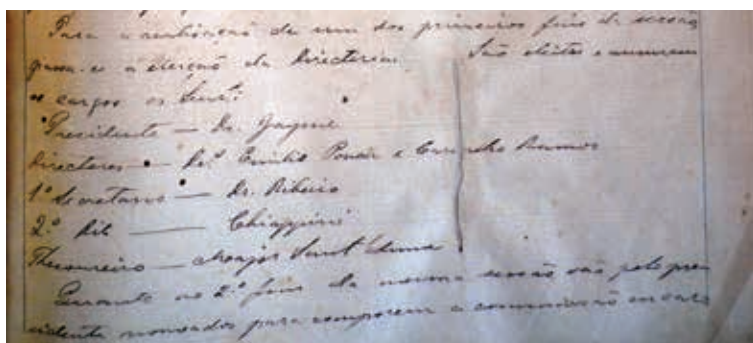
Maldito!... Porque na terra
D'um Tiradentes, e um Dias,
A Pátria das harmonias
Conserva o ideal dos céus...
E como a França, em memória
Recorda, orgulhosa, a história,
Sonha o gigante de glória
Na grimpada dos Pirineus!

Recife – 1884

Carvalho Ramos

Essa intensa militância cultural de Carvalho Ramos seria mantida em Goiás, paralelamente às funções de magistrado e às atividades jornalísticas. Logo após sua chegada a Goiás em 1888 e antes mesmo de fixar-se em Rio Bonito, hoje Caiapônia, para iniciar sua judicatura, cuidou da filiação ao Gabinete Literário Goiano, que foi a primeira entidade literária associativa do Estado. Nos anos seguintes, tornou-se diretor por dois mandatos e depois Presidente da entidade, como provam as atas²⁹ obtidas no arquivo do Gabinete, na Cidade de Goiás.

Acervo do Gabinete Literário Goiano



Fragmento da Ata da eleição como diretor do Gabinete Literário Goiano, datada de 29 de maio de 1892

TRANSCRIÇÃO DO FRAGMENTO DA ATA DA ELEIÇÃO COMO DIRETOR DO GABINETE LITERÁRIO GOIANO, DATADA DE 29 DE MAIO DE 1892

Para a realização de um dos primeiros fins da sessão, passa-se a eleição da diretoria. São eleitos e assumem os cargos os senhores:

Presidente: Dr. Jayme (Luiz Gonzaga Jayme)
 Diretor: Emílio Póva
 Diretor: Carvalho Ramos
 1º Secretário: Dr. Ribeiro
 2º Secretário: Chiappine (Guiseppe)
 Tesoureiro: Moisés Sant'Anna

²⁹ Ler na íntegra as reproduções e transcrições das atas no anexo: O Literário, pág. 229.

O Presidente declara-
 ron eleito o Dr. Carvalho Ramos e convi-
 cou-o para tomar a cadeira que lhe com-
 petia. Em seguida passou-se a eleição
 do vice-presidente obtendo votos: Dr. Ar-
 thur Napoleão, onze, Olympio Costa, dois, Dr.
 Vicente de Abreu, um, Benedito Antonio, um,
 Dr. Garia e Silva um. O Presidente decla-
 rou eleito o Doutor Arthur Napoleão.
 Em seguida passou-se a fazer a eleição dos
 outros membros da Diretoria e foram eleitos
 primeiro secretario Antonio Cupertino com

Fragmento da ata da eleição para presidente do Gabinete Literário
 Goiano, datada de 21 de abril de 1895

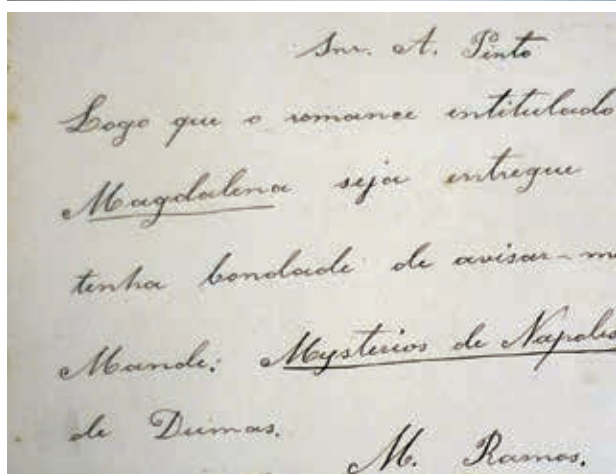
TRANSCRIÇÃO DO FRAGMENTO DA ATA DA ELEIÇÃO PARA
 PRESIDENTE DO GABINETE LITERÁRIO GOIANO, DATADA DE 21
 DE ABRIL DE 1895

O Presidente declarou eleito o Dr. Carvalho
 Ramos e convocou-o para tomar a cadeira que
 lhe competia. Em seguida passou-se a eleição do vice-
 presidente obtendo votos: Sr. Arthur Napoleão, onze,
 Olympio Costa, dois, Sr. Vicente de Abreu, um, Benedito
 Antonio, um, Sr. XXX* e Silva um. O Presidente
 declarou eleito doutor Arthur Napoleão. Em seguida
 passou-se a eleição dos outros membros da diretoria e
 foram eleitos primeiro secretário Antonio Cupertino
 com

* Ilegível

As informações constantes das fichas de registro de leituras de Carvalho Ramos e de sua esposa Marianna Ramos, pesquisadas na mesma fonte, atestam que os dois eram leitores assíduos, informação realçada pelo bilhete manual dela pedindo que lhe fosse enviado o romance *Magdalena*, tão logo fosse devolvido, e solicitando o livro *Mystérios de Nápoles*, de Alexandre Dumas, para leitura.

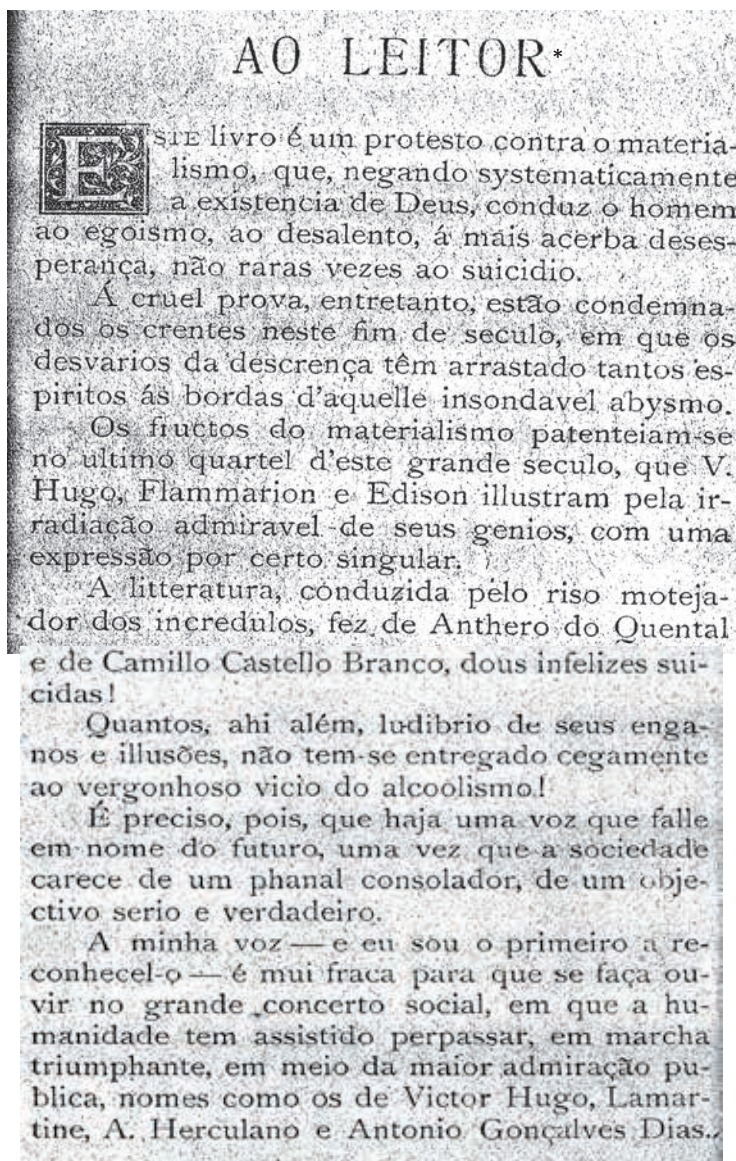
Acervo do Gabinete Literário Goiano



Frete e verso do cartão de registro de leitura de Marianna Ramos

LIVRO OS *GÊNIOS*

Com os objetivos já declinados na Introdução, segue o prólogo original do livro *Os Gênios*, dedicado aos grandes vultos da humanidade, abertura que descortina a beleza do texto e os elevados propósitos morais e espirituais do autor desenvolvidos na obra.



*Prólogo original do livro *OS GÊNIOS*.

Essa voz, porém, é sincera, porque parte do coração.

Ella diz á sociedade: «Na espinhosa carreira da existencia cabe-vos uma grande responsabilidade na educação da geração vindoura.»

O sublime genio do seculo passado, o fecundo Voltaire, escreveu algures:

«Je ne puis concevoir comment tous ces habiles mathématiciens nient un mathématicien éternel.»

«Dans quelque situation cruelle que nous nous trouvions, que sommes nous pour murmurer?»

«Il me paraît absurde de nier qu'il y ait une intelligence dans le monde.»

A incredulidade é uma enfermidade moral, cujo remedio está no coração, que busque desfazer-se do egoismo, e no cérebro, que intente concentrar-se, pesando seriamente as maravilhas da natureza.

Incredulos, eu sei que em vossos corações ha uma voz que murmura baixinho, e que, ao mesmo tempo, enche-vos de terror.

Essa voz diz o seguinte: «Mortal, a vossa vida é um sagrado depósito; usai-a com extrema prudencia e nobre utilidade. Tendes um espirito immortal. O progresso da alma depende dos proprios esforços, porque «a cada qual segundo as suas obras.»

Antes de encerrar este ligeiro prologo, occorre-me á memoria o seguinte notavel caso:

Newton, o immortal astronomo, sempre que pronunciava o nome de Deus, descobria-se reverentemente.

Esse facto deve servir de exemplo áquelles que, cheios de um fatuo orgulho, julgam ser de boa sociedade o vezo de tudo negar e deprimir.

O espectáculo incomparavel dos espaços infinitos, onde pairam milhares de astros, submettidos a leis harmonicas e eternas, fizera sentir ao notavel astronomo e apostolo da sciencia a pequenez do homem em um planeta atrasado, poeira miseravel em face de tamanhas grandezas.

Não é meu proposito fatigar o leitor com um prologo demasiado longo, cuja materia ordinariamente poucos se dão ao trabalho de examinar; mas, todo o escriptor tem o dever de justificar a sua obra, de dar a razão de ser de seu objectivo.

Eu quero rigorosamente cumprir esse dever.

Eis ahi tudo.

Oxalá que este meu livro attinja o objectivo que mais encareço: instruir e consolar aos que soffrem e esperam resignados em um futuro de immortalidade.

Goyaz, 6 de junho de 1895.

Carvalho Ramos.

Em 10 de fevereiro de 1895, publicou o livro de poemas *Os Gênios*, que é dedicado aos “JOVENS BRASILEIROS”, impresso pela “Typhographia de Arthur José de Souza & Irmão” na cidade do Porto, em Portugal. As dificuldades que o autor enfrentou para a publicação do livro aquele tempo em Goiás podem ser, em parte, compreendidas pelo número de pessoas às quais é dirigido os agradecimentos iniciais pela colaboração na edição da obra. E, mais ainda, pela considerável lista com 44 nomes de “CIDADÃOS ASSIGNANTES D’ESTA OBRA”, na qual constam desembargadores, doutores, coronéis, militares graduados e outras pessoas ilustres, enumerada nas primeiras páginas do livro. Em seguida, revelando ainda o notável esforço que deve ter feito o autor para custear a publicação da obra – prova inconteste de seu idealismo e do amor à cultura que marcaria sua existência ímpar – vem a lista dos “ASSINGNATES QUE PAGARAM SUAS ASSINATURAS ADIANTADAMENTE”, destacando personalidades das cidades de Palma, Bomfim, Bella Vista, Santa Cruz, Catalão, Arrayas, Morrinhos, Curralinho e Goyáz, todas cidades antigas de Goiás e algumas históricas, totalizando mais 49 colaboradores ilustres que concorreram, financeiramente, para a edição da obra.

Considerando as inúmeras dificuldades que o autor goiano contemporaneamente ainda enfrenta para publicar suas obras, em pleno século XXI, é interessante aprofundar um pouco mais a reflexão a respeito do sacrifício que deve ter representado para Carvalho Ramos a publicação de *Os Gênios*, em Portugal. Ao todo, além das duas listas de assinantes da obra e dos assinantes que pagaram adiantadamente, os seus colegas de Judiciário e outros destacados 09 cidadãos que receberam os primeiros agradecimentos especiais, em separado. Ao todo, são nomeadas 102 pessoas que colaboraram diretamente com a concretização do projeto.

No prólogo, dirigido “AO LEITOR”, como visto, o autor já declara a profunda fé em Deus e a preocupação espiritual que caracterizou seus livros e os substanciosos artigos publicados na imprensa da época, afirmando que o livro “é um protesto contra o materialismo, que negando sistematicamente a existência de Deus, conduz o homem ao egoísmo, ao desalento, à mais acerba desesperança, não raras vezes ao suicídio”. Condena ainda a incredulidade como “uma enfermidade moral cujo remédio está no coração, que busque desfazer-se do egoísmo, e no cérebro, que intente concentrar-se pensando seriamente as maravilhas da natureza”. Realça, por outro lado, sua espiritualidade, valendo-se de palavras do evangelho, referindo-se à voz da consciência, que murmura baixinho aos ouvidos de cada um:

Mortal, a vossa vida é um sagrado depósito; usai-a com extrema prudência e nobre utilidade. Tendes um espírito imortal. O progresso da alma depende dos próprios esforços, porque a cada um segundo suas obras.

Espírito privilegiado e dotado de grande sensibilidade, Carvalho Ramos encantava-se com a grandeza do firmamento, contemplando os astros que se movimentavam no espaço aberto no azul das alturas num tempo em que inexistiam obstáculos para olhar a imensidão do céu estrelado e o infinito, límpido e escancarado, parecia estar ali, ao alcance das mãos. Fotografando na imaginação essa paisagem maravilhosa do interior goiano do século XIX, narra no final do prólogo, depois de mencionar como exemplo a reverência que o grande astrônomo Newton devotava à simples menção do nome de Deus que

O espetáculo incomparável dos espaços infinitos, onde pairam milhares de astros, submetidos às

leis harmônicas e eternas, fizera sentir ao notável astrônomo e apóstolo da ciência a pequenez do homem em um planeta atrasado, poeira miserável em face de tamanhas grandezas.

O livro, na verdade, é um grande poema épico de 253 páginas, dividido em três partes, onde são homenageados, em poemas líricos de rara beleza, os grandes vultos da humanidade, obedecendo a uma vertente cronológica que tem início nas origens da sabedoria universal. Nessa perspectiva histórica, a primeira parte se ocupa dos filósofos e artistas da antiguidade em versos simétricos, bem-construídos e de notável sensibilidade.

Inaugura a luminosa coletânea dedicando ao grande Homero, poeta grego consagrado, autor de *Ilíada* e de *Odisséia*. Os dois magníficos poemas de Homero, o primeiro cantando a conquista de Ílio, antiga designação de Troia,³⁰ e o segundo, *Odisséia*, um poema de paz, de reconstrução social e familiar.³¹ Retrata a época posterior às guerras quando retornados, os heróis gregos navegantes, já em clima de tranquilidade, relatam as formidáveis aventuras vividas nas peripécias bélicas e nas conquistas. Os dois poemas são considerados obras-primas da humanidade e, embora escritos presumivelmente entre os séculos VIII e IX a.C., iluminaram os séculos seguintes, servindo de modelo para Virgílio, na sua *Eneida*, que narra as conquistas romanas, e, posteriormente, para empolgar estudos em toda a idade média sobre Homero e suas obras. A erudição e sensibilidade do autor são estampadas nos primorosos versos dedicados ao genial poeta grego e

³⁰ HOMERO, *Ilíada*, Clássicos Jackson, Vol. XXI, W.M. Jackson Inc. editora, Rio de Janeiro, 1964, Trad. MENDES, Manoel Odorico, Prefácio Pe. MAGNE, Augusto, p. VIII.

³¹ HOMERO, *Odisséia*, Atena Editora, São Paulo, 1954, trad. MENDES, Odorico, Manoel, Pref. BUENO, Silveira, p. 8

as estrofes de sua segunda parte demonstram o estudo dos poemas quando se referem ao período de paz e reconstrução cantado na *Odisséia*, na seguinte passagem:

Quando, após a vitória, após a luta ingente/ Floresce a palma santa do século vidente,/ E o bem, que a liberdade em sonhos esperou,/ Então da terra aos céus uma voz se alevanta,/ E o eco da justiça a tirania espanta,/ E a cinza do que é justo o século ajuntou!³²

O lirismo gongórico que marcou o estilo dos melhores poetas românticos brasileiros do século XIX, com destaque para CASTRO ALVES e GONÇALVES DIAS,³³ também merecidamente incluídos entre os grandes gênios homenageados pelo autor, atingiu sua expressão mais requintada em Goiás na poesia de CARVALHO RAMOS, rica de imagens e metáforas grandiosas. Embora presentes em tantos outros poemas de *Os Gênios*, destacam-se alguns versos, caracterizados pela beleza das imagens de grandeza e infinitude comuns aos românticos, com propósitos meramente ilustrativos,³⁴ sem a pretensiosa e descabida intenção de selecionar “os melhores”. Ambição, de resto, senão impossível, mas incompatível com a natureza dessa obra. Tome-se, de início, a belíssima estrofe do poema dedicado a Homero:

O Universo é seu berço; o berço pede a glória/
Transborda a taça de ouro ao pedestal da história/ O
século o contém; o infinito o conduz/ Quem vence?

³² Atualização ortográfica do texto poético feita pelo autor

³³ Antônio de **GONÇALVES DIAS** (1823/1864); Manoel Antônio **ÁLVARES DE AZEVEDO** (1831/1852); Antônio Frederico de **CASTRO ALVES** (1847/1871).

³⁴ Alfredo BOSI, na sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, Editora Cultrix, São Paulo, 1994, p. 123, comenta que os “símbolos de Castro Alves são quase sempre tomados aos aspectos da natureza que sugerem a impressão de *imensidade*, de *infinitude*: os espaços, os astros, o oceano, o “vasto sertão”, o “universo”, os tufões, as procelas, os alcantis, os Andes, o Himalaia, a águia, o condor...”

O verso. A lira é feita de uma estrela/ Quem cisma? A doce musa; é a sua voz bela/ Como da virgem noite a face que reluz.

Comentando o livro *Os Gênios e Goyania*, Gilberto Mendonça Teles³⁵, com indiscutível autoridade, afirma que

Os gênios celebra em dicção romântica, os grandes homens da história universal... a sua poesia constitui em Goiás a maior influência de Gonçalves Dias e Castro Alves, além de Victor Hugo, cantando em versos condoreiros, os temas da democracia e da liberdade. Imagens e hipérboles condoreiras, mais arrojadas e artísticas do que as de Félix de Bulhões, são frequentes como no poema "Canção do Oprimido".

Apesar desses excelentes qualificativos atribuídos por críticos e estudiosos de inegável autoridade, o grande poeta de *Os Gênios* ficou relegado ao esquecimento. A ingratidão da memória cultural brasileira, nesse ponto, é clamorosa. Obras literárias como as produzidas por CARVALHO RAMOS deveriam ser estudadas nas escolas, preservadas e divulgadas pelas entidades culturais por constituírem, quando menos, exemplos e fator de estímulo de grande valor para as novas gerações. Muito já se escreveu e muito mais precisa ser escrito sobre a ingratidão do Brasil com os seus vultos que se destacaram na cultura, especialmente na literatura.

Verdadeiras joias da literatura brasileira, os poemas de CARVALHO RAMOS são dedicados aos grandes vultos da humanidade, filósofos, profetas, cientistas, compositores, pintores, descobridores, estadistas, escritores universais como CERVANTES, CAMÕES e SHAKESPEARE, abrangendo

³⁵ *Memórias Goianas II*, Editora da Universidade Católica de Goiás, 1984, Coordenação de José Mendonça Teles, série *Memórias Goianas*, Centro de Cultura Goiana, p. 185.

90 poemas.³⁶ Ao todo, compreendem uma longa viagem cultural e erudita pela trajetória da inteligência humana que tem início nos primórdios da filosofia greco-romana, passando pelos primeiros artistas, poetas e precursores da ciência moderna e termina com os gênios e escritores do século XX, incluindo os notáveis escritores e poetas românticos brasileiros: José de Alencar, Gonçalves Dias e Castro Alves. Denotando a firmeza de sua crença na doutrina espiritualista, o último poema do livro é dedicado a Allan Kardec, cultuado como o grande codificador do espiritismo, cujas obras Carvalho Ramos foi um dos pioneiros na leitura e divulgação na sua época. O simples perpassar de olhos pelo fecundo panorama cultural que se descortina das páginas do livro, com incursões pela filosofia, política, história, literatura e música, mostra o quanto foi investigativo, estudioso e erudito o autor, que mergulhou nos feitos ou obras dos personagens de seus poemas, estudando-os a fundo, para retratar com profundidade os aspectos humanamente mais significativos de cada um deles.

No longo poema de 14 estrofes e versos em décimas dedicado a MOISÉS, o poeta atinge momentos de culminante e densa inspiração. Na evolução do poema, Moisés, já adulto, proclama a sua missão divina de falar em nome de um Deus que é fonte de amor e de esperança, anunciando:

³⁶ Os poemas do livro *Os Gênios* são dedicados, pela ordem, a: – **PRIMEIRA PARTE:** Homero, Moisés, Aristóteles, Alexandre Magno, Sócrates, Phidias, Demóstenes, Tucídides, Hipócrates, Diógenes, Terpanandro, Êsquilo, Platão, Arquimedes, Demócrito, Virgílio, Anaxágora, Plínio, Moschus, Juvenal, Bion, Ferdousi, Colombo, Dante, Newton, Hafiz, Cícero, Shakespeare, Miguel Angelo, Tasso, Alfieri, Maomé, Confúcio; – **SEGUNDA PARTE:** Jesus Cristo, Gutemberg, Beethoven, Petrarca, João Huss, Milton, Cervantes, Schiller, Meyerbeer, Camões, Pascal, La-voisier, Corneille, Goethe, Arago, Chateaubriand, Rousseau, Molière, Hahnmann, Racine, Wat-ter Scott, Buffon, Bocage, Thomaz Gonzaga, Rembrandt, Mirabeau, Diderot, Huygens, André Chémier, Voltaire; **TERCEIRA PARTE:** Washington, Augusto Comte, A. Humboldt, Napoleão, Stephenson, Chevreuil, Spencer, Longfellow, Galileu, Byron, Marshall, Darwin, Ampère, Ale-xandre Herculano, José Bonifácio, Carlos Gomes, Mont’Alverne, José de Alencar, Gonçalves Dias, Castro Alves, Alvares d’Azevedo, Cavour, Lombroso, E. Castelar, Victor Hugo, Edison, Allan Kardec.

Eis aqui da missão divina, que me eleva
O testamento santo, o flagelo da treva,
A insígnia do profeta, o clamor da verdade!
Eu represento nela a voz da humanidade;
Eu vim trazer o Deus que adorna o céu profundo
Pois quero a lei de um Deus no coração do mundo,
Rujo ao Deus da mentira, ao Deus do rei sicário,
Esse Deus que dormita em pompas solitário
Sozinho, qual troféu de bárbara matança;
Eu vos trago meu Deus num riso de esperança!

No inventário poético que faz da sabedoria humana, conforme observado, Carvalho Ramos, na primeira parte do livro, viaja às origens da filosofia enaltecendo a figura de Aristóteles, a quem chama de pai da filosofia, ao mesmo tempo em que aborda o aspecto cruel e sanguinário do reinado de Alexandre Magno ou “Alexandre, o Grande” que foi pupilo do filósofo na juventude.

E o poeta, que era espiritualista e humanista, indiferente às glórias de Alexandre, ressalta o aspecto desumano de suas conquistas, deplorando os rastros de dor e devastação deixados pela expansão do seu império:

A espada que no sangue a inocência, a candura.
O sorriso do amor e o pranto da amargura,
O céu – a infância a rir, a noite – o velho enfermo,
Tudo afogou feroz, indômita e sem termo,
Para matar a sede à cobiça impudente
Do sanguinário rei da Macedônia ardente!

A admirável poesia do biografado prossegue lapidando os grandes nomes da filosofia, das artes, da política e da

ciência na antiguidade como Sócrates, Phídias e Demóstenes. Reverência com versos particularmente belos personagens que abriram horizontes para a humanidade na cultura ou na ciência, como o grande historiador Tucídides, e Hipócrates, considerado o pai da medicina.

No longo poema dedicado a Tucídides, que narrou a guerra do Peloponeso (Esparta x Atenas) em 12 volumes, inaugurando essa modalidade de registro épico da história, destaca do autor em versos conceituais:

A história escuta em nós o coração dos povos:
Os preceitos da lei, os grandes fatos novos,
O clamor da justiça os bárbaros calando,
O gládio sem rival da ideia o mal cortando,
Tudo quando engrandece o expediente enorme
O mundo que não dorme.

A idêntica tônica predicativa é encontrada nos versos dedicados a Hipócrates, em passagens de beleza incomum:

Sábio, quando o terror da morte nos flagela,
Quando o sangue do vaso arterial desmaia,
E a doença fatal, que o nosso esforço gela;
Para o sepulcro horrendo um passo largo ensaia
[...]
Vem, piedosa justiça, ó luz da medicina,
Vem acalmar serena aquela dor sombria
Do nosso coração, que espera a lei divina
Com que a ciência brilha em seu eterno dia.

No mesmo diapasão culto e erudito que é a tônica da poesia do autor de *Os Gênios*, seguem-se, ainda nessa primeira fase do livro, estrofes dedicadas aos maiores filósofos, poetas,

historiadores e descobridores conhecidos e já enumerados na nota de rodapé da página 57, referente à primeira parte.

Um verdadeiro clímax espiritual desenvolve-se a partir da segunda parte da obra, aberta com um poema dedicado a Jesus Cristo. O poeta se engrandece nas imagens de celebração a Jesus, derramando sensibilidade espiritual nas estrofes consagradas ao grande Mestre, quando exclama:

Doce nome, estandarte aberto ao globo inteiro,
Farol da geração que treme a soluçar,
Luz de eterno porvir, e píncaro altaneiro
Onde toda esperança ergueu sereno altar;
Alma do mundo novo, herói sublime e casto,
Tão alto como os céus, tão grande quanto o mar;
Tu, que acima da terra levantaste os olhos,
A cismar compassivo em nossa humana sorte,
Com teu sorriso meigo afugentando a morte,
E a dissipar a sombra os ásperos escolhos;
Tu, que após a palavra ardente e esperançosa,
Com suave humildade e brando coração,
Falavas à pobreza, à esqualida e andrajosa,
Enchendo de outra luz a nossa escuridão;

Nos dois últimos versos do poema o romantismo do autor resplandece na reafirmação da fé em Deus, invocando a eternidade, o universo e a humanidade, imagens tão caras aos românticos, reeditando a confiança tantas vezes proclamadas na inteligência humana pelos seus sábios:

Eis aí Deus. Eis tudo. A intraduzível glória
Que nossa alma alevanta. A eternidade a rir...
Eis a Bíblia. A poesia é que engrandece a história.
A verdade é o crisol dos gênios que hão de vir.

Não te aviltes portanto, ó pátria, a que a palma
Consagro, alevantando em límpido clarão:
O universo é meu berço: a humanidade uma alma:
Ó sábios, o futuro está na vossa mão.

No poema seguinte, no entanto, dedicado a Johannes Gutenberg, o inventor da prensa móvel que facilitou a impressão de escritos e permitiu a fabricação de livros e mais tarde de jornais, a quem é atribuída a invenção da imprensa, Carvalho Ramos antecipa sua fé na imprensa livre contra os poderosos e dá vezo ao anticlericalismo que marcou toda a sua existência, alfinetando o Vaticano.

Ganha ênfase especial nesse poema tom premonitório de toda a obra jornalística e literária de Carvalho Ramos, pois em 1896, embora o autor já polemizasse e debatesse pelos jornais defendendo as ideias que considerava mais avançadas para o seu tempo, é inevitável a conclusão de que nem de longe se poderia prever o formidável papel que a imprensa viria representar nos séculos seguintes para a garantia dos direitos e defesa das liberdades nas modernas democracias, no mundo todo.

Nesse sentido, a verve de sua lírica vaticina vigorosamente:

Honrai daquele morto a sacrossanta ideia!
Fazei da imprensa livre um gládio contra os reis!
No seu tronco de bronze abri sonora veia
Para regar de vida nossas novas leis!

Dai exemplo supremo a toda Europa culta,
Onde sempre o terror invade os corações,
E o trono suntuoso a sociedade insulta,
E o Vaticano em sombra imerge as multidões!

Os dois fragmentos poéticos abordados ilustram a fecundidade dessa segunda parte do livro, que evidencia nomes como Milton, Beethoven, Petrarca, Cervantes, Camões, Pascal, Goëthe, Chateaubriand, Rousseau, Molière, Racine, Thomaz Gonzaga, Diderot e Voltaire, entre outros igualmente ilustres, aproximando-se da contemporaneidade pela projeção das ideias inovadoras e libertárias que se distinguiram no século XVIII.

A terceira e última parte do livro é aberta com um vigoroso poema dedicado a George Washington, primeiro presidente americano, que teve papel destacado na independência dos Estados Unidos e na sua organização política sob a forma republicana. Carvalho Ramos invoca a memória e os grandes feitos do líder estadunidense a favor do Brasil, proclamando a semelhança entre as duas nações como indicador de um destino comum:

Ai! de nós! Se o Brasil não for o Sol do futuro,
Que há de erguer a ciência o pé do lodo escuro,
Como eterno sinal à nova geração!
Bem como o Norte, enfim, o povo soberano,
Que Washington enobrece a todo americano,
Que Byron saúda em fúlgida canção!

Ó tu, libertador da América excelente!
Onde estás? A tua é essa chama ardente
Acaso, que arrebatou um século de luz?
Onde é teu gênio? O raio? A inspiração sublime?
Também no sul um povo escravo se redime,
E heroica geração teu século conduz!

No seu romântico idealismo, o poeta enaltece uma suposta irmandade entre as nações americana e brasileira, augurando um horizonte promissor de paz e colaboração entre

os seus povos, esperança que se revelou parcialmente bem-sucedida porque os fundamentos concretos dessa expectativa justificadamente promissora se diluíram nos mecanismos mercantis triturantes e segregadores da globalização:

Estende a nobre mão a Europa já cansada,
À América feliz, à América invejada;
E um ósculo de paz trocam as nações!
Sul e Norte – o Brasil e os povos alteados –
Dois irmãos, dois heróis, dois gênios sublimados,
Ei-los ditando leis às sábias multidões!

A nau lírica de Carvalho Ramos, depois de navegar por mares profícuos nessa terceira fase de sua obra e cruzar oceanos de grande densidade cultural e científica povoados por Augusto Comte, Alexandre Humboldt, Napoleão, Stephenson, Chevreuil, Spencer, Longfellow, faz uma parada significativa, celebrando a verdade e a independência intelectual no poema dedicado a Galileu Galilei.

Denunciando o histórico erro da inquisição e a cumplicidade da igreja na condenação do físico e astrônomo italiano, reafirma o inestimável valor histórico do exemplo de coragem e independência intelectual legado por Galileu, mesmo sob a ameaça das chamas da obscuridade, para as gerações futuras em versos muito bem-construídos:

Foi então que, apesar de ver a chama horrenda
Da fogueira fatal, que se alteara além,
Bradaste: “E pur si muove !” E a tua voz tremenda
Do teu século, até nós igual a um Nilo vem!
E rola – e passa – e mostra à geração moderna
Que há leis no espaço em luz, e há força sempre eterna,
E a terra gira sempre em torno do d’áureo sol!

Que a mentira caiu: que é tudo a natureza;
Porque o homem caminha, e o nada, com certeza,
É vão nome. É uma lira é qual um rouxinol.

E havendo singrado águas igualmente densas de sabedoria e cultura fertilizadas por Byron, Marshall, Darwin, Ampère, Alexandre Herculano, José Bonifácio, Carlos Gomes e Mont'Alverne, a nave arrojada de Carvalho Ramos aporta no monumental oceano dos românticos brasileiros, seus companheiros de estilo e, praticamente, contemporâneos: José de Alencar, Gonçalves Dias, Castro Alves, Álvares de Azevedo.

Muito embora tenha mantido certa identidade literária com José de Alencar, pois os dois principais personagens do poema épico *Goyania*, o guerreiro Anhangá e sua esposa, a índia Guayra, guardem alguma semelhança com *Iracema* (1857) e *Ubirajara* (1865), principais personagens dos romances que compõem a trilogia indigenista de Alencar, que é completada com *O Guarani* (1874), o poema dedicado ao escritor cearense tem dicção firme, dirigido ao político monarquista e defensor da escravidão.

Já no primeiro canto, Carvalho Ramos proclama a vitória das ideias republicanas sobrevivida 12 anos após o falecimento de José de Alencar, em 1877, proclamando com as metáforas grandiosas do mesmo romantismo que celebrou o famoso escritor:

É tempo. A humanidade há pouco foi vingada
Pela sábia vingança, ardente do saber,
Cujo trono é que encerra a geração talhada
Para as lutas fatais que o povo quer manter!
Escuta, ó gênio! Eu sei que a tua frente bela
Tinha o candor d'um anjo, o cintilar de uma estrela,

Qual a meiga Iracema o canto ergueste aos céus!
Mas escuta... O Brasil – leão que está desperto –
É gigante já livre, e o trono está deserto,
E os cegos cortesãos revolvem-se entre os réus!

Depois de lamentar as desditas amorosas de Gonçalves Dias, o poeta se agiganta novamente nas hipérboles românticas ao referir-se aos versos eternos, condoreiros, libertários e abolicionistas de Castro Alves. Nessa quadra temática da obra, Carvalho Ramos, ele mesmo republicano e abolicionista, eleva o timbre dos versos aos níveis vibráteis mais sonoros possíveis de sua lira, atribuindo poder divino à poesia em versos incandescentes e de ímpar formosura, dos quais vale transcrever as seguintes estrofes:

Quem pode mais que a lira? O gládio tinto de sangue
Derriba o império, assola, arrasa, fere e mata,
E o canhão que ribomba importa um povo exangue,
A quem a mão do horror as glórias desbarata.
Mas não! A lira é santa; é como a voz de cima,
D'onde Deus nos vê, o imenso azul retrata.
A lira é como a flor; – que importa a tempestade.
Se o perfume que exala inspira mais saudade?

Venceste e iluminaste. O povo erguendo a fronte,
Sabe que é livre então aquela raça obscura,
Que não podia olhar, nem ter outro horizonte,
Senão a enxerga negra e a escravidão impura.
Vê, poeta, que o céu tu desenhaste imenso!
Como é grande essa voz e aquela noite dura!
Se é grande alevantar à consciência um canto,
A lágrima enxugar ao que sucumbe é santo!

Ao registrar a poesia de Álvares de Azevedo, a respeito de quem escreveu um drama ainda na sua juventude de estudante do curso jurídico, que foi encenado na Faculdade de Direito de Recife em 1884³⁷ e ao qual, infelizmente, não tivemos acesso. No poema dedicado ao escritor paulista, que morreu aos 20 anos, Carvalho Ramos, como tantos, lamenta o seu falecimento precoce: “Porque foste, a lira está gelada, inerte”. A inconformação de nosso poeta é um sentimento comum a todos os que tiveram contato com a produção literária de Álvares de Azevedo, tão primorosa e precoce quanto efêmera e perene.

Nos compassos subsequentes, depois de abordar os vultos de Cavour, Lombroso, E. Castelar, a poesia do autor deleita-se com dimensão do notável escritor francês Victor Hugo, ao qual devotava grande admiração, ao ponto de dar o nome de Victor ao seu primogênito e de Hugo, ao segundo filho homem. Inicia o poema evocando a melancolia do isolamento onde se encontrava exercendo a magistratura, em Torres do Rio Bonito, atual Caiapônia, então pequeno lugarejo perdido no sertão goiano.

Dando asas, no entanto, ao intelecto universalista e ao romantismo transcendental de sua poesia, que à maneira de todo escritor da escola romântica, tem como vislumbre o horizonte e como limite o infinito, Carvalho Ramos, inspirado no seu talentoso ícone e figura central do romantismo francês do século XIX, dedica a ele um poema primoroso, ornamentado por imagens expressivas e de grande formosura:

Quando eu trabalho, só, como então no desterro,
A contemplar saudoso as plagas do infinito,
E sei quanto é fatal um sofrimento cerro,
Nesse mundo que ri, se alguém chorou precito;

³⁷ Teles, José Mendonça, *Dicionário do Escritor Goiano*, Goiânia, terceira edição, 2006, p. 235

Minha alma, te evocando o espírito elevado,
Parece que transluz no teu sorriso amado,
Parece que se eleva aos pés do Criador...
Descobre o trono augusto em que o ser repousa,
E, alegre, alevantando a solitária lousa,
Te encontra com Jesus, o apóstolo do amor!

[...]

Já que se escreve à Europa em pergaminho caro,
Que a liberdade santa é nossa mãe primeira,
Protege o Brasil a insígnia derradeira,
Sê, ó sábio imortal, o nosso forte amparo!
Teu nome que é brasão de assinalada glória,
Se inscreva agora e sempre em nossa culta história,
Em paga do suor de um século de luz!
A América, se é grande, a ti não deve tudo?
Guia o filho imortal à sombra desse escudo;
Que a ciência floresça à sombra de uma Cruz!

Tendo homenageado o seu inspirador maior, o poeta encerra o livro reverenciando o patrono espiritual de sua fé, o influente pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, que adotou, seguindo a orientação de um espírito familiar, o pseudônimo de Allan Kardec, pelo qual se tornou conhecido, codificador da doutrina espírita, reiterando, na vibração do bardo, sua fé no espiritismo como ciência e no princípio da reencarnação, base dessa doutrina no seguinte verso:

Nosso Deus, que renova a pálida existência
Em novo corpo, e acende a virginal ciência
No puro coração de quem procura a luz,

Está nesse evangelho em que a virtude é forte,
Está na ciência nova, está na própria morte,
Nas árias de Mozart, nos pâmpanos da cruz!

A poesia de Carvalho Ramos encontrada no livro *Os Gênios* constitui, sem nenhum exagero, verdadeiro monumento ao romantismo em Goiás, do ponto de vista literário, e uma celebração à inteligência humana. Para embasar essa conclusão aparentemente pretenciosa, é preciso lembrar que o autor, embora isolado culturalmente no interior goiano, exercendo a árdua missão da magistratura, viajou pelo conhecimento humano desde as priscas eras dos séculos antes de Cristo, percorrendo com conhecimento de causa sobre as obras dos maiores gênios da humanidade na sua poesia.

Principiando por Homero, o grande poeta grego do século VIII a.C., a viagem do biografado perpassa pelos notáveis filósofos, líderes espirituais, conquistadores, oradores e artistas da idade de ouro da sabedoria greco-romana, sempre exaltando as criações ou ações que representaram contribuições para as artes ou a cultura humanística do período, projetando-se para um futuro que ainda está presente, em vista da perenidade de seus legados culturais, filosóficos ou políticos.

Ingressa na era cristã, reverenciando Jesus Cristo, em lindíssimo poema, para percorrer os séculos iniciais desse período, retratando em imagens grandiosas as obras dos inventores, músicos, escritores, cientistas e filósofos que precederam o século XIX e transformaram os horizontes das sociedades nos séculos seguintes.

Inaugura com George Washington, o grande estadista da revolução e da independência americanas, homenageia os

maiores filósofos, artistas, cientistas e escritores do período histórico preambular ao século XX, para desaguar seus versos encantados nos grandes vultos do romantismo mundial e, finalmente, brasileiro, enaltecendo em poemas pungentes as obras de José de Alencar, Gonçalves Dias, Castro Alves e Álvares de Azevedo.

Após a leitura de *Os Gênios*, não apenas embevecido com a primorosa poesia produzida por Carvalho Ramos, mas sobretudo, impressionado com sua cultura e capacidade – em condições absolutamente adversas –, de retirar preciosidades das dobras dos séculos como resultado de muita leitura, dedicação e estudo, esforço que não alcançaria esse resultado formidável se não fosse guiado por privilegiada sensibilidade e inspiração incomum.

LIVRO GOYANIA^{*}

^{*} Por escritura pública, o livro foi doado ao estado de Goiás, em 6 de outubro de 1890. Ler na íntegra o termo de doação, no anexo: O Literato, pág. 232.

O prólogo do livro *Goyania* é uma elegia ao valor supremo da poesia e da sensibilidade. A comovente fé de Carvalho Ramos no poder transformador e humanizante da mensagem poética fica estampada nas considerações iniciais do livro para sempre. A narrativa da epopeia representada pelo contato dos bandeirantes com os indígenas ganha contornos de rara beleza na ficção romântica prenunciada na abertura da obra, que é vista como poesia e não como um livro, conforme anotado adiante nos comentários.

SIRVA DE PROLOGO*

Carminibus quaero miserarum
oblivia rerum.

(Ovidio.)

TODO o livro tem a sua historia particular, os seus *quês e para-quês*, defeitos ou virtudes que lhe assignalam os homens, os factos, ou a natureza.

O que ahi tendes aos vossos olhos, meu caro leitor, não é propriamente um *livro*, é um poema, é uma composição litteraria feita em versos, o que não é enfadonho, sem deixar de ser aliás controvertido.

— Pois quê! um poema não será tambem um livro? — objectar-me-á o meu caro leitor; não terá porventura erros e verdades, defeitos e bellezas, esse pouco que é o tudo da intelligencia humana em suas multiplas manifestações?

Mas o poema n'este seculo não é mais um *livro*; porque o *livro* é o elemento didactico, é a *Physica de Ganod* ou as *Ordenações do Reino*; alli conversa-se com a natureza e como que apalpando-se-lhe as leis — aqui desenrola-se a cidade, que é o homem, sob um regimen social positivo.

O poema é o coração e não a lei, é a alma e não a logica; elle é um producto superior ao mesmo livro, que é a proxima fonte onde o peregrino das sciencias vae beber, em amphoras de luz, o conhecimento da natureza e dos homens, emquanto acolá, em myriadas de sensações diversas, em um labyrintho de bellos panoramas, dispostos ao clarão da arte, fulgura a poesia, a imaginação vòã, o ideal se colora e a immensidade apparece.

O poema é o céu da poesia. E como attingir esse céu?

Onde, foi confundir-se a minha pueril ousadia!

* Prólogo original do livro *Goyania*

Mas a solidão inspirou-m'o; si é ou não um trabalho soffrivel — pouco importa-me; o que sei é que esse punhado de versos foi e sel-o-á para mim uma doce consolação; n'elles hauri alguma vida, alguma luz ás minhas trevas, alguma esperança ao meu ideal; vivi emquanto senti-os na alma, humidos do pranto da saudade, animados pelo fogo do enthusiasmo da mocidade, que passa como nuvem.

Onde os compuz eu? — Lá no silencio dos sertões do sul, nas poeticas varzeas goyanas; e, emquanto tremulo de emoção ia recolhendo o sentido d'essas notas enthusias-tas d'aquelle tempo, sentia que formava se um poema, e que esse trabalho teria mais tarde de ir narrar ao futuro as luctas do passado, e os seus triumphos e os seus não menos importantes revezes.

Escripto quasi de um folego, no espaço de trinta e cinco dias, o presente trabalho não aspira aos fóros de creador de eschola litteraria; tambem não se acostella a qualquer systema, em poesia, a meu vêr, fóra de proposito; tanto mais quanto o systema em poesia, principalmente em composições d'essa natureza, não supporta a amplitude, — essa liberdade necessaria ao talento, — tolhe os vãos á alma animadora de suas creações, de seus modelos, de sua belleza e de seu estylo.

Adoptei, porém, o estylo singelo e verdadeiro da nossa lingua, filha da latina, e, impressionado pelos estudos litterarios e faceis dos primeiros annos, julguei acertado compô-lo em oitavas rythmadas, differencando-o na parte relativa á combinação rythmica dos outros poemas já conhecidos, como sejam dos de Tasso, Camões e Santa Ritta Durão.

O perfil historico de um povo, ou de uma raça, ainda que barbara, em uma epopéa, reflecte toda a grandeza heroica da poesia em toda a parte.

A Historia eu fui pedir os thesouros occultos, a palavra dos acontecimentos notaveis com a synthetisação de um periodo renovador para a civilisação. — *Ut fata trahunt.*

Nenhum merecimento para o auctor que não seja finalmente outra cousa senão a recomposição de um periodo de innovação e descobertas.

O meu heróe não tem a estatura de um Gama, nem as attracções mysteriosas dos nobres cavalleiros da *Jerusalem Libertada.*

O meu heróe é um homem dedicado conscientemente ao trabalho, mas singello.

Que diria o escriptor Ayres do Casal depois da leitura dos meus versos?

Bartholomeu Bueno nasceu heróe. Aos doze annos de idade havia seguido seu pae, o velho infatigavel, até ás extremidades da região goyana. Percorrera, portanto a pé, uma região notavel, mas obscura.*

*“Au commencement du siècle dernier, la traite des indiens y prit de telles proportions qu'on vit á São Paulo une maison de commission qui arriva á posseder plus de 600 de ces malheureux.

Manoel Correia et Bartholomeu Bueno da Silva furent les premiers á réduire nos indigènes en esclavage; ils furent aussi d'audacieux aventuriers dans les découvertes de mines d'or vers le milieu du XVII siècle.

Bueno, extrêmement rusé, ayant vu des femmes de la tribu des indiens *Goyás* parées de colliers de paillons d'or, eut recours aux plus astucieux stratagèmes pour asservir ces malheureux et s'emparer de leurs richesses.

Il alluma une certaine quantité d'eua-de-vie (alors inconnu des indiens) et les menaça de brûler tous leurs fleuves et de les faire périr de soif, s'ils ne se livraient pas avec tout ce qu'il couvoitait.

Une autre fois, se trouvant devant une tribu nombreuse et aguerrie, Bueno, ayant su capter sa bien veillance, eut l'idée de lier

Quarenta annos depois, sendo governador de São Paulo Rodrigo Cesar de Menezes, o filho do velho infatigável, desejo de futuro, deixou os seus amigos, emprehendeu a longa travessia pelo deserto, animado de vivo patriotismo e abnegação sincera pela causa da civilização dos indigenas. A cathechese fôra representada por dous monges, que estavam bem longe, infelizmente, de seguir as pegadas de Nobrega e Anchieta.

Bartholomeu Bueno é uma figura eminente na epopéa do Brasil. Um poema epico deve buscar o seu heroe na civilização. É, pois, chegada a occasião de libertar-se o passado.

Cantar a natureza, sentir o bello, amar a virtude, animar o progresso, contradizer a incredulidade, combater o materialismo e stygmatisar a superstição — eis o fim.

traitreusement les chefs les uns aux autres, au moyen d'anneaux de fer et de chaines, dans le but trompeur de les faire danser, comme il l'avait simulé avec quelques-uns des siens.

A peine les chefs furent enchainés para le cou, Bueno s'empara de leurs personnes ainsi que d'un grand nombre d'autres, pendant la grande confusion où se trouva toute la tribu une fois la fourberie découvert.

C'est à cause de ce fait et d'autres identiques que les indiens donnèrent á l'astucieux explorateur le nom de *Anhanguêra*, qui signifie — Vieux diable.

Après ces deux aventuriers, d'autres se mirent à chercher l'or de Goyaz; d'entre eux se destache le fils du vieil *Anhanguêra*, prudent, expérimenté et integre, qui remplit la charge de capitaine-général régent des mines, emploi dans lequel il rendit de grands services à l'Etat. Bien qu'il eut été possesseur de très riches mines, il mourut pauvre le 19 septembre 1740, âgé de 70 ans.

Le bruit des grandes et importants découvertes du capitaine-général régent se répandit promptement et répercuta partout."

(Rapport de la Commission d'exploration du Plateau Central du Brésil — 1894.)

Sob taes inspirações, escrevi o trabalho que ides lêr. Vale como um protesto. Na epocha actual, em que suppostos sabios criticam a auctoridade de mil e oitocentos annos, um autor obscuro intercede pelo espirito. Não se defendem as religiões. Todas as seitas contêm falsidades. Defende-se a verdade, proclama-se a virtude. A poesia do nosso tempo deseja tambem discutir; sahe a campo, aspira ao engrandecimento do povo. Ella é o transumpto das harmonias celestes; é a voz da natureza, voz poderosa e grande, que echôa atravez dos seculos. Preenche dous fins: dar á idéa azas invisiveis para estudar o infinito, harmonias ao coração para comprehender a mulher. O amor é uma fonte inesgotavel de inspiração. Por isso, esse mundo de imagens, de côres vivas e continuas, dá ás ideias um valor tanto maior quanto mais nobre e distincta é a missão do poeta.

Virgilio e Chateaubriand confundem-se. A Iliada escreve á *Divina Comedia*: Educa o mundo.

O Tasso, entre as quatro paredes do carcere, liberta-se em espirito, canta a natureza e o amor. O sentimento revive. A *Jerusalem Libertada* é uma das lagrimas da historia. Milton e Klopstock auxiliam-se. Shakspeare é o sentimento; o auctor da *Legenda dos Seculos* é a idéa. A poesia tem d'esses rasgos. O homem intenta desprezal-a emquanto ella o ressuscita. Eis o triumpho da arte.

A poesia diz ao seculo: Eu sou a pá que sepulta. Dae-me as instituições decadentes: compete-me enterral-as. Eu fallo pela mulher e pela creança. Libertemol-as pela sciencia; eduquemol-as pelo canto.

Completae, ó povos, a transfiguração das harmonias em uma voz!

O passaro canta; e não parece-nos o seu cantar uma idéa, um sentimento, um queixume — A poesia é o passaro. Dae-lhe o espaço, dae-lhe o Universo. É sublime. Com algum tempo — e o Infinito será o interprete do ho-

mem. O coração pouco a pouco se desenvolve: é uma educação pelo canto. Meyerbeer e Rossini estreitam-se na harmonia; e esperam a transfiguração pelo novo Thabor — a solidariedade nas artes.

Uni a poesia á musica. Uma é a voz da alma; outra a sciencia do coração.

Raphael pede a Schiller a inspiração candida, e Miguel Angelo a Victor Hugo a imaginação vulcanica. Um quer a sombra, outro o raio. São fulgurações sublimes. Os genios têm d'essas contraposições. O que vem do espirito é uma idéa do alto. A inspiração é uma especie de arauto. Ella fez a poesia crear o perfume do coração para o verso, e a graça da natureza para o amor.

Um poema consequentemente carece de pôr em acção os sentimentos do amor, como base de todo o ideal verdadeiramente christão.

A mulher civilisada, mas educada nos preconceitos, fórma um character ingenuo, mas vago: *Lelia*.

Ella é a filha da cidade, lê e escreve a lingua materna; tem o privilegio de reflectir sobre os seus proprios sentimentos; é o espirito em via de progresso, em caminho certo do ideal, que approxima a terra do céo.

A selvagem, a indiana, é a flôr da natureza, é o hymno agreste das selvas, é o murmurar das cascatas, o bulhar sonoro das ondas: seus affectos são fortes, indomitos, invariaveis; seu espirito, longe de hesitações, não conhece meios termos — aspero até á brutalidade, terno até ao sacrificio. Eis *Guayra*.

Ante esse elevado aspecto a poesia é sempre a arte suprema.

E que aspereza a vencer-se por esse abysmo, onde começa o ideal e acaba o verso!

Quiz vencel-o; e, si não foram vãos os meus esforços, si d'ahi o caro leitor colhêr alguma flôr para a sua cren-

ça, alguma luz para a sua alma e alguma esperança, mesmo tenue, para o seu coração, julgar-me-ei só com isso pago de tão arriscado tentamen.

Goyaz

Carvalho Ramos.

*“O poema é o coração e não a lei;
é a alma e não a lógica”*

A partir dessa asserção, que domina todo o prólogo transcrito, o autor distingue o poema do livro, pois acredita que o livro é a fonte próxima “onde o peregrino das ciências vai beber, em ânforas de luz, o conhecimento e a natureza dos homens.” Na sua visão, o livro é o repositório do conhecimento humano, das ciências, e um livro transformado em poema, como *Goyania*, contém “miríades de sensações diversas, em um labirinto de belos panoramas, dispostos ao clarão da arte”. Nesse plano mítico, aurida nas vibrações do coração e não da ciência, a poesia fulgura, a imaginação voa e a imensidão aparece.

Ao conceber o livro sob a forma de poema épico, o autor rendeu-se convictamente aos encantos da poesia, enaltecendo a grandeza dos versos para retratar a figura do herói central do poema: Bartolomeu Bueno da Silva, considerado uma figura eminente na epopeia do Brasil. Referindo-se ao livro como expressão do filão de epopeias representativo de uma das linhas camonianas de nossa poesia no século XX, Gilberto Mendonça Teles³⁸ informa:

O poema possui vinte cantos de oitavas-rimas e celebra os feitos do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, descobridor dos guaiases e fundador da cidade de Vila-Boa (derivada de Bueno), antiga Capital do Estado e hoje denominada Goiás ou Cidade de Goiás.

³⁸ Camões e a Poesia Brasileira, Edições QUIRÓN/MEC, 2ª edição, São Paulo, 1976, p. 147.

Exaltando o romantismo exacerbado que emoldura os versos de Carvalho Ramos o mesmo consagrado autor assinala, adiante:

Toda a sua concepção poética e retórica é, portanto, romântica. Grande leitor de Victor Hugo, Carvalho Ramos põe em seu poema as imagens soberbas e largas com que o Romantismo tratou dos selvagens, no caso das tribos Caiapós que habitavam o sudoeste goiano. Mas há por certo um equilíbrio expressional, uma liberdade romântica que consegue esconder a influência camoniana cujas nuanças estilísticas se podem perceber logo na primeira estrofe do poema: Eu canto, pátria minha, o herói fecundo/ Que imortal sublimara aquela idade/ Em que o Brasil sonhando a liberdade,/ Cingia as vestes do nascente mundo;/ Em que a história, irmã da humanidade,/ Tinha o gigante audaz o ser profundo,/ E aqueles que, nos bosques brasileiros,/ Foram os grandes caiapós guerreiros.³⁹

No seu *Letras Goianas, Esboço Histórico*,⁴⁰ Victor de Carvalho Ramos, filho de Manuel Lopes de Carvalho Ramos, informa que o poema épico foi escrito em 35 dias, doado ao Estado, e que ele

celebra, em 20 cantos de 50 oitavas rimadas cada um, os acontecimentos mais notáveis da descoberta dos goianos. Unindo história à ficção, criou os vultos de Lélia, caráter ingênuo e vago da mulher civilizada e Guayra, símbolo da filha da selva, ao mesmo tempo terna e selvagem.

E revela uma curiosidade histórica a respeito da obra, à qual se atribui do nome da capital do Estado acolhedor do baiano ilustre, dotado de sólida cultura humanística, que aqui

³⁹ Ob. Cit p.148

⁴⁰ Carvalho Ramos, Victor, Goiânia, 1958, Edição do Departamento Estadual de Cultura – DEC, da Secretaria da Educação e Cultura estadual, p. 59

abraçou com dignidade a magistratura, e com brilhantismo o jornalismo e a literatura:

Ao menos para Goiás, que o acolheu em seu regaço hospitaleiro, o poema “Goiânia” reviveu a época do descobrimento da terra e emprestou seu título à nova Capital do Estado e sob a pedra fundamental lá está um exemplar do poema, que nos foi pedido pelo Sr. Carlos Pedrosa.⁴¹

Deve ser ressaltado, por impositiva contextualização histórica, que o livro foi escrito quando a tarefa de civilização e catequese dos indígenas brasileiros ainda não era vista com todas as implicações antropológicas, sociológicas e políticas que passaram a permear o debate da questão mais tarde. A proposta de doutrinar os selvagens com os ensinamentos cristãos e a aproximá-los da sociedade civilizada era vista no século passado como ato de patriotismo, heroísmo e coragem.

O fato de que a verdadeira motivação dos bandeirantes não tenha sido apenas o desbravamento e a expansão do território, mas a busca ou exploração de ouro⁴² e pedras preciosas, não deve comprometer a visão romântica retratada no poema épico que realça, ao mesmo tempo, o heroísmo do bandeirante e a bravura e altivez dos indígenas. Imagens estéticas comuns ao romantismo da época sublimam a natureza e

o mundo natural encarna as pressões anímicas. E na poesia ecoam o tumulto do mar e a placidez do lago, o

⁴¹ Ibidem, ibidem p. 59.

⁴² Segundo registram historiadores goianos, a finalidade da expedição de Bartolomeu Bueno da Silva – que já veio com o título de Superintendente das Minas, trazendo como seu guarda-mor Ortiz –, citado no poema várias vezes, foi a exploração das minas descobertas por seu antecessor Anhanguera nas cabeceiras do Rio Vermelho, região da atual Cidade de Goiás. Palacin, Luiz e Augusta S. Morais, Maria, História de Goiás (1722-1972), Editora Vieira – Universidade Católica da Goiás, 7ª Edição revisada, 2008, pgs. 22/23.

fragor da tempestade e o silêncio do ocaso, o ímpeto do vento e a fixidez do céu, o terror do abismo e a serenidade do monte.⁴³

A síntese dessa cosmovisão épico-romântica está fielmente refletida nas descrições do cenário miticamente idealizado pelo poeta e quanto aos personagens, no paralelo traçado, ao final do prólogo, entre Lélia, a filha de Bartolomeu Bueno da Silva que o acompanhava, e Guayra índia Tupinambá e esposa de Anhangáia, filho de Jauru, cacique dos Caiapós. Enquanto Lélia é descrita como a filha da cidade que lê e escreve a língua materna, reflete sobre os seus sentimentos e é um espírito evolução, Guayra é vista como a flor da natureza, o murmurar das cascatas, espírito forte, que vai da brutalidade ao sacrifício e não conhece meios-termos.

No Argumento do Canto Primeiro delineiam-se as aventuras e desventuras prenunciadas nos horizontes dos índios caiapós, levando o chefe Jauru a enviar Anhangáia, Guaracy e Tanary em perigosas expedições destinadas a propor aliança com os Tupinambás, habitantes do norte, até então seus inimigos irreconciliáveis. Essa viagem vai propiciar o encontro dos caiapós com o bandeirante.

Sendo um poema introdutório de toda a saga, esse Canto glorifica o Brasil, a liberdade em que viviam os seus habitantes, a riqueza de seu solo e as maravilhas encontradas pelos colonizadores em imagens grandiloquentes e metáforas portentosas, a exemplo dos versos seguintes: *Eras tu pátria forte, o grande povo/ embalado no bosque americano/ Não de escravos nascidos ao eito insano/ Mas de algum ventre e poderoso e novo.*

Não escapa aos olhos críticos do poeta, entretanto, a miscelânea étnica e moral dos primeiros habitantes

⁴³ Bosi, Alfredo, *História concisa da Literatura Brasileira*, Cultrix, 43ª edição, 2006, São Paulo, p. 94.

trazidos pelos colonizadores quando registra na parte final da quinta estrofe do canto primeiro: *Ousado prometeu que em ti buscavam/ Nações da Europa, espíritos sedentos/ E estranhos, feros, cegos desertores/ E escravos negros de cruéis senhores.*

O discurso poético desse canto inicial, no entanto, narra principalmente as sombrias previsões do pajé e do mítico gigante de pedra protetor dos caiapós sobre a iminência de guerras e batalhas destruidoras que desencadeou as expedições dos filhos do cacique em busca de alianças com outras tribos. Os preparativos para a arriscada viagem dos filhos e as dores da mãe na despedida são narrados em versos belíssimos, que constituem expressões preciosas do romantismo brasileiro.

Anote-se, em favor dessa opinião, a qualificada sintonia de Gilberto Mendonça Teles⁴⁴ ao destacar as estrofes sete e oito desse canto inicial

onde se distinguem o poema que, quando se tornar conhecido, merecerá por certo a reabilitação do desprezo que os próprios goianos lhe dão, por incúria, por brigas de famílias ou por antigos preconceitos provincianos:

Mas, por isso, bem vês goiano povo,
A quem meus versos neste canto envio,
Que imagens vagas de paixão não crio,
Mas a glória da pátria em que me louvo,
Em teu regaço, em que melhor me fio,
Deponho a lira e o canto audaz e novo;
Dá que a musa animando a luz da história
Da pátria cante a primitiva glória.

Era nas selvas – O cair do dia,
Do crepúsculo às sombras roxeadas

⁴⁴ Ob. Cit. P.148

Tornavam meiga a tarde: além rosadas,
Brandas nuvens do céu, que o céu vestia,
Se iam no acaso: as árvores copadas,
Em que a tristeza então se refletia
A voz das águas no Araguaia fundo,
Davam mais graça ao dia moribundo.

O canto segundo prossegue matizando a epopeia de romantismo e magia. O índio Anhangá percebe a presença de estranhos com armas mortais e ouve de longe, embevecido, a música de Lélia, filha de Bartolomeu, no acampamento do bandeirante, cuja presença na floresta é descrita em versos delicados. Lélia, nesse momento do poema, é o toque de sensibilidade e de poesia ante a brutalidade das batalhas e dos encontros cheios de surpresas para os habitantes das matas e os invasores.

A surpresa de Anhangá ao ouvir a música daquela presença terna é retratada em versos de pungente sentimento na vigésima oitava estrofe desse canto, assim:

Uns cânticos de amor, e de ternura/ Ao som de branda
flauta, enterneciam/ As mudas selvas; e as canções
venciam/ o peito da mais fria criatura!/ Os ouvidos
do índio se embebiavam/ Dos sons daquela música tão
pura!/ Espreita agora à luz da lua/ Que ostenta-se no céu
ridente e bela.

Enquanto isso, na distante aldeia caiapó iluminada pela mesma lua que vem e vai, em prologadas noites sem trazer o filho de volta, sofre dolorosamente a mãe com a ausência de Anhangá e repete, entre lamentos e saudades incontidas: *Filho, meu filho, a minha taba é tua.../ Só tu não voltas quando volta a lua*. Profundamente desgostada com a ausência dos filhos, Jary falece, e a tribo recebe a volta de

Anhangaia e a visita dos Tupis. Guayra, a filha do chefe da tribo visitante e amiga, é dada em casamento ao guerreiro caiapó que retornava em seguida, depois de longa ausência, mas cujo coração, sem que ninguém soubesse, ficara preso na floresta, enfeitiçado pela presença delicada de Lélia, a filha de Bartolomeu.

A desonrosa fuga da Anhangaia, que abandona a rede conjugal e foge à noite em busca da lembrança ilusória de Lélia, magoa profundamente o pai Jauru e causa indizíveis sofrimentos a Guayra, a esposa desprezada. Os versos dos cantos terceiro e quarto descrevem, em imagens líricas e belas, o terrível sofrimento da índia. O poeta então pergunta, pela voz do coração desolado da amante: *Quando nos deixa o amor, que vale o mundo?* Primorosas, as duas últimas estrofes do canto terceiro resumem magistralmente a desolação de todas as poesias e canções que choram perdas amorosas:

Pois, assim quando o amor o peito inflama,
E logo o deixa inerte e abandonado,
Escravo humilde, escravo inebriado
Em dor, que em triste pranto se derrama,
O mundo abismo negro e descalvado,
Embalde ao coração descrente exclama:
Vida! Façamos íntima aliança...
Não desfolhes a última esperança!

Eu sou teu servo de noite vela,
Quando ao sono reclamas triste a vida:
Não vês no espaço rutilante erguida
Aquela peregrina e pura estrela?
Deixa-me em sonhos alma estremecida,

Levar-te à sua região tão bela...
Vida! Façamos íntima aliança...
Não desfolhes a última esperança!

Espreitando o acampamento dos bandeirantes, Anhangaiá, no canto quinto, termina por encontrar Lélia banhando-se nas águas do rio. Fugindo do local, é encontrado por Frei Jorge, um dos padres que acompanham a missão de Bartolomeu e que consegue convencer os seus companheiros a aceitar a presença do índio em paz.

O canto sexto narra a guerra, a traição de Anhangaiá e a vitória de Bartolomeu, que aprisionou os indígenas de sua tribo que não morreram ou fugiram. O irmão de Anhangaiá, Tanary, lutou ao lado do pai e dos caiapós, e Jauru, o chefe, foi feito prisioneiro. Lélia tem permissão do pai para esposar Anhangaiá, que é batizado e torna-se cristão.

O canto sétimo relata a aventura de um grupo da expedição que foge de selvagens inimigos que se aproximavam por um túnel indicado por um índio Goyá que passa sob o rio Araguaia. O canto sétimo relata os lances aventureiros da fuga, as tristezas que remoem o coração de Anhangaiá pela traição cometida contra seu povo e o despeito de Albano, integrante da expedição que ambicionava o coração de Lélia, devotada ao esposo índio.

Frei Cosme, um dos religiosos da expedição é surpreendido e morto por Guayra, a primeira esposa, no canto seguinte, tentando seduzir uma das índias prisioneiras, irmãs de seu esposo fugitivo. Guayra foge para a floresta. Em vingança, são queimados as irmãs e o pai de Anhangaiá que, desesperado, devorava um dos dedos de fome. Possuído pelo amor que o fez renegar a tribo e a família, Anhangaiá contempla a cena dantesca com a medonha indiferença estampada pelo poeta na seguinte estrofe:

Num aí convulso, à boca estende apenas
Um dos dedos, que exânime devora,
Que a fome já na morte é dura agora,
E sempre é justo, o lenitivo às penas;
E o filho, que ali chega, escuta embora
Com cínico sorrir tão negras cenas!
Era um quadro fantástico, medonho,
Que qualquer julgara ser um sonho.

Mas os laços do filho traidor com os seus não está inteiramente rompido. Corroída pelo desprezo, a índia Guayra vaga pelas redondezas do acampamento dos estrangeiros espreitando inconformada a felicidade do amado em companhia de Lélia. Os versos lamuriosos do canto nono pincelam a sua dor em delicadas imagens que vale a pena reproduzir:

A índia amante, e não amada, errando
De fragura em fragura, sem contudo,
Sua vida acabar, e o peito mudo,
Antes mais firme à nova dor sangrando,
Espia o esposo, estuda-o nesse estudo,
Qual mãe zelosa os filhos atentando,
E chora vendo-o rir, vendo-o mais belo,
Preso noutra paixão, noutro desvelo.

Já de súbito a voz com que soara,
Toda a paixão, no peito consternada,
Se extingue; e triste lágrima pesada
Pelas faces de novo perpassara...
Vale acaso a palmeira desraigada,
Vale talvez a palma que murchara,

Vale o tronco mirrado, o vento incerto
A luz triste, o céu negro, o mar deserto...

Deparando com Guayra na floresta Albano, o ardiloso mexicano que também se sentiu desprezado por Lélia, procura ganhar a confiança da índia cobrindo-a de elogios desmedidos, como dá conta essa estrofe:

Mas diz-lhe: És tu selvagem formosura,
A mãe das selvas, de Tupan senhora,
E a voz da filha de um guerreiro agora
Porque no pó revolve a terra pura?
Trago-te a paz à dor que te devora,
Índia gentil se és filha da espessura,
Os lábios move, volve-me este rosto,
Conta-me pois seu íntimo desgosto!

Tomada pela ideia de vingança que lhe foi instilada por Albano, Guayra, escondida no anonimato da floresta, dispara contra Lélia uma flecha envenenada, matando-a. O funeral da filha de Bartolomeu, a consternação dos membros da expedição e a dor do pai inconsolável são refletidas no final do nono e no décimo canto.

Transtornado com a morte da amada esposa, Anhangaiá ouve queixumes do espírito do pai pela traição cometida contra os seus por amor, sentindo-se amaldiçoado pelos antepassados que renegou e entregou à derrota infamante. Levado pelo falso Albano à sepultura de Lélia é surpreendido pela presença inesperada de Guayra que confessa o crime cometido e amaldiçoá o desgraçado esposo bradando:

Malvado! Pois que assim me desprezaste,
A mim, que sempre te adorei constante,

Que, seguia-te ardente a cada instante,
A mim, que sempre injusto maltrataste,
Escuta minha voz febricitante,
Na dor, que nesse peito assim formaste,
Mas sabe que a matei, que fui terrível!
Como a tua paixão vil, impossível!

Mesmo admitindo que sua paixão o transformara num guerreiro maldito ao seu povo, expõe sua dor a Guayra reafirmando seu amor à esposa morta e acusando-a de lhe ter tirado a vida, em queixas que ganham expressões líricas pungentes no poema, levando a índia a uma fuga tresloucada e sem retorno pelas matas:

Porque pois lhe apagaste a luz da vida?
Porque murchaste o teu riso das flores?
Quem lhe igualava em graça nos amores,
A graça que na morte está perdida?
Murchas estão no seu semblante as cores...
E tu, mulher, que me tiraste a vida,
Irmã das selvas, filha do deserto,
Não vês o abrigo que me deixaste aberto?

Amargurado com a perda da filha, cansado e sem munições suficientes Bartolomeu decide regressar a São Paulo, deixando a chefia das minas e do acampamento aos cuidados de Anhangáia. Durante a viagem, Bartolomeu sonha com Cristóvão Colombo a quem confessa estar perdido e recebe dele a orientação para libertar os seus escravos.

Acreditando ter recebido uma recomendação divina, Bartolomeu dá liberdade aos seus servos, que comemoram em festas no acampamento, oferecendo-lhe ramos e flores trazidos das campinas em agradecimento. A libertação dos

cativos é retratada de maneira singela por Carvalho Ramos pois os versos seguintes descrevem a espantosa morte na fogueira de um grupo de índios caiapós que haviam sido encontrados debilitados, doentes e presos em cadeias.

Em duas estrofes do canto décimo primeiro, o poeta estampa as duas manifestações de indulgência e barbárie tão contraditórias quanto comuns aos “brancos” e colonizadores na época:

Servos!... Exclama o homem quase alçado
Em seu leito, que a palha continha:
Sois livres, que o conselho me provinha
De lá dos céus que o tenho conservado.
Agora o coração que a dor mantinha,
Salta no peito ao grande alevantado;
Seus escravos as mãos lhe estão beijando,
Outros os pés e as pernas abraçando.

[...]

Manda Bueno então que se entregassem
Os corrompidos corpos à fogueira:
Arde a chama voraz que traiçoeira
Sobe, antes que os ventos a soprassem!
A carne crepitando aos ares cheira
Antes que a cinza os ossos abafassem:
Assim faziam eles, quando vivos
Quando matavam brutos os cativos.

Prosseguindo em sua sofrida viagem de regresso Bartolomeu encontra as maravilhosas cachoeiras de Guayra cuja portentosa beleza incomum é pincelada por Carvalho Ramos em versos encantados, que podem ser considerados premonitórios quando menciona “Da

Guayra gigante o choro infindo”, na estrofe a seguir reproduzida. As cachoeiras ou Saltos de Guaíra, que eram conhecidas no Brasil por Salto das Sete Quedas, foi mais uma das maravilhosas belezas naturais da humanidade destruídas pelo mito avassalador do “progresso”, visando à construção da usina de Itaipu, entre o Brasil e o Paraguai, pelo represamento das águas do Rio Paraná.

Os versos do biografado documentam, em 15 líricas estrofes a majestosa beleza que seria inundada, a partir de 13 de outubro de 1982, pelas águas do lago de Itaipu, exprimindo justificadamente o deslumbramento de Ortiz, o genro de Bartolomeu, e dos demais membros da expedição com o monumental espetáculo:

A tão altivos, grandes pensamentos,
Bueno e seus amigos animosos.
Mirando o gênio dos sertões fogosos,
Entregavam-se a vivos sentimentos.
Que abismos, que esplendores grandiosos
Viam de sobre o cerro sempre atentos,
Naquela cena, irmã da imensidade,
Que eterna, que divina majestade!

[...]

Do dia a viva luz, que cintilava
Sobre os amenos prados verdejantes,
Pelas montanhas altas e distantes,
Círculo d’ouro com lavor traçava;
Mas também era belo em seus instantes,
Ver-se a tarde expirar da noite escrava,
Naqueles belos ermos repetindo
Da Guayra gigante o choro infindo.

O majestoso espetáculo que encheu os olhos dos bandeirantes não existe mais.⁴⁵ Lamentando em versos inesquecíveis a monumental perda ambiental brasileira, o poeta Carlos Drummond de Andrade registrou o seu protesto ecológico pelo sacrifício do Salto das Sete Quedas para a construção da usina de Itaipu, publicando o poema “Adeus a Sete Quedas” em uma página inteira do Caderno B do *Jornal do Brasil*, edição do dia 09 de setembro de 1982. O poema, do qual transcrevemos dois trechos marcantes pela coincidência temática com a abordagem de Carvalho Ramos, foi incluído posteriormente no livro *A Vida Passada a Limpo*, que contém uma seleção dos melhores poemas de Drummond, publicado pela editora Record em 2002.

Faz-se do movimento uma represa,
da agitação faz-se um silêncio
empresarial, de hidrelétrico projeto.
Vamos oferecer todo o conforto
que luz e força tarifadas geram
à custa de outro bem que não tem preço
nem resgate, empobrecendo a vida
na feroz ilusão de enriquecê-la.
Sete boiadas de água, sete touros brancos,
de bilhões de touros brancos integrados,
afundam-se em lagoa, e no vazio
que forma alguma ocupará, que resta
senão da natureza a dor sem gesto,
a calada censura
e a maldição que o tempo irá trazendo?

[...]

⁴⁵ Ato ficcional de Carvalho Ramos. Anhanguera jamais esteve no Salto da Sete Quedas, em Guaíra (PR).

Sete quedas por nós passaram,
e não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
e todas sete foram mortas,
e todas sete somem no ar,
sete fantasmas, sete crimes
dos vivos golpeando a vida
que nunca mais renascerá.

Ainda no canto décimo segundo, o poeta traça um paralelo entre as belezas do Brasil e da Europa, mencionando os encantos das esplêndidas cordilheiras do velho continente onde o sol mil castelos dourados ilumina, destacando os Pireneus na Espanha, os montes Urais, na Rússia, as cordilheiras dos Alpes e dos Apeninos na Itália, para exaltar, ao final, as belezas naturais do Brasil, o Novo Mundo.

Discorre sobre as três volumosas bacias do Amazonas, do Tocantins, do Araguaia, mencionando ainda o Rio Paraná e a cachoeira de Sepotuba, hoje conhecida como a formosa cachoeira de Salto das Nuvens, formada pelo Rio Sepotuba bela atração turística próxima à cidade de Tangará da Serra, em Mato Grosso.

Tendo como cenário:

O painel que belíssimo encerrava/ O bosque,
os vales, a campina e os prados/ E os rios doces,
longos e invejados/ E do horizonte o azul, que
deslumbrava.

Bartolomeu e seus companheiros encontram um grupo de índios acroás⁴⁶ aparentemente hostis. Passada a surpresa do primeiro contato, são recebidos em paz pelos indígenas,

⁴⁶ Grupo Indígena habitante de Minas Gerais e Bahia, contactado pelos bandeirantes, hoje conhecidos como Xacriabás.

que na visão romântica do poeta, os confundem com seu pai, apelidado de Anhanguera, ao qual haviam se tornado submissos por acreditarem que ele tinha o poder de incendiar as águas. Bem recebida, a expedição e os índios Guaranys mansos que dela fazem parte confraternizam-se com os acroás e anoitecem em festa.

Mais adiante, tombado pelo cansaço da idade e magoado pela inesquecível perda de Lélia, Bartolomeu sofre com a possibilidade de retorno à sua pátria alquebrado e pobre. Esse quadro sóbrio é composto por Carvalho Ramos em versos lamentosos que lembram a partida gloriosa, incentivada por sonhos de glórias e riquezas. Abatido por esses pensamentos desditosos, Bueno dorme e sonha novamente com Cristóvão Colombo.

Na ficção do poeta, o bandeirante sonha com o futuro das terras goianas e ouve as revelações que lhe são feitas por Colombo a respeito dos novos governantes, entre eles Dom Luiz de Assis Mascarenhas (1739/1748), fundador de Vila Boa de Goiás – primeira capital do futuro Estado. Mascarenhas, um dos primeiros dirigentes do período em que Goiás ainda era “Minas dos Goyazes”, na informação da historiadora Lena Castello Branco, enriqueceu nas lucrativas incursões realizadas pelo norte da província,⁴⁷ mais tarde região norte de Goiás e, mais tarde, atual estado do Tocantins.

Na poesia impregnada de espiritualidade, Colombo assume um tom profético e pressagia um fim tranquilo para Bueno, anunciando-lhe uma morte serena na velhice, “na

⁴⁷ “D. Luis de Mascarenhas, que fundou Vila Boa de Goiás e presidiu à inauguração das ricas minas de Chapada, Arraias, Conceição e Cavalcante. Durante sua permanência em Goiás – de onde governava São Paulo –, obteve resultados altamente compensadores em viagens que fez ao norte da capitania, que lhe possibilitaram adquirir a fazenda da Bertioiga por mais de um milhão de cruzados, além de comprar cem casais de escravos.” (*Poder e Paixão – a saga dos Caiado*, Cànone editorial, Goiânia-GO, 1ª edição. 2009, 1º vol, p. 50).

idade em que a vida é já veneno”. Exorta, em tom de prece, nos versos de refinado lirismo recolhidos e transcritos como gemas preciosas, a projeção do nome do bandeirante nos horizontes imorredouros da história, após difíceis jornadas pelos sertões entre os selvagens, condenando, como é marca registrada de toda a obra de Carvalho Ramos, o ceticismo ou o materialismo:

Deus é Deus; tudo o mais mecanismo
Da obra sua, que encerra a eternidade,
Mau grado a corrupção da humanidade
E as doutrinas fatais do ceticismo
O azul, que forma a pura imensidade,
Que é o éter de imenso brilhantismo
Que tão doce consola, influi, inspira
Quantas grandezas ínclitas respira

Pois que ouvido me tens ouvido puro
A certa narração que Deus ensina
Embora a vida arrastes peregrina
Entre os selvagens num sertão mais duro
Embora cave o tempo a vil ruína
Do teu viver sem gozos nem futuro
Sim, ser-te-á dado um patamar mais forte
Onde não passa e nem descansa a morte.

Em seguida, Colombo prenuncia auspiciosamente a criação da capitania de Goiás, mencionando o nome do primeiro governador Marcos José de Noronha e Brito, ou Marcos de Noronha, encerrando o canto com previsões dos revezes impostos aos portugueses com as mudanças políticas que virão.

Os sonhos e revelações criados pelo poeta continuam povoando o sono de Bartolomeu no Canto Décimo Quarto

da epopeia viagem até a chegada a São Paulo. Couto de Magalhães, Félix de Bulhões e outros homens ilustres e talentosos que governaram a capitania de Goiás pela voz profética de Colombo.

A visão que em sonho tem Bueno de um encontro com o Criador na eternidade, reflete a fé de Carvalho Ramos nos princípios da doutrina espírita, segundo a qual no mundo espiritual cabe aos espíritos superiores ou iluminados orientar os espíritos inferiores, presos às vibrações carnívoras e terrenas.

Assim é que Bueno, encantado com as maravilhas do mundo espiritual e ouvindo hinos dulcíssimos em meio a astros brilhantes e mundos etéreos, constata na sua visão onírica que:

Os eleitos espíritos dominam
As esferas externas, onde vagam
Os fracos seres, que no sangue alagam
De irmãos a vida, que ao terror destinam
Os infinitos raios se propagam
Dos eleitos espíritos, que ensinam
Aqueles baixos e humilhados mundos
Onde a matéria tem golfões profundos.

Chegando a São Paulo, Bueno narra ao governador da capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes (1721/1728) as suas peripécias e lutas pelos sertões do país, exibindo os índios domesticados e os escravos, ao tempo em que exalta a bravura e lealdade do genro Ortiz, impressionando o governador.

Enquanto narra as aventuras e provações de Bueno que o fortaleceram, Carvalho Ramos traça um paralelo entre a

saga do bandeirante e a própria missão a que se entregara, de produzir o poema épico em tão curto espaço de tempo. E mescla alguns versos autobiográficos emolduráveis a todos os poetas geniais, como se falasse a si mesmo e da portentosa incumbência a que estava entregue, de conceber, em dois meses, a obra analisada, destinada a um porvir permanente:

Nosso jugo é bem doce, quando ouvimos
Altas frases de amável cortesia
Em prêmio àquela acérrima agonia
Que pela pátria trabalhar sentimos
Trabalhe sempre o gênio, noite e dia
Nas obras em que o metro permitimos
E a terra, que lhe deu primeiro o berço,
Há de em glórias receber-lhe o verso.

O próximo canto narra o retorno de Bartolomeu a Goiás com novos companheiros, autorizado pelo governador Rodrigo Menezes. Na viagem, são lembrados por Carvalho Ramos, a título de reflexões de Bueno motivadas para distração na longa jornada, alguns episódios da história do Brasil, como a invasão dos holandeses em Pernambuco, a traição dos inconfidentes por Joaquim Silvério em Minas e a tentativa de invasão do Rio de Janeiro pelos franceses comandados pelo corsário René Duguay Trouin, esse último, talhado ao sabor do espírito carioca sempre chistoso, é um acontecimento histórico que tem versões controvertidas envolvendo simulação de resgate que teriam encoberto negociações mercantis de um entreposto marítimo.

Seguindo-se às lembranças históricas, Carvalho Ramos, dono de invulgar cultura clássica exercitada primorosamente em *Os Gênios*, seu outro livro, incursiona pelos grandes conquistadores da antiguidade, como Hannibal, o estrategista

de Cartago, Xerxes e Alexandre. Enriquece também o trajeto com indagações filosóficas um pouco inapropriadas para os bandeirantes, mas harmonizadas com a grandiosidade do cenário que descortinava o firmamento adornando a imensidão dos sertões e abriam espaços que pareceriam infinitos e enigmáticos a qualquer mortal.

Bueno, de repente, começa a mencionar pintores e escultores Zeuxis, Praxiteles, Apelles, sábios e filósofos como Sócrates, Aristóteles, Platão, Protógenes, Demócrito, Píndaro e Hipócrates, entre outros, e, como se toda a obra científica e filosófica desses personagens fizesse parte das grandezas do céu que se estendia sobre suas cabeças. Contrapõe, por exemplo, os avanços da ciência às eternas indagações da filosofia, quando transporta esses supostos paradoxos para as dúvidas do bandeirante, em estrofes reflexivas de grande sabedoria.

Assim, relativiza a importância das descobertas do inglês William Herschel (1738/1822), que aperfeiçoou o telescópio e inovou na astronomia, e do astrônomo francês Joseph Jérôme Lefrançois de Lalande (1732/1807), que suplantou os estudos do precursor grego Cláudio Ptolomeu (80/168), tornando-se autor de importantes descobertas na área, ao compará-las com os grandes enigmas do infinito ou da alma humana estudados pelos filósofos no decorrer dos tempos, nas seguintes estrofes:

Descobre o telescópio e o céu profundo,
Mas não descobre aquele que o sustenta
Herschell medita no poder que assenta
Sobre esse abismo altíssimo e fecundo
Tudo a seus olhos ávidos aumenta
A pequenez de nosso opaco mundo:
Galáxias de miríades se estende
Onde, a ciência sua glória ofende

Lalande em si discute astros novos
Que maravilham toda imensidade,
De Ptolomeu negando a potestade
Com verdadeiras e distintas provas,
Exemplo dando à forte humanidade,
Heróis indo acordar em suas covas
Tanto não fez a pátria da ciência
Quanto Platão, sondando a consciência.

Mais adiante, Bueno lembra-se da aparição de Colombo em sonho e da recomendação que dele recebeu para a libertação dos escravos, narrando o ataque dos “tigres” (como nunca houve tigres nas matas brasileiras e onças não atacam em bandos, supõe-se que o ataque é uma ficção do autor ou um casal de onças pode ter realmente invadido o acampamento atraído pelo cheiro de carne) e a morte de um dos índios libertados, que perdeu a vida defendendo os companheiros.

Percebendo que seus ouvintes ficam assustados com as aventuras contadas, o bandeirante, pela inspiração de Carvalho Ramos, passa a falar dos gênios da humanidade que iluminam os séculos vindouros com suas descobertas, mergulhando na espiritualidade e no futuro venturoso reservado aos homens bons, sentenciando:

Na dor constante o espírito se apura,
Na sucessão da vida se engrandece,
Pelas virtudes grandes se enobrece.
Deixando sem pesar a terra impura
Deus, que a virtude humana não esquece,
Nem seus filhos abisma na espessura,
O premio guarda ao coração piedoso,
Sendo um princípio certo e luminoso.

Aproximando-se o fim da viagem, com o retorno ao antigo aldeamento, o canto décimo sexto é fecundo em meditações filosóficas e espirituais. A maravilhosa aparição de um anjo, sob a forma de santa ou deusa, passa a ponderar sobre milenares leis espirituais e fazer predições gloriosas para o futuro das regiões de Goiás e do Brasil.

Nas suas revelações, o anjo da luminosa e fantástica visão se apresenta como porta voz das leis divinas, afirmando:

Eu vos dedico a minha força d´alma/ altiva proteção
que Deus me ordena/ mas vos intimo d´essa lei
serena/ do Evangelho, que colhe a eterna palma.

Metaforicamente investido desse mandato superior, o gênio se aprofunda em lições e ensinamentos nos versos seguintes, proferindo um receituário moral de largo espectro social, político e educacional para o presente e o futuro.

Assim, reafirma a infinitude do poder de Deus e prega o amor e a caridade:

Eu sou quem fez a liberdade
Pela qual velo, e luto com grandeza;
Quando eu nasci, nasceu a natureza,
E com ela é que vive a humanidade;
Porque se o gênio é grande, e tem firmeza,
Toda essa luz surgiu da imensidade;
Vos que me ouvis, parti com os desgraçados
Os vossos bens e afetos extremados

Eu tenho vos nas sombras dirigido
Com paciência, esforço e amenidade,
Já vos guiando em feia escuridade,

Já vos guardando o sono garantido,
C'oa minha mão pequena caridade
Vos tenho algum futuro concedido,
Pois ide avante, iluminando o mundo,
O engenho revelar do ser profundo.

Exprimindo a grandeza do Brasil, o anjo diz:

Grande é a pátria vossa, grande terra/ Pelo
Atlântico mar, cingida e bela/ Vivendo a guarda de
uma grande estrela...

e recomenda aos bandeirantes que defendam o
estandarte de sua pátria:

Porque de vós depende a sempre erguida/ Brasiléia
fama, pura em toda a parte/ Que assombrará, num
século futuro,/ O europeu grandioso, o globo escuro.

E rememorando os séculos obscuros estigmatizados por
guerras sangrentas e falsas crenças lamenta:

Eu vos tenho apertado em duros ferros
Por séculos remotos sanguinários,
E os vossos deuses vão, cruéis sicários,
Propulsores fatais de horríveis erros,
Despedaçando os templos solitários,
Vos expondo a vilíssimos desterros:
Mas o bem, que indiscretos desprezastes,
Com escárnio a face me negastes.

A mensagem final da aparição, no entanto, é otimista
e exprime sua confiança nos ouvintes, profetizando dias
vitoriosos para os ideais de conquista e de expansão, na terra
conquistada, dos princípios da fé e da bondade, exortando:

Mas vosso braço armei com poderio,
Com furor grande e não sonhada glória,
Para que toda horríssonas vitória
Sobre os selvagens do espaçoso rio,
Alcanceis, ilustrando a vossa história,
Mais alargando o eterno senhorio
Da fé, que tem plantado esteio forte,
Para o qual, é bem fraca a própria morte.

Honrai-me, enfim com atos verdadeiros,
Com sublimados feitos, que ilustraram
Esses heróis que os gregos respeitaram,
Quais fossem deuses os heróis primeiros;
Mas, si as minhas palavras vos tocaram,
Na história não sereis os derradeiros,
Porém aqueles que o subido assento
Ocuparão com sábio ajuntamento.

A pregação do anjo mítico concebido ficcionalmente na refinada oração poética impregna de pensamentos edificantes Bueno e os companheiros, que passam a idealizar, pelas fantasias românticas de Carvalho Ramos, leis justas

protegendo o trabalho em que viria/ a ser da pátria
o índio feito amigo/ a todos ofertando um ledão
abrigo.

Essa visão descortina um futuro otimista para a sociedade inaugurada pela ação dos bandeirantes, vista pelos românticos como civilizatória e evangelizadora, na qual

talhando o futuro, eterno e abrigo/ A geração
nascente e memorável, / Sabe que suas leis serão
honradas/ com palmas e vitórias celebradas.

Nesse mesmo ritmo, as oito estrofes finais do canto décimo sexto proclamam a interpretação utópica da sociedade vindoura, fiel à marca registrada da literatura romântica, especialmente a poesia, estruturada em imagens e metáforas fortes, que conferem um sentido quase bíblico às antevisões grandiosas, socialmente benfazejas e generosas de Bueno.

O retorno de Bueno ao antigo acampamento é emocionante e evoca lembranças dos terríveis sofrimentos causados pela trágica morte da filha Lélia, irmã da esposa de Ortiz e esposa do índio Anhangáia, que permanecera no local como guardião das minas.

Após a apresentação a todos dos novos integrantes do grupo, o padre Antônio Gaio e o engenheiro Barros, a irmã de Lélia recorda os lances inesperados da tragédia protagonizada pela índia Guayra, insuflada pelas maldades de Albano. O poeta registra reações diferentes no padre Gaio, que estende a mão caridosamente a Bueno, e a frieza do engenheiro Barros, aproveitando-se desse contraste para pincelar uma imagem extraída da espiritualidade de seu recado poético que, refletindo uma preocupação da época, repelia o cientificismo positivista evocada pela presença do técnico:

Por isso aquele cérebro indomável,
Dado ao positivismo sempre duro,
Julga um cálculo ser todo o futuro
Da natureza ardente e inabalável.
O mundo é verme, que ao espaço escuro
Rasteja, preso às leis do inescrutável;
No entanto o ser, que a alma tem lusida
É sempre a sucessão da eterna vida.

Nos próximos versos, Anhangáia revela a traição de Paulo e Albano, que pretendiam aliar-se aos índios tupis

e aos carajás para vencer Bueno, revoltando a todos. Ortiz imediatamente atravessa o coração de Paulo com a espada, e Anhangáia persegue Albano pela floresta, matando-o. No entanto, o índio é surpreendido por uma enorme cobra sucuri que, apesar de sua resistência e punhaladas, termina por quebrar-lhe os ossos, ferindo-o mortalmente.

Convocados por Guandirá, chefe dos tupinambás, as várias tribos dispersas se reúnem na Ilha do Bananal e planejam uma confederação guerreira para atacar os estrangeiros invasores, representados por Bueno e seu povo. Os versos do canto décimo oitavo descrevem os preparativos para o combate e a tomada de consciência dos selvagens de que as lutas intestinas entre as tribos enfraqueciam o seu povo e permitiam a entrada e o estabelecimento dos inimigos, que formavam os primeiros povoados de Pirenópolis e Barra, próximo ao arraial de Sant'Ana,⁴⁸ mais tarde chamado Vila Boa, e hoje Cidade de Goiás.

A movimentação dos índios sob o comando do chefe Guandirá é cantada em imagens pujantes pelo poeta que dá um tom portentoso às motivações dos nativos das várias tabas: tupinambás, javaés, acroás, caiapós e carajás. Embora com algumas divergências entre as tribos quanto ao planejamento da batalha, a disposição para o confronto permanece forte e ativa entre eles na narrativa poética carregada de figuras imponentes.

Reunidos às margens do Araguaia, os índios ouvem as lembranças de Guandirá sobre o casamento frustrado da filha com Anhangáia, filho do chefe Jauru, dos Caiapós, lamentando a deslealdade do esposo, que traiu seu povo, condenando a tribo, inclusive os pais, à escravidão e à morte, dirigindo-se a Guayra:

⁴⁸ Barra foi um dos primeiros arraiais formados e em torno do arraial de Sant'ana, mais tarde Vila Boa, hoje cidade de Goiás, conforme o registro de Luis Palacín e Maria Augusta de S. Moraes, *História de Goiás*, 7ª edição revisada, 2008, Editora da UCG, p. 23.

Em ti a inteira e firme confiança,
Murmurava o pai, depus um dia,
Que eras minha única alegria
Da tribo sempre altíssima esperança:
Eis teu esposo, em quem a tribo cria
O promotor mais certo da aliança,
À sanha do estrangeiro tudo entrega,
E humilde as tranças de Tupã renega,

[...]

No entanto, ingrata filha, o seio puro
Tu reclinaste ao fero traíçoeiro!
E o coração no afeto prazenteiro,
Todo entregaste ao vendaval futuro!
Mas o tacape, no braço de um guerreiro,
Há de vingar Jauru no filho impuro!
E com terrível, fero juramento,
A filha obriga ao fero juramento.

Suspeitando de que a filha ainda tinha sentimentos pelo índio traíçoeiro, Guandirá determina a um grupo de guerreiros que vá buscá-lo, mesmo ferido e doente. Ao entregá-lo ao grande chefe tupinambá, um dos índios relata a desdita do genro fujão:

Eis aqui vos entrego o índio bravo
Na guerra o filho ingrato e pervertido
Mas tão doente, esqualido e perdido
Que melhor fora convervá-lo escravo
Do braço esquerdo um terço consumido
Rouba-lhe quase a vida: é fero agravo
Fora a todos a ação cruenta e dura
Fora acabar com esta desventura!

Dada a ordem fatal por Guandirá e desferido o primeiro golpe em Anhangá, que tudo suporta silencioso, o desespero de Guayra, que apesar de tudo ainda amava o esposo, é representado em versos lancinantes por Carvalho Ramos:

A esposa se revolve em altos gritos,
Toda enlaçada, sobre a relva fria,
Não mais atenta à exposição sombria
D'aquele quadro obscuro e de precitos
Ora convulsamente o chão mordia,
Ora nos céus trazia os olhos fitos
Seu coração, bem como um tigre ardente
Rugindo estava à cena amargamente

O incêndio das matas pelos estrangeiros, no entanto, surpreendeu os índios e fez que Guandirá abandonasse o prisioneiro e se atirasse nas águas do rio com muitos guerreiros, em fuga, sendo perseguidos por Ortiz, enquanto Bueno comandava a artilharia de canhões, despedaçando a taba onde estavam reunidos os guerreiros.

A batalha entre os bandeirantes e índios é feroz e composta em imagens retóricas imponentes, invocando a lembrança dos incêndios que devoraram Roma, bem ao gosto das pinturas grandiloquentes dos românticos:

N'um carnaval de chamas alteroso
O abismo sôa: a gruta é mais profunda:
O sangue em ondas a campanha inunda,
Qual um dilúvio insano e estrepitoso:
A vista extasiada se aprofunda
N'aquele horrível quadro mais famoso
Que o pórtico fatal da antiga Roma,
Em que o incêndio o imperador assoma.

No vigésimo e último canto, o poeta narra os sangrentos episódios da batalha e os resultados funestos para os índios da incursão de Bueno à ilha do Bananal. Os terríveis combates assumem a dimensão de pavorosa mortandade dos indígenas, que fogem para a fantástica e profunda caverna subterrânea que se estendia sob o rio Araguaia, conduzindo moribundo o corpo do Chefe dos Tupinambás, líder do combate:

De instante a instante os raios subitâneos
Ferem os ares, que mil corpos fendem:
As explosões mortíferas se estendem
Em projetis agudos e instantâneos:
Três pavilhões de pedras se desprendem
Dos altos monstros boqueirões titânicos⁴⁹
E, quando as armas os heróis deixavam,
Os canhões estridentes ribombavam.

Nuvem de mil cadáveres, caída
Da gleba ao fundo leito ensanguentado,
A toda cena aquele horror pesado
Moviam, desenhando o fim da vida;
Mas Tanary, que tinha alevantado,
Do subterrâneo a tampa escurecida
Nos ombros Guandirá conduz ardente
Ao baixo abismo, que estremece ingente.

O padre Gaio, sacerdote que chegou com Bueno, ouve as súplicas de amor de Guayra, a índia tupinambá abandonada pelo esposo Anhangá, já quase sem vida, e abençoa a união dos dois antes do falecimento do guerreiro. A morte

⁴⁹ O texto original se refere a “titaneos”, vocábulo atualmente inexistente na língua portuguesa. Como a passagem é alusiva aos canhões utilizados pelos bandeirantes, a substituição feita pela palavra “titânico”, derivado de titânio, mineral utilizado na fabricação de projéteis e mísseis, visou aguardar fidelidade à ideia do poema, alusiva ao uso dessas armas, para a época e nesse tipo de combate, extremamente poderosas e invencíveis para os índios.

de Anhangáia, genro de Bueno e figura central do poema, é tristemente descrita por Carvalho Ramos em dolorosa estrofe de elevada sensibilidade poética:

Mas, num suspiro entrecortado e fundo
O espírito exalou, cravando a boca
Na fria argila, enquanto a índia louca
Torce instantaneamente o rosto moribundo,
Para matar a fome a terra é pouca;
E de que vale escrava ser no mundo?
Onde nas selvas, impera a morte,
A antiga liberdade, a antiga sorte?

Ouve-se em seguida o troar da voz do gigante de pedra, o “yedra” protetor dos indígenas, amaldiçoando Bueno, ao tempo em que uma multidão fantástica de índios mortos deixam a caverna e vagam no campo de guerra, assustando a todos. A visão logo se desvanece, e os vencedores começam a comemorar a vitória, dando vivas à terra americana.

Nas últimas estrofes, a sensibilidade do poeta aflora em belíssimas reflexões sobre a morte – a partir da expiração de Anhangáia nos braços da amada –, entre folhagens e cantos de pássaros, na visão que os românticos sempre dedicaram à natureza selvagem, em lúgubres lamentações que, paradoxalmente, glorificam a vida dos índios na liberdade das florestas:

Morrer! Quando é toda de amores!/ Quando entre
as rosas na manhã serena/ Suspira a Juriti na selva
amena/ Adeja o beija-flor beijando as flores.

E no desfecho magistral do poema Goyania, bem ao estilo romântico da obra, Carvalho Ramos expressa a dor de

Guayra pela perda do amado e a derrota de seu povo, pondo um fim à trágica epopeia:

Era o supremo acaso, a dor terrível,
E findo estava o quadro de agonia:
Sem forças quase a indígena acolhia
Aquela vida à margem do impossível:
E assim, olhando a face quase fria
Que estreita, com desvelo intraduzível
Guayra ri, soluça, e a voz descerra:
– Morto! Morto! – Suspira e cai por terra.

Guayra, a esposa abandonada por Anhangáia ainda vela pelo corpo do esposo e padece com o morticínio de seu povo derrotado pela força dos canhões e dos soldados de Bueno, que consegue chegar à ilha do Bananal e perseguir os restantes, refugiados na fantástica e profunda caverna imaginada sob o rio, cuja gruta de entrada foi explodida pelo engenheiro Barros, sepultando a todos.

ANEXOS:

- O Magistrado
- O Político
- O Espiritualista
- O Literato

O MAGISTRADO

A sentença prolatada por Carvalho Ramos definindo as responsabilidades criminais pela Sedição de Catalão, dada a importância e repercussão, foi publicada pelo jornal *Goyaz*, edição de 21 de abril de 1893. Segue a íntegra do documento:

Jornal Goyaz, edição de 21.4.1893

Sedição de Catalão

Em seguida a estas linhas publicamos a sentença proferida pelo íntegro magistrado, Dr. Manoel Lopes de Carvalho Ramos, pronunciando os sediciosos de Catalão.

O ilustre juiz de direito da capital, sindicou, com a imparcialidade e retidão que todos lhe reconhecem, dos fatos criminosos ali ocorridos e deu cabal desempenho a alta espinhosa comissão de que foi incumbido pelo governo do Estado.

Desejando seguir para a Bahia a fim de visitar seu digno pai, pediu e obteve licença de três meses, em cujo gozo entrou logo depois de cumprir a sua tarefa.

Em breves dias estará entre nós o nosso distinto amigo.

Eis a sentença:

Vistos e examinado estes autos &.

Dos mesmos consta que, no dia dez do mês de dezembro do ano próximo passado, o delegado de polícia – tenente Luiz Pedro Xavier Guimarães, que sucederá ao seu antecessor, major Antonio Silva Paranhos, ordenara a prisão de Domingos Pinto Calaça, por ter sido encontrado armado, quanto por editais já havia sido proibido o uso de armas ofensivas pelas ruas da cidade; que essa prisão fora legal, precedendo a mesma, entretanto, competente aviso daquela autoridade que recolhera o dito Calaça ao quartel do destacamento, sob seu comando, pelo espaço de vinte e quatro horas, não sendo possível aquela autoridade recolhe-lo a cadeia publica porque alguns pontos da rua, achavam-se nessa ocasião ocupados por indivíduos armados

no intuito de obstem a prisão do dito Calaça; que muito antes dos dias dez e dezesseis de dezembro, o dito Domingos Pinto Calaça já fabricava pólvora nos fundos da casa do réu Carlos Antonio de Andrade, e este, preparava-se reunindo gente já predisposta ao ataque sedicioso convenientemente instruída e municiada, foi colocar nas imediações do quartel, guardando as casas dos principiaes chefes da sedição, efetuando-se porém no dia dezesseis, um vivíssimo fogo, tendo no dia dez o delegado de policia, tenente Luiz Pedro Xavier Guimarães mandado oficial de justiça João Baptista d'Oliveira Ruella intimar aos sediciosos, por três vezes para que se dispersassem, a cuja intimação não se submeteram, desrespeitando-a com palavras insultuosas que em vista de tal agitação e não tendo o destacamento que não era então superior a quatorze praças, alguns dos quais não estavam, nesta cidade, munição bastante para resistir a tão numeroso grupo de indivíduos, armados; as autoridades locais resolveram, por intermédio de um próprio, que seguiu até a capital d'este Estado, solicitar do governo, força suficiente para garantir a ordem e tranquilidade públicas alternadas; que alem d'isso os réus Carlos Antonio de Andrade, Herculano Dias Carneiro, José Maria da Silva e João Felipe do Nascimento, já tinham mandado comprar armas, sistema Winchester, alem das que já possuíam no comércio do Rio de Janeiro, como efetivamente foram lhes enviadas muito antes dia dez de Dezembro, armas com muitos de seus capangas estiveram munidos durante o movimento sedicioso; que na manha do sai dezesseis do já referido mês de Dezembro, enquanto o senador Antonio da Silva Paranhos, achava-se em sua casa de residência, rodeado de toda a sua família e de outras pessoas estranhas mas amigas, quase fossem o bacharel Manoel Dias Prates dos Santos – juiz de direito da comarca; Canuto Lopes Coelho – promotor público; Themistocles Dias Patres dos Santos; tenente Luiz Pedro Xavier Guimarães – delegado de policia; Garcindo Lopes Coelho; tenente coronel João de Cerqueira Neto e

Paulino Ribeiro Guimarães; chegando a uma das janelas de gente do sobrado, a chamada do cônego Luiz Antonio da Costa, viu passar pelos fundos dos quintais das casas que ficam em frente ao dito sobrado, seis capangas, aos quais incontinentemente deu voz de prisão; ouvindo-se em seguida um tiro, cuja munição empregou-se na parede do dito sobrado e diversas descargas, que partiram das trincheiras, preparadas em nas casas dos réus Carlos Antonio d'Andrade, José Maria da Silva Ayres, Pedro Ayres da Silva e Joaquim Ayres da Silva, onde se achavam reunidos em vários grupos, os autores da sedição: que esse tiroteio durou cerca de uma hora, mais ou menos, tendo sido então o sobrado vaiado pelas janelas por muitas balas, ficando em consequência estragado em diversos pontos, não tendo pedido as praças, sob o comando do delegado de policia tenente Luiz Pedro Xavier Guimarães sustentar a defesa por falta de munição e por terem outras desobedecido as ordens recebidas, e que conforme vê-se do depoimento de folhas 242 v. a folha 252; estavam subordinadas pelos chefes de sedição: que decorrida uma hora, em o intervalo em que cessaria de improvisou o tiroteio, o cônego Luiz Antonio da Costa, apressadamente dirigiu-se do sobrado as casas dos réus Pedro Ayres da Silva e Carlos Antonio d'Andrade, com risco da própria vida, pedindo-lhe, levasse uma pequena bandeira branca com que súplice acenava aos sediciosos os quais enfim suspenderam o criminoso ataque sem que o ter-se-ia dilatado o fogo; pois, conforme o designo dos principiaes chefes da sedição deveria ser o sobrado do senador Antonio da Silva Paranhos convenientemente situado, tirando-se-lhe a água obstando-se fossem aí ministrados qualquer recurso, até que os situados rendidos a sede a fome, se entregassem, sendo que então seriam conduzidos pelos sediciosos para alem da margem do Rio Paranayba, que sediciosos marcaram prazos para a retirada das autoridades e de toda a família Paranhos, os quais efetivamente a vista das intimações que lhe foram dirigidas, retiraram-se em menos de três

dias, recebendo pelo caminho, em viagem para o Estado de Minas Gerais, referidas intimações com a promessa de serem assassinados se persistissem em demorar-se dentro dos términos da comarca; que, triunfando o movimento sedicioso, já oposto anteriormente as autoridades, por meios de seus cargos, os réus Carlos Antonio de Andrade e Francisco Luiz de Magalhães, empossaram-se de empresas publicas, o pioneiro de delegado de policia, digo do lugar de delegado de policia, intitulado-se delegado de policia provizório por aclamação popular, o segundo agente dos correios d'esta cidade, para o que oficiara ao cidadão José Alvarez da Silveira Machado, que legalmente exercia esse lugar satisfatoriamente alegando o usurpaste ter sido também aclamado, e ambos, assim empossados, cometeram funções publicas, em plena desobediência as leis, sem nenhum escrúpulos, pelo espaço de vinte dias mais ou menos, pois que, no começo de Janeiro do ano corrente, tendo chegado a cidade a noticia de que vinha da capital federal uma força composta de noventa praças de linha, abandonaram imediatamente os ditos cargos deixando esta cidade, onde efetivamente chegou dias após a força esperada sob o comando do distinto e brioso militar Antonio Francisco Correa: o que tudo visto e examinada, auto de corpo de delito e mais docs. de fls. 172 a 174, defesa dos acusados, disposições de direitos e mais provas dos autos;

Considerando que realmente, no dia 10 de Dezembro do ano próximo passado, os réus Carlos Antonio de Andrade, José Maria da Silva Ayres e Joaquim Ayres da Silva, auxiliados pelos numerosos capangas, deram começo ao movimento sedicioso resistindo a ordem legal da autoridade policial, que os mandara intimar para que se dispersassem, não sendo porem essa intimação acolhida com o necessário respeito (dos. de fls. 124 a 127)

Considerando que o fim dos sediciosos, qual se depreende do ventre destes autos, foi a disposição e expulsão das autoridades residentes n'esta cidade, e bem assim dos membros da família Paranhos, inclusive o seu chefe senador Antonio da Silva Paranhos;

Considerando que, para conseguirem esse fim, com antecedência de muitos dias reuniram-se os chefes sediciosos, já mencionados de carabinas sistema Winchester, vindas do Rio de Janeiro, tendo todos ele certeza de que o destacamento existente n'esta cidade no respectivo quartel estava desprovido de munição, uma vez que tal assalto não era ainda notório;

Considerando que os diversos grupos armados e que guardavam as casas de Carlos Antonio d'Andrade, José Maria da Silva Ayres e Joaquim Ayres da Silva, tinham, como um d'esses principiaes intuitos assassinar o senador Paranhos; sua família e autoridades que a dezesseis de Dezembro achavam-se em sua casa e a outros estranhos a família e que se não conseguisse os desordeiros cometeram reprovado intento, foi isso devido à circunstâncias espaciais independentes de suas vontades, sendo alias, por sua ocasião do fogo uma das balas defendido levemente no rosto ao tenente coronel João de Cerqueira Netto.

Considerando ter sido esse crime, para cuja execução concorreu a circunstancia por parte dos réus de superioridade em arma, alem do pessoa, superior a quarenta homens, praticado sem interrupção, de dez a dezesseis do dito mês de Dezembro do ano próximo passado porquanto durante esse espaço de tempo, os chefes sediciosos mantiveram-se em attitude francamente hostil as autoridades, guardados por seus capangas que vociferavam nas ruas com planos repelentes da ordem e garantias públicas.

Considerando que os chefes do movimento sedicioso, já mencionados, sendo quase todas as pessoas abastadas, eram os primeiros interessados no bom êxito dos planos urdidos, precedendo a sua execução mais de vinte e quatro horas, e estavam a espera de um pretexto qualquer a fim de promoverem a serie de atos culposos de que faz com a máxima menção a denuncia de folhas a folha; que esse pretexto uma vez oferecido, qual fosse, como foi realmente, firmou-se na prisão do réu

Domingos Pinto Calaça, ordenada pelo delegado de policia, de cujas mãos o réu Carlos Antonio d'Andrade, auxiliado pelos seus companheiros, igualmente sediciosos, pretendiam arrancar, o que chegaram a tentar, reunindo gente armada para esse fim:

Considerando que as autoridades que residem n'esta cidade não cometeram atos que por sua natureza provocassem tamanha aversão em particulares, ou irritassem aos denunciados, de sorte a chegarem a tal extremo, qual fosse o de usarem de armas de fogo para a reclamação do direito; e, quando as autoridades não procedessem com a precisa isenção outros deveriam ser os meios a empregar para chamá-las ao cumprimento de seus deveres;

Considerando que o doutor de juiz de direito da comarca, uma das autoridades ofendidas, para aqui chegara em dias do mês de Julho do ano próximo findo, nada constando, segundo vê-se d'estes autos, que o desabone na qualidade de juiz, em cujo cargo procedeu durante o tempo de medeia de Julho a Dezembro com imparcialidade, retidão e justiça, não a violenta explosão de ódios, de que foi injustamente vítima, de sorte a converter-se a violência recebida em um verdadeiro desprezo publico, qual significa esse ato que contra si praticaram os denunciados, cujos nomes já foram mencionados, e outros indicados na promoção de fl. 346 v. a fl. 349 v.;

Considerando que igualmente, os demais ofendidos são tidos por pessoas inofensivos de costumes ordeiros, que bem procuram cumprir os seus deveres cívicos, quer na qualidade de autoridade, quer na de particulares.

Considerando que frívolos foram os motivos em que fundou-se o movimento sedicioso, de que faz igualmente menção o documento de fl. 172 a 174, alias, refutado em sua primeira parte, em que vêem-se exarados e explicados os ditos motivos, em vista dos depoimentos em contrario constantes d'estes autos, quando outros deveram ter sido, e que, pela sua inanidade, outra coisa não fazem senão demonstrar a

evidência, a perversidade moral de tais indivíduos, cujo principal chefe não trepidou em levar ao conhecimento do governo por meio do citado documento, com o caráter de comunicação oficial, todo o ocorrido em o qual confessou o crime por si praticado e pelos demais denunciados, autores da sedição;

Considerando que, não obstante o haverem desobedecido formalmente a autoridade policial, tenente Luiz Pedro Xavier Guimarães, que os mandara intimar para que se dispersassem, resistiram com capangas armados e n'essa atitude mantiveram-se de dez a dezesseis do dito mês de dezembro, data em que, bastantemente municiados e colocados a seguro em suas trincheiras, fizeram fogo sobre o sobrado, onde achavam-se algumas praças do destacamento que, aí foram surpreendidos aos primeiros tiros, não lhes sendo então possível atravessar para o quartel;

Considerando que ultimado o tiroteio intimaram os chefes sediciosos, as autoridades para se retirarem d'esta cidade, bem assim toda a sua família do senador Paranhos, inclusive o seu chefe, e que no menor prazo possível, se passarem para além do Paranayba, ou deixando de fazê-lo e de pronto assassinados;

Considerando que, não satisfeitos com a serie de fatos criminosos já cometidos n'esta cidade, ainda os mesmo sediciosos combinaram em que fossem assassinados em um emboscada por um grupo de dez homens armados, o senador Paranhos, alguns membros de sua família e o doutor Manoel Dias Prates dos Santos, juiz de direito da comarca, na ocasião em que iam conferenciar em a fazenda do tenente coronel João de Cerqueira Netto, com o deputado federal doutor José Leopoldo de Bulhões, que por aqui passara em viagem para a capital do Estado, não realizando-se mas esse atentando por terem se desencontrado os assassinos de suas vítimas;

Considerando-se, ainda que, em seguida do tiroteio do dia dezesseis, o réu Carlos Antonio de Andrade, aclamou-se delegado de polícia provisório, exercendo nessa qualidade atos ou funções publicas, em

detrimento dos interesses do Estado, sendo limitado nessa parte pelo réu Francisco Luiz de Magalhães, não menos responsável, por ter se apossado da agencia dos correios d'esta cidade; mas não procedido quanto a esse ultimo, Francisco Luiz de Magalhães, o parecer do promotor público da comarca, quando isenta-o da responsabilidade à daquele igual no crime de sedição, claro e exuberantemente evidenciado nestes autos, por quanto no mesmo movimento sedicioso figurou o réu citado diretamente, sem que o não correria pressuroso a usurpar um cargo, que estava legalmente ocupado, e que de nenhum modo competia-lhe, como de fato usurpou, alegando ter sido aclamado pelo povo, quando não o foi este e assim pelos auxiliares da seleção, que entre si buscavam dividir os poucos despojos de tão ignóbil triunfo.

Considerando que os denunciados Olyntho Baptista Rodrigues, Roque Rodrigues da Paixão, Elyzeu de Lima e José Rodrigues Manço não tomaram parte quer direta quer indiretamente, nem concorreram para que a sedição tivesse lugar, atentas as referencias que lhes foram feitas pelas principais testemunhas d'este sumario, e em vista também da defesa e mais provas pelos mesmos réus oferecida, tendo-se justificado cabalmente perante este juízo; bem assim não resultando destes autos responsabilidade criminal contra os denunciados Josias Felipe do Nascimento, Joaquim Pereira Claudio, Gustavo Rodrigues de Lima e Presciliano Rodrigues da Silva; e, quanto à denuncia de folhas atentas as explicações pela mesma ré opostas à interferência direta que houvesse tomado com relação ao fato criminoso, que se lhe argui, ocorrido na manhã do dia 16 de dezembro do ano próximo decurso, em que aliás, não figurou, pois em face do auto de perguntas a que submeteu-se a dita ré, ficou demonstrado que sua casa de residência fora invadida por um grupo de sediciosos, certos de que a ré, pela sua avançada idade e em vista de seu precário estado de saúde, não poderia obstar a que os capangas dos

cabeças da sedição invadissem de chofre a sua casa, ocorrendo a favor da ré não ter interesse algum em que tal crime houvesse lugar;

Considerando que os demais atos criminosos, vinculados ao crime de sedição, já claramente patenteada n'estes altos, atentos os elementos, que os constituem juridicamente, são conexo com este último, e pois sujeitam-se a competência deste juízo, e, quanto ao crime de sedição, conforme as razões retro expedidas, não podem ser tidos os réus, uns como autores outros como cúmplices, porquanto n'essa espécie não se dá a cumplicidade, ou se quer tentativa a precede;

Considerando que, enfim, quanto aos demais crimes, conexos com o de sedição, ressaltam d'estes autos provas incontestáveis, tornando-se evidente o de tentativa de morte, não se efetuando esta por circunstancias espaciais de que viram-se casualmente rodeados os sediciosos e suas vítimas, protegidas estas por obstáculos materiais não insuperáveis;

Julgo procedente a denuncia de fl.2 quanto aos réus João Felipe do Nascimento, João Chrysóstomo d'Aguiar, José Maria da Silva Ayres, Joaquim Ayres da Silva, Pedro Ayres da Silva, Herculano Dias Carneiro, Aylon Victor Rodrigues, Elyzea Rodrigues da Cunha, Jose Rodrigues Ribeiro, Justino Martins Cardozo, João Ayres da Silva, José Martins Borges, Theotonio Ayres da Silva, Joaquim Manoel da Silva, Domingos Pinto Calaça, Frederico Ayres da Silva, José Martins Monteiro, Francisco Apollinario Mendes, Benedito Apollinário Mendes, Pedro Apollinario Mendes, Virginio Apollinário d'Avellar, Manoel Innocência Pires, José Felipe do Nascimento, Ernesto Rodrigues Ribeiro, Christovão Rodrigues da Cunha, Ferreira (vulgo Peito Largo), Francellino (vulgo pedreiro), Joaquim Cearense, João Cearense, Manoel Cearense, José Cearense, Joaquim José de Campos (vulgo Barbero), Pedro Bárbaro do Nascimento, Manoel Pereira Furtado, Joaquim Valério, Francisco Ayres da Silva, Vicente Dias de Mattos, João de Barros Toró, Félix de Macedo (ex-escravo de Eustachio Antonio de Macedo),

Albino Felipe Machado, João Honório de d'Oliveira, João Maria, João Victorino Monteiro, Jozias Martins Borges, Jose, Manoel e Albin (filhos de: Domingos Pinto Calaça), Antonio Honorio d'Oliveira, Lino de Tal (filho de Wenceslau), Joaquim Tomas Creoulo, Benedicto Nunes, Pedro Gabriel d'Oliveira, Antonio Apolinário Mendes (vulgo Paschoal), Vicente Ferreira da Costa, Miguel Jose de Santana e João Evangelista de Siqueira, para pronunciá-los, como os pronuncio, incursos nos artigos 291 §1º, combinado com o artigo 13,329 §32 e 124 do código penal, e quanto aos réus, cabeças de sedição, Carlos Antonio de Andrade, Herculano Dias Carneiro, Joaquim Ayres da Silva, José Rodrigues Ribeiro, Justino Martins Cardozo, José Maria da Silva Ayres, Pedro Ayres da Silva, João Ayres da Silva, João Chrisóstomo D'Aguiar, José Martins Borges e Francisco Luiz de Magalhaes, alem das penas dos artigos supracitados, os pronuncio mais nos artigos 118, 1º2º e 3º parte, § único, combinado com artigo 122 do código penal, e incursos mais os réus Carlos Antonio de Andrade e Francisco Luiz de Magalhaes, nos artigo 224 do citado código, todos sujeito a prisão e livramento. () escrevão passe mandado de prisão contra os réus e lance os seus nomes no rol dos culpados. Paguem os ditos réus as custas em que os condeno.

Recomende-se na prisão em que já se acha o réu Pedro Apolinário Mendes. Outrossim: julgo improcedentes as denuncias contra os réus presos Olyntho Baptista Rodrigues, Elyzeu de Lima, José Rodrigues da Paixão e Presciliano Rodrigues da Silva, bem como quanto aos réus Jozias Felipe do Nascimento, Gustavo Rodrigues de Lima, Joaquim Pereira Claudio e Ermelinda Gonçalves da Silva, por não existirem provas n'estes autos e em vista das razões já expeditas.

Mando, portanto, que a favor dos réus presos acima mencionados se passe o competente alvará de soltura, a fim de que incontinentemente sejam relaxados da prisão em que se acham. Deste meu despacho recorro, na forma

da lei, para o Excelentíssimo ministro presidente do Superior Tribunal d'este estado.

Publique-se e façam-se as necessárias intimações legais. Expeçam-se oportunamente precatórias as justiças das comarcas de Araguay e Bagagem, situadas em o Estado de Minas-Gerais, onde consta acharem-se homiziados os ditos réus, rogando-se a prisão dos mesmos.

Igualmente especam-se precatórias requisitórias as justiças das comarcas de Formosa, Morrinhos e Bomfim, n'este Estado, pelos mesmo motivos. Enumere o escrivão as folhas acrescidas d'estes autos, e, findo o prazo legal, ficando traslado em cartório, para o que marco o prazo de quinze dias, sejam estes autos remetidos ao excelentíssimo ministro presidente do Superior Tribunal do Estado, em conformidade do disposto no artigo 43, letra b, da lei nº 22 de 29 de julho de 1892.

Catalão, 11 de março de 1893.

O juiz de direito em comissão do governo do Estado,
Manoel Lopes de Carvalho Ramos.

O POLÍTICO

Os artigos seguintes, publicados no jornal Goyaz em 17.08.1989 e 07.09.1989, sob os títulos, respectivamente, de *Notícias do Sul* e *Notícias do Sul* (continuação) já foram comentados anteriormente, com a transcrição de alguns trechos, dedicado à dimensão política de Carvalho Ramos. A reprodução integral dos mesmos neste anexo é feita porque eles representam a síntese das ideias esposadas pelo biografado nos albores da república, advento que trouxe consigo grandes transformações para a organização e funcionamento do poder político no Brasil.

GOYAZ – 17.8.1889 ⁸

CORRESPONDÊNCIA

Notícias do Sul

As vastas e fecundas regiões do sul desta província, talhada a ser nos futuros anos o primeiro mercado do Império, anunciam agora uma transformação radical em seus elementos de vida, de grandeza e atividade, em luta com os fatores da desorganização política do Brasil.

Anunciam que a era da reabilitação está soando em todos os ângulos nacionais, que muitos olhares, esperançados na vitória auspiciosa das liberdades públicas já se voltam para o largo e radioso horizonte, de cujo cimo pende a sacrossanta aurora da regeneração social entre nós.

É que, ao influxo dessas forças produzidas pela ideia da verdadeira liberdade política e civil, os centros mais ou menos desertos da sociedade começam a despertar, sentindo a necessidade do trabalho, que é a lei primogênita da sociedade,

e a necessidade de leis novas e conformes ao século e às aspirações de um povo renascente, reclinado ainda a sonhar, como os antigos Druidas, à beira do túmulo secular do passado.

O que é que se pede? Pede-se um abrigo mais vasto para a proteção de um povo desmentido e ultrajado.

Pede-se a reforma do nosso código, em cujas páginas ainda se reflete a brutalidade dos governos romanos.

Pede-se a reforma das nossas leis civis, em grande parte contraditórias com a boa ordem e a segurança que devem presidir a seu espírito modelador.

Pede-se a separação do culto religioso da vida política e civil do Brasil, em que a religião se torna uma imposição contumaz e prepotente, e o Estado um cego guiado por outro cego.

Pede-se a renovação do trabalho por um Estado civil, em que o povo se XXX* garantia do solo.

Pede-se a reforma do governo administrativo, prejudicial em grande parte à boa e justiceira manutenção das leis que regem a comunhão.

Quem é que pede? Quem pede é o povo, quem pede somos todos nós, aqueles que têm assistido à vergonha nacional, e que sentem soprar-lhe nos cabelos o hálito abafado e vago de uma revolução.

O Brasil é este grande solo, é este grande gigante que vive porque a natureza vive, que sonha e se desperta muitas vezes constrangido pela dúvida de sua felicidade futura.

Tem florestas gigantes o seu solo invejável, mas tem muitos homens *fygmens*.

Vós que sois um representante do povo, que tendes ouvido, por entre a justa revolta de um punhado de homens, a lenda negra desse passado, que começou gotejante de sangue no cadafalso arguido ao libertador mineiro, ide dizer à beira do túmulo do herói que, à sua vez, soube falar em nome da

* Illegível

liberdade humana, do herói que expirou lutando pela grande causa dos ex-escravos da pátria, que a hora da maldição tem soado de todos os lados, que não tarda capitular-se a tirania tumultuária.

Mas a vossa força está, ainda em nós. Vamos delegá-la. Quem será o nosso XXX* do futuro Brasil?

Precisamos de um homem, mas de um homem que diga: eu não sou outra força senão o sentimento do povo.

Precisamos de um homem, mas um homem que diga: eu só tenho por justiça a extinção das rivalidades do solo.

Enquanto o representante é a expressão de um jogo meramente político, feito ex-autoridade, enviado *per turpitudinem, incensado in noctibus*, a liberdade é uma estrela sem a sua constelação – os fatos.

Para a consecução dessa ideia, que teve despertada em nossos dias a maior parte dos brasileiros, a instrução é a base, e a autonomia das províncias, o fim.

A base é essa instrução que produz num círculo mais largo a consciência do *eu político*: o fim a forma definitiva do progresso real de um povo – a riqueza pelo trabalho e a força adquirida no razoável domínio da terra.

Pertencemos a um sul rico pelos seus primeiros XXX*, onde a vegetabilidade já se torna um prodígio, onde a minerabilidade é uma fonte inesgotável, que em tempos de Bartolomeu Bueno, serviu para saciar a ganância insaciável de um *lord* com um título de hipopótamo da Santa Cruz, em desagravo da ignorância das cortes portuguesas em negócios de contrabando incontestado.

Parecia que a vela não se extinguiria mais: e não se extinguiu.

(continua)

* Illegível

CORRESPONDÊNCIA

Notícias do Sul

(Continuação)

Para os futuros anos, quando a liberdade foi o móvel da prosperidade pátria, então seremos grandes. A consecução desse ideal não depende malgrado a malquerença dos espoliadores das forças naturais que há de trazer uma revolução precoce: os homens que a prepararem desaparecerão nela.

Os estragos sobrevividos com as fraturas das opiniões mancas, os vãos esforços produzidos pelos braços dos pseudo amigos do povo, as contradições dos ascetas da família bourbônica, tudo de uma vez, enfim, construirão a onda negra que lava o cadáver de um Maximiliano, ou o espectro de um Átila.

A verdade é a seguinte: a transformação próxima e necessária de alguns fatores do nosso sistema político é uma lei inadiável e imanente com as aspirações do século.

Vivemos n'um berço da província de Goiás, no sul, a mercê dos selvagens do Araguaia, onde recursos da vida se têm tornado precários, enfim, n'um meio insípido e, para acentuá-lo com precisão, quase primitivo. É a vida no casulo, para dizer a linguagem da ciência.

Parece aqui a religião um paganismo, Ela que tão perto está disso!

Não há absolutamente meio ordinários de vida. A indústria é uma triste fábula. Os sertões estagnam-se num circuito de duzentas léguas. Os caminhos são frequentados por feras, em vez de homens; é como nos tempos bíblicos. As poucas estradas de rodagem não merecem os cuidados do aperfeiçoamento.

mento constante. O trabalho transformou-se numa hidra, e o devora os poucos audazes que o bendizem. Não dá, na acepção lata do senso jurídico, real garantia para a defesa da vida. Os criminosos vagueiam armados, o folgiam ante o rosto das autoridades desprestigiadas e esquecidas.

Um entorpecimento vago, enfadonho e tristíssimo inunda todos os corações bem formados. A atmosfera social esta saturada de pensamentos negros e abjetos. A decadência das coisas públicas associa-se à das coisas morais.

Um séquito de sombras assoberba a sociedade.

Mas lá fora, nos centros populosos, onde reina poderosa a verdade que ensina e a justiça que ordena, a sociedade não é inteiramente mentida, é uma força mantida, é uma força constituinte do povo e da pátria, é uma aspiração constante, realizável, um precioso motor do sucessivo engrandecimento nacional.

Mas que lá, nessas regiões banhadas de alguma luz, a política é também um princípio dinamizador, os intendentos do governo movem-se de todos os lados; há o que se chama *interesse*. Aqui não há o próprio interesse; a política é antes um empecilho. Daí a razão porque não há seriamente um eleitorado. Os candidatos às câmaras não são aqui uns bons representantes do distrito que vão protestar pelo seu engrandecimento em vida, fazem-se pela *força do dia*; é tudo isso mais para a verdade.

Não há, por consequência, inteireza de opiniões; os que se lembram de ter uma opinião caem no extremo oposto – no olvido do mais. É preciso que se esteja pela *cheia* para dizerem as urnas. A convicção de um princípio qualquer em matéria de interesse público se existe para um bem limitado número.

Em tais condições, nenhum partido é aqui solidamente constituído.

Não há partidos, o que se pode afirmar com segurança é que não há ideias.

Sem ideias nenhum eleitorado é independente, ouvirão outros; a independência, no caso vertente, é preparada pela instrução popular; e se não existe a instrução nem escolas, como desejar um eleitorado independente?

Mas para atingir a ideia geral da política, não é preciso se tenha instrução, tal como esta palavra é cientificamente entendida.

Trata-se de aspirações ao progresso por todos os sentidos. A grande força política está n'isto: na ausência de inspirações. Ora, em consequência, o eleitorado não sente a necessidade do engrandecimento local não se pode ser perfeito, nem útil aos interesses gerais.

Há constantemente dois grupos; um se dedica aos interesses do partido liberal, outro aos interesses do partido contrário; nas eleições, vota-se no governo. Onde está a opinião? Nas urnas? Mas as urnas não são em tal condição a expressão das paixões, dos interesses limitados do distrito, se não da localidade. O mal que se experimenta vem, portanto, de antiga data. O governo passado foi um espectro para todo o país. Que não foi consequentemente para o sul da província de Goiás?

Convém notar, porém, que os partidos mal dirigidos influem abundantemente no entibamento do eleitorado, o qual, apesar de indiferente, é pelo menos ingênuo.

Sare-se o mal. O remédio mais urgente aí está nos olhos de todos, é a federação. E o *Correio Paulistano*, de 23 de junho, alargando-se em considerações sobre estas ideias, assim termina sem seu artigo:

“Nada, portanto, mais acertado e mais prudente do que olharem os partidos com mais vivo interesse para essa tendência constantemente manifestada em vários estádios de país.

Nada mais legítimo do que a consulta que a respeito da sua adoção tem de ser dirigida a 14 de junho ao partido con-

servador de S. Paulo, que não pode ser e nunca fora um marco miliário na estrada das nossas mutações políticas e sociais, e cuja eleição consiste, muito ao invés, de estudar maduramente o espírito do país, para ... como outros tantos almejos e aspirações tudo o que estiver, firmemente ausente a consciência publica e torná-las fatos consumados e instituições do país.”

A parte o engano do *Correio Paulistano* em afirmar que o partido conservador *não pode ser e nunca foi um marco miliário* na estrada das nossas mutações políticas e sociais, as mais apreciações são uma inteira verdade.

Lavra-se, pois, desde já o nosso protesto: tencionamos evoluir, queremos nos constituir fortes e independentes; para isso contamos com a atualidade, isto é, com o governo que, presentemente, assiste aos destinos do país.

Satisfaçam-se consequentemente os projetos do Congresso Liberal, aos menos em sua maioria, mas em primeiro lugar vote-se pela federação, que é a salvação da vida brasileira, sacrificada no galarim das vergonhas do ministério transato.

Para restituição de todos os princípios úteis à integridade nacional aqui deixamos o nosso voto.

Unam-se os espíritos obsedados pela tibieza de uma política indefesa, qual a que iniciou, há quatro anos, o gabinete de vinte de agosto, corroborado pelo de dez de março do ano passado, a fim de que não caia de todo maculada a honra nacional.

Eis que tudo quanto aspiramos na fase de estremecimentos que emocionam o povo brasileiro.

Aí fica, portanto, o nosso dizer.

Rio Bonito, 27 de agosto de 1889.

C. Ramos

Na edição do jornal *Goyaz* de 13.03.1890, portanto, logo após a proclamação da República, o biografado, no artigo transcrito, enaltece a atuação de Rui Barbosa no início do governo republicano, festejando as mudanças progressistas trazidas pela nova legislação e augurando, na sua visão romântica e apaixonada, um futuro de paz e de grandes mudanças para a nação, liberta da vergonha da escravidão e do conservadorismo imperial.

GOYAZ – 13/03/1890¹³

COMUNICADO

Cidadão Ruy Barbosa

Apesar de ter sido pelo governo monárquico, no ministério de 10 de março de 1888, desterrado na minha terra natal para o sul de Goiás, onde tenho a honra e viva satisfação de vos dirigir a presente homenagem, tenho, como filho embora obscuro e pobre deste país, cujo futuro tanto devemos zelar, acompanhado na imprensa os diversos sucessos brilhantes em que se tem empenhado aqueles que pensam e trabalham em favor das instituições progressistas do século.

Cidadão, os vossos esforços a bem da causa da pátria, melhor do que estas fracas linhas, aí falam a todos os espíritos emancipados e cultos, são o melhor brasão da glória na sociedade de que fazeis parte tão grande.

O vosso nome era já uma glória d'este bonito país.

A Bahia, vosso berço, que tantas vezes repeliu vosso laureado nome dos pleitos eleitorais, porque, inclinada fanaticamente à mórbida instituição eclesiástica, era para bem dizer – a cega idolatra de Roma, hoje, malgrado a indícios injustos, vos abençoa além daquelas gloriosas poéticas montanhas.

A luz que resplandece na coroa dos vossos nobres triunfos é a liberdade. Grande vitória!

Com pena e a palavra, os dois arietes do século que toda tirania absurda e fanática, abristes o império no Brasil; e a dinastia bragantina é para nos atualmente uma recordação amarga por ter sido durante longos anos um vergonhoso jugo.

Os palpitantes anelos da pátria estão quase realizados.

Parece que ainda sonhamos e não fomos despertados pelo estridente clarim da revolução. Os efeitos brilhantes do governo republicano, a cuja frente vos achais para a vitória das liberdades, tem impressionado até os corações mais indiferentes e cegos!

Quão jubilosos não estão aqueles que se voltaram para a República, e nessa forma de governo purificador de todas as anomalias políticas esperarem o grande dilúvio, que teria de pagar a ultima nódoa do século!

A profecia do sábio mestre V. Hugo, cuja imaginação fecunda e entusiasta não achou quem a excedesse nos nossos tempos, está em grande parte realizada no Brasil.

Brasileiros e defensores enérgicos da liberdade, a república é para vós a garantia de futuro e o pacto glorioso do século as revoluções do pensamento humano. Nós pertencemos a ela.

Os projetos do nosso tempo não são leis, são conquistas.

Os batalhadores aí estão; conhecem-vos, porque sois o farol da sociedade séria, generosa.

O clero, que vos temia, embora injustamente, conquanto o vissemos sempre, desconfiado, pensará agora que, respeitando-o dignamente, a vossa divisa é a ordem.

Erguestes, com esses exemplos, mais alto o pedestal das vossas merecidas glórias.

Assim Voltaire soube triunfar: e a Igreja, depois de sua morte, disse, mas nos corredores, que o grande sábio era excomungado. Há excomunhões que endeusam. Essa foi

uma delas. Por isso não será difícil que o clero, também nos corredores, murmure contra vós.

Cumpris apenas um dever: e, como cidadão amigo de vosso país não nos pertenceis.

A exposição notável que fizestes da passada administração na situação monárquica, ao benemérito marechal Deodoro, foi o libelo mais eloquente e verdadeiro pronunciado contra o governo da corrupção.

Os decretos do governo provisório da República são exatíssimas sentenças.

A separação da Igreja do Estado, determinando a liberdade de cultos na sua mais larga aplicação, ideia grandiosa e justa afagada pela maioria dos sábios eminentes da época, assinala a vitória solene da ciência e da razão contra o obscurantismo e o terror.

Os batalhadores sinceros de todas as causas santas acabam de triunfar.

Tendes aos vossos olhos, entretanto, um grupo de deserdados: são os deserdados da lei.

Sim, na época atual, na fase transitória da magnânima revolução, para o complemento do suntuoso edifício, a extinção imediata da pena de Galés seria, ao mesmo tempo, uma lição e um exemplo.

O século vigésimo será o século da paz.

A política e a ciência compete prepará-lo. O artigo 192 e outros do nosso código criminal são execrandas blasfêmias.

Extinta a lei que autorizava a propriedade escrava, é necessária uma revolução definitiva que faça desaparecer a calceta.

Às galés convém a um partido de tiranos, mas nunca a natureza do sistema republicano.

O vosso nome que tem sanado tantas monstruosidades e protegido os sinceros sentimentos do povo, há de na

situação presente inscrever-se na grande lei que reabilitará o *homem galês*.

O Brasil é a criança. Mas a criança tem dado, com os últimos acontecimentos políticos, a mais severa lição a toda Europa.

Sim, que importa ao nosso país a proteção da Alemanha a Pedro de Alcântara para a felicidade de doze milhões de indivíduos?

Bismarck pode contar com uma esquadra, enquanto nós, como bem o disseste, confiamos na aliança ofensiva e defensiva da América inteira.

Cidadão, a liberdade carece de mártires. Todavia, entre nós interpõe-se majestosa a proteção de Deus. É impossível! Os espíritos invisíveis trabalham. Os gênios velam. A sociedade não quer vinganças, quer indulgências.

O espírito nacional parece agora renascer. Ah! Quanto o haviam asfixiado! A asfixia de ideia, do sentimento e da honra! Era um crime. A nódoa está felizmente apagada. Bem vedes: a imagem da pátria não se refletirá no século XX com as sombras do escravagismo e do trono. A quem coube a restauração? Não é preciso dizê-lo: a vós coube a iniciativa, e aos vossos dignos companheiros a mais firme adesão. Não interveio a força armada, não foi preciso um batismo de sangue, nem Marats, nem Bastilhas: e o triunfo não passou de um momento!

Os planos do atual combate do governo, a cuja frente vos conservais dignamente, fortalecem o coração do povo brasileiro.

Fazei dessas linhas o uso que vos convier. Aceitai as minhas sinceras felicitações.

Rio Bonito, 13 de fevereiro de 1890.

Carvalho Ramos

Ainda na vertente das inovações provocadas pelo republicanismo, Carvalho Ramos defendeu nesse substancioso artigo, publicado pelo jornal *Goyaz* de 14.02.1890, tão logo fosse implantada a nova constituição, a criação de núcleos coloniais para o desenvolvimento da agricultura no sul goiano. Fundamenta sua proposta em estatísticas divulgadas pela Alemanha e procura incentivar a introdução de novas culturas no solo goiano, como é o caso do algodão e da cana-de-açúcar, entre outros;

GOYAZ – 14/02/1890¹⁴

CORRESPONDÊNCIA

Colonização em Goiás

A República no Brasil está felizmente proclamada, malgrado as invectivas de traidores do pré-histórico monarquismo, cujo castelo em ruínas acaba de ser esboroadado pelo incansável publicista, conselheiro Ruy Barbosa.

Dividida em Estados a nação brasileira deve contar em seus filhos, com aqueles que sempre na imprensa, na tribuna dos comícios populares, nas assembleias legislativas, por meio de sua influência legítima e respeitada, pugnaram pelos seus direitos, honram integridade e riqueza, defendendo seus créditos no estrangeiro onde todos nós temos sido acolhidos com a máxima consideração de amizade.

No estado atual do Brasil, não se podem de antemão avançar proporções com relação às consequências do imorredouro movimento de 15 de novembro do ano próximo findo; o que é inadiável para os governadores dos diversos estados, principalmente para o de Goiás, é a intuição de medidas energéticas a fim de que se estabeleça nas regiões do sul a grande colonização. Os verdadeiros economistas, não há escritores de imaginação. Mas homens práticos, e de

conformidade com os dados obtidos nos domínios dos países europeus com relação à lavoura pela colonização, aí estão para assegurar a verdade daquele importantíssimo elemento de riqueza das terras.

Sou de opinião que o Estado de Goiás deve realizar logo que esteja definitivamente adotada a nova constituição política, a criação de núcleos coloniais no sul, onde se entende uma zona magnífica da cerca de trezentas léguas de circuito, abundante em todas as sortes de riqueza, desde a flora mais interessante e variadíssima aos milhares, cujos produtos já têm sido por mais de uma ocasião verificados.

Desenvolva-se o trabalho por todos os sentidos, na época presente a inércia no administrativo seria uma grande calamidade.

Os campos cheios de palpitante riqueza aí estão como que reclamando braços que os cultivem, espíritos que se esmeram em suas variadíssimas produções.

A criação e fundação de núcleos adotados as condições dos diversos pontos do sertão devem constituir hoje o magno assunto. O cultivo do algodoeiro, tão desprezado entre nós, ramo da agricultura, aliás, tão abundante em sua colheita, quanto fecundo em sua aplicação, não pode ficar abandonado em um lugar onde, cada vez a mais, a necessidade da fábricas e indústrias se vai acentuando gradual e claramente.

Abandonar o governo é iniciativa dos particulares. A ideia da colonização é esperar a realidade de um dos sonhos de Gulliver em suas viagens.

A ideia da colonização não é mais um sistema, é uma consequência do movimento social e econômico do país.

Contar com o número fracionado dos libertos pela lei de 13 de maio para a restauração da lavoura, seria outro sonho irrealizável.

Para despertar os poucos libertos, que podem tornar no cultivo das terras, poderia o governo abrir circunstâncias,

com os núcleos, sob a inspeção de um ou dos administradores, organizando esses o custeio das fábricas, a adoção de novos sistemas, sujeitos à fiscalização e à substituição do corpo de operários das fábricas e dos terrenos plantios à aprovação do governo do Estado.

Como se sabe, o Estado de Goiás, em toda sua extensão donde sua, na zona já delimitada, um elemento de riqueza importantíssima, mas derivando sua força tão somente de exportação do gado, donde os cofres do Estado se advêm como fator elementar em rendimento anual sob impostos pagos acasionalmente nos pontos limítrofes com os estados de S. Paulo e Minas Gerais.

Não refletindo já sobre o grande comércio interior, principal recurso de vitalidade para a independência do comércio deste Estado, salta-nos aos olhos a exiguidade dos recursos elementares da vida do povo: tomam-se emprestados aos estados vizinhos até os gêneros mais convizinhos de alimentação.

O plantio da cana-de-açúcar é em pequeníssima escala; absorve-se coma urgente necessidade dos próprios lavradores que cultivam.

Em iguais condições outros ramos: o café e o fumo.

Na atualidade, o espírito público está voltado para o futuro.

Esperam-se profundas modificações em todas as coisas.

A máxima necessidade é a boa distribuição do trabalho.

O trabalho industrial deve, portanto, constituir a primeira fonte de riqueza do solo, conseguindo a civilização mais urgente da época.

Para aí estão à disposição do governo atual os terrenos devolutos cujas áreas dariam suficientemente alguns milhões de quintais, além da soberba vantagem do trabalho localizado.

Não há muitos anos a direção do estatística do império alemão publicou pela primeira vez a estatística dos produtos agrícolas daquele grandioso país.

Segundo aquele trabalho, havia na Alemanha em 31 de dezembro de 1878, 21:949 hectares de terras cultivadas e 3.817:427 hectares de terras para pastos e alqueires; ao todo 25.766:529 hectares, isto é, 47% da superfície da lavoura do império. Além disto, os jardins estão representados por 236:486 hectares, os prados, por 10.229:673 e os vinhedos, por 133:815.

A superfície agrícola compreende conseqüentemente 36.432:490 hectares, isto é, 66.7% da superfície total da Alemanha.

Quanto ao resto da superfície, 25,7% está coberto pelas selvas, e 6,7 por 100 ocupado por construções, estradas, lagos, rios e baldios.

Dos terrenos cultivados 1.813:717 hectares estiveram semeados de trigo e produziram 52 milhões de quintais; 5.942:736 de centeio, produzindo 738 milhões de quintais; 1.627:465 de cevada produzindo 45 milhões de quintais.... 3.747:015 de aveia, produzindo 101 milhões de quintais;..... 1.853:188 de batidas, produzindo 472 milhões de quintais.

Da presente estatística, infere-se logo a importância econômica agrícola daquele país, onde a natureza não é tão fértil nem tão avariada quanto a que o Criador soube graciosamente dispensar-nos.

Como cidadão, embora obscuro, mas amante até a idolatria do meu rico invejável país, o que desejo é atrair a sabia atenção dos atuais governadores deste ubérrimo estado de Goiás para esse desiderato, promovendo as medidas convenientes e próprias para a final consecução da ideia da colonização estrangeira.

Sou de opinião que o governo deste Estado poderia contrair empréstimos no exterior, sob condições razoáveis,

atentos às circunstâncias econômicas de ocasião para a realização de tão alta aspiração pública.

Nas condições em que se acha o Estado de Goiás, muito mais sob um regime de completa independência, sem contar mais com os recursos que lhe oferecia o governo central, como há de fazer face às dificuldades financeiras?

Por melhores dados econômicos que ofereçam, não nos cabe assegurar o futuro de tão notável região do Brasil, se contarmos unicamente com o que está feito.

Urgentes se tornam em nossos dias novas e grandes medidas preventivas.

Não estou de acordo com os que pensam que o clima de Goiás, em vista de seus rumores, seja um obstáculo ao florescimento das colônias com estrangeiros.

Esta doutrina não resiste a uma análise séria e verdadeira.

O espírito é que é a vida. Para quem ama o trabalho de coração e de ideia, a influência climatérica é simplesmente uma causa remota, produzindo um ligeiro entibramento físico.

As causas que concorrem para o entibramento que se nota no filhos d'estes sertões são de natureza bem oposta.

A riqueza, a exuberância, a bondade do clima, do solo e de condições vitais destas regiões tão estremecidas, defendem fortemente a vida comum; daí há poucos esforços no trabalho para a garantia das necessidades ordinárias da vida.

Condições morais e sociais por sua vez influem nesse estado de coisas.

A criação do gado, sua exportação com as consequências imediatas, satisfazem o equilíbrio de tão pequenas necessidades para a manutenção do povo.

Mais isso pode se chamar uma verdadeira riqueza?

Pois o necessário para a vida social comum é um elemento de futuro?

Onde está, portanto, a garantia da civilização do futuro do povo, cuja educação moral é intelectual é tão limitada?

C. Ramos

O decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1890, instituiu o casamento civil e, no entendimento de Carvalho Ramos, representou um grande avanço, ao romper o monopólio eclesiástico no Brasil, pois até então só existia o casamento religioso. Censura, no entanto, as limitações do novo diploma, que restringia, em igualdade de condições, os direitos do cônjuge adúltero com o do inocente, proibindo aos dois novas núpcias. Acreditava que uma lei de divórcio, que defendia, seria a maneira correta de tratar sobre o desfazimento do vínculo conjugal e suas consequências.

GOYAZ – 24/04/1890¹⁵

COLABORAÇÃO

Ainda o casamento civil

Durante o curto período de quatro meses, o Governo Provisório da República se tem feito alvo da admiração e do mais justo elogio nacional e do estrangeiro, tal é a largueza de vistas com que se tem empenhado, influenciando no vasto campo das urgentes reformas de que necessita o país.

O receio de muitos brasileiros filiados *ex-corde* às antigas instituições pátrias, herança aziaga dos preços tempos em que Papiniano e Gaio eram sábios, e a liberdade de consciência um crime político, não viram com bons olhos nem a separação da Igreja romana do Estado, nem, tanto pior, as consequências que daquele ato até se tem forçosamente originado.

Aí está viva ainda a impressão fortíssima causada sobre esses povos antípodas do nosso progresso político, o decreto nº 181 de 24 de janeiro próximo passado, cuja letra é um dos mais energéticos protestos lançados à conta da República e do nosso país, sobre o monopólio eclesiástico tão longamente tolerado no Brasil!

Não pertenço a nenhuma das religiões que se digladiam sobre a face do nosso globo; afianço que muito bem vou passando, independente de todas, por isso que estou convencido, desde algum tempo a esta parte, de que as religiões são filhas dos interesses, das paixões e dos terrenos humanos, ou produto de uma serie de ideias e sentimentos de certas épocas históricas da humanidade, ao embate das tempestuosas revoltas da sociedade e da natureza do homem.

Creio firmemente num Criador, e estou certo de que a nossa existência não se limita a duração efêmera da matéria, que se transforma e desaparece, como o fruto desaparece, como o fruto desprendido da árvore vai ligar-se à argila, em cujo amplíssimo seio deve ser posteriormente anulado.

Entretanto ao passo de declarar que, conquanto na minha fraca opinião a lei nº 181 de 4 de janeiro fosse uma tábua de salvação para os espíritos emancipados do fanatismo supersticioso das religiões, existe na letra citada lei um ponto sobre que deve necessariamente versar uma apreciação assaz desfavorável.

O artigo 88 assim se exprime:

–O divórcio não dissolve o vínculo conjugal, mas autoriza a separação indefinida dos corpos e faz cessar o regime dos bens como se o casamento fosse dissolvido.

Dada a hipótese do art. 82 § 1º, o legislador terá cometido uma incontestável injustiça. Uma verdadeira equidade, porquanto virá exposto a um dilema bem acerbo o cônjuge não culpado, coagido de súbito, pelo rubor de sua honra e dignidade inteiramente ultrajadas a recorrer – ou à prostituição ou à mancebia, o que é mil vezes pior. O legislador teria completado a lei, se punindo o cônjuge criminoso pela impossibilidade de um novo consórcio, desse liberdade ao cônjuge inocente a contrair novo casamento, porque então, nesse caso não tornaria a sorte do cônjuge ofendido ainda mais desgraçada, nem irremediável o seu tristíssimo futuro.

Provado que fosse o adultério, ou dada a queixa sob juramento, ou como depoimento de duas ou mais testemunhas

de fato, quando as circunstâncias o permitissem, como cada qual por si pode claramente conjecturar, executadas as normalidades dos artigos 85 e seus §§ e a dos artigos 86, 87, 89, 90, 91 e 92, segundo o caso exigisse um destes, ou mais de um dos referidos artigos, não sofreria o duplo desgosto causado pelo cônjuge, que cometeu o adultério, o inocente e que de nenhum modo concorreu direta ou indiretamente para a realização de tão horripilante delito, como terá que sofrer enquanto a lei não for nesse sentido ampliada.

Inimigo implacável do abuso e da imoralidade na família, que é a base primordial de toda a sociedade perfeita, não posso todavia encarar para o divórcio sem experimentar um sentimento de repugnância invencível.

Malgrado a intolerável contração do nosso espírito, é de mistér convir que, enquanto existir a humanidade, há de perdurar o vício a par da virtude, e que essa invencível anomalia social acarretará uma série desordenada e negra de consequências perniciosas a tranquilidade particular e pública.

Não pertenço ao número dos que sonham um futuro risonho em perfeições de toda a natureza para este nosso mundo, onde, na frase bíblica, nada há de novo embaixo do sol. *Nihil sub sol...*

Penso que os espíritos aperfeiçoados moral e intelectualmente não tornam a este planeta, onde é a vida tão cheia de elementos contraditórios com as aspirações de suposta felicidade terrena, a cada passo entrecortada de suspiros e de lágrimas.

A maioria dos homens é ordinariamente medíocre.

A mediocridade é na sociedade um obstáculo insuperável à perfeição dos costumes e das leis; sombra impagável, que veda o ingresso imediato da verdadeira religião do homem, que é virtude.

A cada momento, sentimos que, sob o império terrível das paixões humanas, os vícios desarraigam os mais empenhados alicerces da sociedade, destoam a harmonia dos sen-

timentos louváveis da comunhão, contrariando o desenvolvimento normal da família pelo caminho do bem.

Por isso é uma necessidade urgente para todos a criação do divórcio na lei do casamento civil.

O casamento é um contrato, mas um contrato superior a qualquer outro estabelecido pelas nossas leis civis, quer sob o ponto de vista de sua natureza, quer sob a de seus fins.

Em ambas as hipóteses, o casamento se propõe a regular as condições do homem e da mulher na vida social, impondo-lhes a lei inevitável de mútuo auxílio e eficaz união, saturando-lhes a doce atmosfera da existência de um ininterrompido sentimento de amor e de felicidade conjugal.

É, pois, teoricamente, a hipótese racional que nos assalta o espírito ao estudarmos seriamente a família na sociedade humana.

A ideia da família pertence no campo das investigações da filosofia positiva do nosso século. A poesia, que tem o dom de desfigurar sob as irradiações de beleza imaginosa os elementos que a constituem que, desde o Gênesis até os Miseráveis de V. Hugo, somente apreciou a mulher numa atmosfera algumas vezes luminosa, as mais das vezes sombria, está por isso mesmo muito longe de servir de indução prática as aspirações relativas e positivas do direito civil.

Praticamente, perante os fatos irrecusáveis, certo e observados entre nós, ou sucintamente sabida desde os mais remotos séculos, união conjugal está isenta de erros, de defeitos e de crimes mais ou menos absurdos, repugnantes e condenados.

A religião romana que supõem muitos foi instituída por J. Cristo, não cuidou da realidade no casamento, deixando ao volver dos acontecimentos e do acaso as suas condições futuras.

O sacramento, conforme disse em outra ocasião, nenhum benefício real, certo e positivo, trouxe à união conjugal que outro não fosse o de consolidar mais a ideia abstrata de uma seita mais ou menos apaixonadamente recebida, com a

santificação do matrimônio, ideia profundamente vaga, sem nenhum valor positivo para a sociedade, que deve as suas mais belas vitórias à evolução científica do direito moderno.

Ora, nenhuma religião ainda impediu a infelicidade conjugal – nem suas tristes consequências: e a religião, que, por seu influxo valioso, segundo se tem tentado significar, não obsta os frutos de corrupção na família, que merecimento pode ter perante a boa razão?

A lei – e disso estou convencido – não o pode também conseguir praticamente, por isso que o legislador é incapaz de adaptar uma fórmula, quase sempre abstrata, a sociedade, que é um agregado variável de elementos estáticos e de forças dinâmicas, de acidente: ora graves, ora anômalos, a provocarem uma variedade íntima de consequências imprevistas e, a mais das vezes, terríveis!

Mas, sob o ponto de vista geral, os fenômenos podem ser perante o legislador estudados previamente; e é debaixo dessa condição que eles não foram perante a igreja romana, a quem pouco se lhe dá sob e tão espinhosa matéria.

O divórcio é uma necessidade urgentíssima perante a lei civil. Esta ideia é uma intuição bebida nas numerosas lições práticas da sociedade, para cuja harmonia se reclama a cada passo a reparação do mal, como princípio de verdade e justiça.

Mas a lei tem o direito de punir igualmente o criminoso e o inocente?

Terá ela acaso o poder de prejudicar o cônjuge inocente, provado o adultério, e dada a hipótese de imediata separação dos corpos? Será isso uma coação leal?

Como deixei estabelecido, o legislador, fundamentando o divórcio, se esqueceu da injustiça que pela mesma lei recai forçosamente sobre um dos cônjuges, verificada a hipótese do § 1º do art. 82 e suas consequências.

Lei de ordem, o divórcio é também uma justa coação jurídica com o fim de corrigir a monstruosidade de um ato vicioso e iníquo.

Daí a sua inclusão no corpo da lei, que, se firmando na realidade do direito moderno, a constituo como uma coação e uma punição, *mas uma punição desconforme*.

A lei cogitou do princípio de moral transgredido, violenta e injustamente violado, e por isso estabeleceu a condenação ao fato constituído da transgressão da moral estabelecida.

Em seus efeitos, a justiça, porém, ficou aniquilada. O cônjuge inocente deve ter o direito de contrair o matrimônio pela segunda vez ainda mesmo viva a esposa delinquente, sujeito, todavia aquele a tão somente cuidar da educação dos filhos, se os houve durante o seu primeiro consórcio.

Obrigar-se em tais condições, o marido a alimentar a mulher, seria até olvidar-se que a dignidade do homem é a principal condição de sua existência na sua sociedade!

Verificada a hipótese com relação ao marido, provado ser este, ao contrário, o criminoso adúltero, que seja obrigado a prover o sustento e educação dos filhos e mais da mulher, embora esta se ache separada dele, aceita, com relação aos bens móveis e imóveis se ambos, ou outros quaisquer, a hipótese dos arts. 88, 89 e 90 da citada lei,

Pois não será doloroso ao cônjuge inocente a impossibilidade de reatar a pacífica existência, tragada pela ciência médica e imposta pela mais austera moral por meio de um segundo consórcio?

Impedir a realização desse meio equitativo, necessário e de perfeita justiça seria o mais repugnante impulso de violência!

Pense detidamente o legislador, a quem de coração felicito, de XXX* nova união conjugal, que ponha fora do dilema, cuja matéria já tive ocasião de tratar.

É esta a minha opinião: são estes os meus anseios.

Rio Bonito, 27 de março de 1890.
Carvalho Ramos

* Illegível

Este artigo, sem registro de autoria, contém duras críticas às opiniões emitidas por Carvalho Ramos na imprensa, principalmente, quanto à defesa do divórcio e o anticlericalismo, é inserido nesta parte do livro, como exemplo da oposição às suas ideias exercida por setores conservadores ou contrários às inovações republicanas endossadas por ele reiteradamente.

GAZETA GOYANA – 07/03/1891 – N. 79 PÁG. 0314¹⁷
COLABORAÇÃO

Deparando no *Goyaz* de 27 de fevereiro com um artigo assinado por Carvalho Ramos e endereçado ao desembargador Coriolano A. de Loyola, mais uma vez verificamos a verdade do acerto da Bíblia quando diz – *stultorum infinitus est numerus*.

A simples leitura do tal escrito demonstra as angústias de uma alma torturada pela descrença, pois debate-se entre as teorias materialistas de Darwin, as hipóteses subjetivas de Augusto Comte e os embustes de Allan Kardec. Por isso, todo o artigo é acervo de contradições e períodos desconexos.

Ora diz que a ciência é tudo, ora já arrancou o desconhecido que enrugava a história: aqui fala em clarões e luz, se diz que não, além se diz que não há mistérios, mais adiante afirma que o problema ficava insolúvel!

Se as ciências são princípios revelados, como enfaticamente afirma o articulista, o revelador deve andar muito atrasado, porque os sábios são os primeiros a confessar que temos ainda muito caminho a fazer.

Para que querer rebaixar assim a inteligência humana? Diante de Deus, nada somos: mas ele mesmo ateou em nossa mente o lume vívido da inteligência e entregou-nos o mundo como objeto de nosso estudo, devendo esse trabalho redundar em contínuos hinos de glória e louvor em honra d'aquele que existe de toda a eternidade, no tempo com a sua palavra povoou os espaços de milhões de astros que mais tarde receberam e

transmitiram oceanos de luz e outros.

Sim, a nós cabe investigar os segredos e os mistérios da natureza tangível. Cabe-nos também, pela grandiosidade da obra de que somos espectadores, conhecer que um ente existe que tudo conserva e governa por sua providência.

Até aí a obra humana, até aí alcança nossa inteligência e compreende nossa razão.

Começa então o domínio da revelação, dessa revelação firmada nos portentos e maravilhas sobrenaturais, que são os milagres, baseada nas profecias cujo cumprimento exato autenticava a sua predição, isto desde o Éden até o dia presente. Veio JESUS-CHRISTO, segunda pessoa da SS. Trindade, encarnou-se nas puríssimas entranhas da Virgem Imaculada Maria, pregou a sua doutrina, ressuscitou mortos, deu vista aos cegos, ouvido aos surdos, saúde aos enfermos, instituiu sua igreja que ele inspira, conserva e governa.

A verdade é o próprio JESUS-CHRISTO que disse: *Eu sou o caminho, a VERDADE e a vida.*

A ciência não pode ser a verdade, porque a verdade é imutável e eterna, enquanto a ciência sofre mudanças, é susceptível de desenvolvimento ou de regresso.

Diz a mais o articulista que “a verdade está na virtude”. É falsa essa proposição porque a virtude consiste ao exato cumprimento de preceitos da lei natural ou positiva. Sem preceito não existe virtude, enquanto a verdade é sempre verdade, embora os homens se abismem no crime e na corrupção. Ela existe a despeito de nossa vontade.

Acrescenta o autor de epístola: “Darwin, Comte e Allan Kardec não se entendem, mas escrevem livros para extinguir a cegueira dos povos”.

Isto é simplesmente um dislate, é incompreensível, absurdo! Depois uma grande tirada, não de erudição; mas de pedantismo palavroso e sonoro. Como é triste a sorte de quem quer vender pomada, de quem entende que é um gênio, um aborto de saber, de quem procura convencer-se de que está

em terra de cegos, onde quem tem olho é rei!

Fala-se-nos depois no critério dos séculos e julga com isso ter descoberto o mel de pau. Semelhante critério é amoldável a todos os gostos, pende para onde o capricho do aferidor quer levá-lo, à semelhança dessas balanças que impulsionam uma das conchas quando isso lhe convém ou trocam os pesos contanto que lhes renda a indústria.

É também semelhante ao apurador de urnas nas eleições que de 25 eleitores presentes fazendo-os render na ata, elevando-os a 250!

E depois d'isso, vem arrotar seriedade e sisudez, falando em VERDADE.

É ainda semelhante àquele que, com espírito preconcebido e eivado de ódio gratuito e ridículo, em todo o que é ilegal, injusto e mal quer enxergar a influência ou insinuação do clero.

Mais uma contradição quando depois de afirmar que a verdade e a ciência, sem pestanejar declara que a nossa ignorância é invencível. O que é invencível não se pode debelar, mesmo por meio dessa ciência que tudo vence, que seca as lágrimas, que só vê na mulher não a companheira do homem, mas o ente sensual objeto do gozo material!

Para mostrar que muito sabe, porque muitíssimo estudou, pespega-nos com essa: "Jesus-Christo instituiu o batismo; e disse o Papa, seu sucessor eterno, que quem não receber o batismo não entrará no céu."

Basta esse trecho para avaliar da ciência de quem tem a coragem de arrostar a verdade maltratando-a.

Onde é que viu que o Papa é sucessor de Jesus-Christo?

Jesus-Christo não tem sucessor, porque é Deus, Chefe invisível da Igreja. O papa é sucessor de S. Pedro, chefe visível da Igreja, vigário de Jesus-Christo.

Não contente de dar sucessão ao divino Salvador ainda acrescenta – sucessor eterno! É um cúmulo!

Meu caro Dr., o Evangelho não se inventa. Ele aí está claro,

visível e conciso. Tome o Evangelho de S. João, cap. 3º, ver. 5º, e leia: *nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto, nos potest introire in regnum Dei.*

Logo depois diz que o batismo faz de inocente criança um malvado, ao passa que o pagão torna-se um grande sábio e cheio de virtudes!!! Está parecendo que o doutor é pagão porque é um sábio, um gênio, etc, etc.

Olha, meu Dr., não bula mais com esse assunto, porque o seu ídolo, o adorável Bernardo Antonio, já fez um batizado solene, seguindo a fórmula do ritual romano e teve por acólito imenso e divinal J. Leopoldo.

Para terminar, vou contar um fato que se deu em França. Naquet (o autor do projeto imoralíssimo do divórcio) saiu uma tarde a passeio, levando consigo um filhinho. Vendo uma boa velha sentada à porta de sua granja, entendeu que havia de ser alguma cristã e disse-lhe: “Tu vês, minha velha, meu filho, rotundo, alegre e corado? Ele não é batizado!” Não me admiro de tal coisa, meu caro Sr., disse a velha, “também eu tenho em meu chiqueiro um capado grande e gordo; ele também não foi batizado”.

(Continua)*

* O artigo prometia sequência com o “continua”, mas a suposta sequência não foi publicada nas edições posteriores do jornal.

O vigoroso protesto de Carvalho Ramos sobre o episódio de tentativa de golpe protagonizado pelo Marechal Deodoro da Fonseca na presidência da República, já foi objeto de comentário, com a transcrição de uma passagem do artigo. Condenando o apoio de alguns ao gesto antidemocrático de Deodoro, que fechou o Congresso, o articulista afirma que os infiéis “republicanos de batina bateram palmas” e que o “clero é o inimigo nato da República”, dando vazão ao seu anticlericalismo arraigado.

JORNAL DE GOYAZ – 8/10/1892 – N. 30 PAG. 01¹⁶

Três de Novembro

É uma data negra, abominável, fatídica na história política de República.

Nessa data, o Brasil deixou de ser um povo, o povo deixou de ser a sociedade, a sociedade abdicou os seus direitos, voltando as costas ao que lhe há de mais caro sobre a terra – a liberdade.

Que é que faz essa data?

A obliquidade determinou o desprezo à constituição, a indiferença ao juramento prestado e o sarcasmo à confiança nacional, três elementos do crime transformados na cadeia pesada do algoz contra o povo, – o objetivo d’essa noite –, que ficou registrada na história para a vergonha da pátria.

Esse crime não foi impensado. Era uma aspiração, – aspiração baixa, mas decidida, firme e inadiável. Era necessário iludir a República pelo dolo, destruir a consciência nacional pela força, usurpar então a soberania do povo pelo despotismo: prelúdio das trevas, esfacelamento de morte.

Isso se realizou a *Três de Novembro*.

Foi o empolgamento do tigre unido à astúcia da raposa. E tudo isso se verificou com o silêncio de quatorze milhões de homens. Esse numero é o país. Que fez, porém, o país? Calou-se.

Seria acaso a tática de um grito de guerra a explodir de todas as bocas amordaçadas um tilintar de espadas dentro das bainhas entorpecidas?

O povo não podia calar-se – esperava.

Mas o quadro tinha sido muito torpe, o cenário tinha sido bem infame. Era necessário o silêncio.

E quando, ao estrugir do clarim do despotismo, trocaram-se nas ruas os amigos do povo, os sinceros democratas olhares de inteligência, democratas de fraternidade; percebiam-se nesses olhares alguma causa bem diversa da cobardia, do medo, do horror confessado.

Sentia-se a cólera muda, ouvia-se um como grito uníssono:

– *Viva a República!*

Aqui, porém, essa agitação quase imperceptível não contou muitos adeptos. O tirano escrevera: “necessito de homens”.

Onde estavam esses *homens*?

Do lado do *Estado de Goiás*, que era a encarnação do catolicismo – religioso por convenção, fiel por orgulho, aparatoso por índole, interesse e por natureza, servil por interesse e por tradição sagaz. O comparsa de satã – na frase dos mosteiros, era a comédia: tudo pelo governo. Tinha sido uma vergasta, em um período de nove meses, anteriores à data fatal, contra a fé dos compromissos dos representantes do povo, tornando-se desde aquele dia ignominioso um patíbulo para os rebeldes.

Eu era um dos rebeldes sem ser um político, porque acima da política está a nação; e, quando essa notícia aqui foi publicada, os infiéis republicanos de batina bateram palmas. Estavam no seu papel.

O clero é o inimigo nato de República.

Quando a Nação sob a forma republicana respira, o clero assopra-lhe na beca.

Mas a data fatal conseguiram um triunfo: tornar patente a hipocrisia dos inimigos da pátria. Era eles apareceram homens ou ovelhas sem dono, servos e não cidadãos, manada

de feros, birros resfolegando contra a liberdade implantada ao sol do 15 de novembro; e se não ergueram a força na praça pública, foi porque faltou-lhes o tempo. Eu subiria os seus degraus junto dos meus amigos, ao lado daqueles que fizeram o 19 de fevereiro, que é a data da nossa emancipação neste Estado. O tripúdio dos falsos republicanos chegaria ao cúmulo – arrasariam os nossos lares.

Assim fizeram por mãos de seus antecessores.

E esse tremendo programa não lhes seria custoso.

Tudo haviam feito a benefício do déspota, tudo falo-iam após. Era apenas questão de tempo. Combinariam planos, teceriam enredos, engendrariam desforços, armariam vinganças em exílios definitivos.

A Constituição ficaria violada, amarrotada, em pedaços: a bandeira nacional aviltada, calcada aos pés, enlodada, e, quando fosse também espedaçada, seus fragmentos serviriam para enfeixar os decretos; e, acima dos direitos conculcados, postos à margem, como um ludíbrio certo, a baioneta e o ministro, o mentor da oligarquia deodorina. A tragédia torpe não podia atingir mais a distância. O laço estava armado e a Nação deveria sucumbir. Ela afinal agitou-se. O pesadelo tinha sido longo, a expiação suportável. O impulso do enorme, assombroso, inenarrável. Há palavras humanas que pintem o júbilo de um povo que sai da tirania e do cativo. Quem diria?

A nação desperta de tão nefandas cadeias?!

O clamor ecoou de um extremo a outro da República e desligou-se nos pulsos. No Rio de Janeiro, faz-se o 23 de novembro. Lição suprema. A liberdade era restituída à pátria. Aceitamos essa aurora, eu e meus amigos, com o grande júbilo dos que, julgando-se sem um farol nas vagas, em plena borrasca, avistam a praia salvadora.

Sirva de resposta ao Estado de Goiás em última palavra, e de clareza ao meu procedimento em honra da verdade.

Será legítimo esse júbilo?

Digam-se os que correram os riscos da própria vida durante os vinte dias do ostracismo da liberdade.

Digam-no os estados da República.

Digam-no, outrossim, os representantes da Nação, foragidos, perseguidos, seguidos pelos esbirros da guarda negra, atropelados pelo vaivém dos vendidos.

Que peito brasileiro aí há que não estremeça de gozo diante da outra data, da data reivindicadora, d'esse grandioso dia *Vinte Três*?

Que coração goiano não pulsara de júbilo diante dessa outra data – dezenove de *fevereiro*?

E terá chegado para a República o momento da completa consolidação? Não o creio. O Brasil experimentará cruéis dissidências, que lhe trarão nefastos dias de tormento, fora da liberdade.

Goiás terá então de expiar a sua bondade diante dos escarnecedores da República, pobre, ultrajado em sua fé política, manchado em sua toga de magistrado, arrastado como um refém de um bando de salteadores. As igrejas entoarão louvores e ao deus salvador da pátria: os livres serão proscritos, os vendidos caminharão saudados pelo vulgo. A justiça terá por madrasta a baioneta; a câmara e o senado por indicadores a metralha.

Quando isso virá? O 3 de novembro futuro será mais longo, a dor e a expiração serão mais cruas.

Em vez, porém, de sangue, correrão lágrimas, em vez do desafogo da honra ultrajada, o opróbrio, e enlutarão o caráter nacional, o silêncio mais afrontosos e dignos de dó que a própria escravidão da República.

Goiás, 4 de outubro de 1892.

C. Ramos

Os documentos publicados nesta e nas páginas seguintes, mostram que muito cedo Carvalho Ramos dedicou-se às causas sociais e beneficentes, concorrendo para a fundação da Sociedade Baiana de Beneficência, que auxiliava estudantes pobres. Da mesma forma, filiou-se à luta abolicionista, participando da criação do Club Ferreira França, constituído por estudantes de Direito, conforme noticiado no *Jornal do Recife* em 25.03, 18.07, 26.07 e 02.08.1884

Club Ferreira França Hontem fundou-se esta associação abolicionista e que tem por promotores moços da nossa academia.

Sendo aclamado para presidir a sessão o Sr. Salles Barbosa, foram por estes convidados para 1º secretario o Sr. Deraldo Maia e 2º dito o Sr. João Tourinho.

Aberta a sessão o Sr. Presidente propoz a eleição da directoria provisoria, cujo resultado foi este :

Presidente - Bemvenuto Priamo de Lima.
1º vice-presidente - Benedicto de Almeida.
2º dito - Alexandre Bittencourt.
1º secretario - A. Joaquim Pires de Albuquerque.
2º dito - Belisario da Cunha Mello.
Thesoureiro - Francisco da Silva Pimentel.
Oradores - Cyridião Durval e Salles Barbosa

Elegeram-se tambem duas commissões, uma para organização dos trabalhos, constituida dos seguintes : Salles Barbosa (relator), Alexandre Bittencourt, José Carlos Junqueira, Ayres Almeida, Felix Gaspar e Pedro Ribeiro A. Bittencourt ; e outra de syndicancia composta de Octaviano Araujo (relator), Vieira Lima e Pedro Joaquim dos Santos.

O presidente propoz então que uma commissão fosse comprimentar a bordo de Ceará, que deve vir do norte, ao Exm. Sr. Dr. Theodureto Souto que como administrador do Amazonas tanto se elevou nas sympathias do patriotismo nacional.

Esta commissão compõe-se dos Srs. : Alexandre Bittencourt, (relator de uma mensagem felicitativa que deve ser entregue ao digno viajante em nome do Club), João Tourinho, Carvalho Ramos, Manoel da Silva Lemos e Manoel Coelho de Souza.

Ao fechar-se a sessão, o Sr. Salles Barbosa disse algumas palavras de estímulo aos seus companheiros para que o Club Ferreira França satisfizesse a expectativa da santa causa abolicionista.

Fundação do Club Libertador Ferreira França - *Jornal do Recife* - 18.7.1884

Club Libertador Ferreira França—Comparecendo 34 socios foi aberta ante-hontem a sessão deste club, sob a presidencia do Sr. Bemvenuto de Lima ;

Por propostas de diversos foram unanimemente approvados socios os Srs. Saturnino de Argollo e os academicos Bernardino de Souza Vasconcellos, João de Hollanda Cunha Junior, Antonio Wenceslão de Omena, Luiz Tamborim, Pedro Eustaquio de Oliveira Porto e Guilherme dos Santos Moreira, eliminando-se, a pedido, dois socios que declararam-se incompativeis com o programma do club, em virtude de serem proprietarios de escravos.

Sobre a reforma de alguns artigos dos estatutos e tambem sobre questões diversas fallaram largamente os Srs. Francisco Werneck, Cyridião Durval, Salles Barbosa e Alexandre Bittencourt.

O Sr. Werneck foi convidado para fazer uma conferencia abolicionista e a casa applaudio esta idéa.

O Sr. Presidente nomeou uma commissão, composta dos Srs. Eduardo Rodrigues, Salustio Lamenha e Vieira Lima, para dirigir-se ao Gabinete Portuguez de Leitura, no intuito de obter um dos seus salões, em que se possa effectuar a dita conferencia.

Nomearam-se mais duas commissões : uma dos Srs. Raymundo Lustosa, Jacobina Vieira e Souza Santos, e outra dos Srs. Juvino Leitão, Ramiro Monteiro e Carvalho Ramos.

A primeira destas é incumbida de pedir ao Exm. Sr. Presidente da provincia uma das musicas militares para abrilhantar no dia 30 o espectáculo que terá de realisar-se em favor do club e no dia 8 do vindouro o bazar que deve ser feito no jardim do Campo das Princezas, pedindo ainda a concessão da illuminação para esse dia no referido jardim.

A segunda é encarregada de agenciar no commercio as prendas que dévem figurar o bazar.

A's 3 horas da tarde foi encerrada a sessão.

Manifestação abolicionista—Hontem ao meio dia grande numero de estudantes abolicionistas da nossa Faculdade de Direito, aos quaes se reuniram muitas outras pessoas adeptas a mesma idéa, representando todas diversos clubs, foram incorporados ao palacio da presidencia, onde se achava hospedado o Sr. Dr. Theodureto Souto, felicital-o pelos relevantes serviços por elle prestados á causa da extincção da escravatura.

Fallaram em nome dos academicos e da sociedade Emancipadora Pernambucana, o Sr. Alfredo Pinto; do Club Abolicionista Vinte Oito de Julho, o Sr. Hugo Barradas; do Club Rio-Grandense do Norte, o Sr. Zacharias Monteiro; do Club Ceará Livre, o Sr. Mariano Medeiros e finalmente do Club Libertador Ferreira França, o Sr. Salles Barbosa, que tambem entregou ao Sr. Dr. Theodureto, em nome do mesmo Club, uma mensagem que abaixo publicamos.

Por ultimo recitaram poesias escriptas no mesmo sentido os Srs. Leal Viana e Manoel de Carvalho Ramos.

O Sr. Dr. Theodureto Souto agradeceu á todos com um bello discurso, tão expontaneas quanto sinceras e consideradas provas de apreço de que foi alvo.

Eis a mensagem a que acima nos referimos :
« Illm. o Exm. Sr. Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto.—O club libertador *Ferreira França*, em sua sessão de 17 do corrente mez, deliberou unanimemente apresentar-vos, por occasião da vossa passagem por esta cidade, os protestos da mais viva consideração, da mais profunda admiração, do mais sincero agradecimento pela inextinguivel dedicação com que haveis servido a graudiosa e santa causa da abolição do elemento escravo no Brazil.

« E de notar seria se, Exm. Senhor, no momento em que, por entre aclamações expontaneas e estrepitosas, ascende aureolado para o cêo da Historia, a reluzir fulgurante de gloria o vosso nome na grande constellação abolicionista brasileira, elle obscuro, porém sincero trabalhador do grande movimento não viesse juntar as suas aos milhões de palmas e benções, que a passagem do vosso nome por toda a parte provoca.

« Da legião valente e forte, que na hora presente á custa de esforços extraordinarios e grandes sacrificios, se empenha na obra do desmoronamento da execravel e odiosa bastilha em que se abroquellaram as idéas obsoletas e obscurantistas que, desgraçadamente, ainda pesam sobre este paiz, retardando o seu desenvolvimento, o seu progresso, a vossa individualidade sempre se destacará como o propulsor mais desassombrado e forte desta grande torrente abolicionista, que, descendo do norte, e arrebatando em sua passagem vertiginosa e triumpante todos os tropeços antepostos ás conquistas da liberdade, inunda o paiz inteiro e, lavando-o da mancha negra da escravidão, prepara para o grande banquete das nações civilisadas

« Pensando assim, em nome do club libertador *Ferreira França* a comissão por elle incumbida de dirigir-vos esta mensagem, inclina-se reverentemente ante vós, e beija-vos respeitosa mente as mãos.

« Recife, 25 de Julho de 1884 —*Alexandre Pimentel de Barros Bettencourt* (relator). —*Manoel Coelho de Sousa*. —*Salles Barbosa*. —*Manoel L. de Carvalho Ramos*. —*Manoel da Silva Lima*.

Manifestação abolicionista do Club Libertador Ferreira França – *Jornal do Recife* – 26.7.1884

Sociedade Bahiana de Beneficência—Esta sociedade, funcionando ante-hontem em sessão ordinaria, concedeu a 2 estudantes pobres as quantias precisas para se poderem matricular ; fez a eleição do seu 1.º orador, a qual recahiu no Sr. Baptista de Oliveira ; recebeu uma proposta para o nome do socio Antonio de Faria ser contemplado no quadro dos beneméritos e os dos academicos Ramiro Affonso Monteiro e Raphael Florencio de Oliveira no dos effectivos, e terminou incluindo no numero destes os Srs. Octavio Pinto da Rocha, José Pereira de Barros, Manoel Lopes de Carvalho Ramos e Bonifacio Aragão Faria Rocha.

Sociedade Bahiana de Benificência - *Jornal do Recife* - edição de 25.3.1884

O presente artigo foi publicado em 07.08.1890, Lamentando a morte de Allan Kardec, o grande doutrinador da doutrina espírita. Nele, Carvalho Ramos tece suas homenagens ao autor dos livros fundamentais sobre o espiritismo, renovando sua fé nessa doutrina e acreditando que Allan Kardec foi um continuador da pregação de Jesus Cristo e que ao Senhor iria prestar contas do grande trabalho realizado durante sua operosa existência terrena.

GOYAZ – 07/10/1892 – N. 366, PÁG. 03¹⁹

Allan Kardec

No dia 4 de outubro de 1869 sucumbia o grande filósofo, o sublime reformador, o genial construtor da filosofia espírita.

Seu espírito, um dos missionários da Divindade, enviado à terra para operar a morte do materialismo pela evidência dos fenômenos do espiritismo estudados à luz da experiência e dos fatos ocupou neste século a primeiro lugar.

Que homem aí houve que excedesse em pureza de estilo, em excelência de convictos em simplicidade de formas, em elegância de vocábulos, em riqueza e exuberância de lógica?

Nenhum.

O século viu-o nascer, e o mesmo século recebeu-lhe os verdadeiros adeuses. Predisse muito antes Allan Kardec o dia de sua partida, e caiu ferido pela morte, como sábio Sócrates, rodado de seus fiéis discípulos. O sol do dia 4 sumia-se no acaso: o gênio enviado, ao expirar d'esse dia, não desaparecerá nesse outro acaso, dentre muitos retornam, despertará no meio dos eleitos da verdadeira crença, em face do resplendor perante esse outro mundo, onde, segundo o Evangelho, não há mais sede, nem enfermidade, nem morte. E lá a sua atividade incansável estender-se-á sobre um círculo mais largo do que a terra, que ele tão depressa deixou, mas cuja direção científica lhe compete como re-

formador. Lá, cercado de tantos outros notáveis obreiros de bem e do progresso, a par dos grandes gênios da antiguidade, face a face com o Cristo – o piedoso mártir de Nazaré –, o filósofo em puro espírito contempla o Universo, que lhe tão bem soube estudar, o homem a quem tão profundamente consolou com seus conselhos, animou com seus exemplos e reformou com suas obras inimitáveis.

Goiás, 4 de outubro de 1892.
Carvalho Ramos

Respondendo a críticas que lhe foram dirigidas por outro jornal, referentes à sua adesão ao espiritismo, Carvalho Ramos produz uma resposta vibrante e contrária a preceito anacrônico do Código Penal da época, que confundia os espíritas com os praticantes de magia, cartomancia e outros sortilégios, definindo como crime. Sua posição de Magistrado, entretanto, não o levou a renegar suas crenças, motivando, ao contrário, a reafirmação de fé e a confiança no direito constitucional de liberdade religiosa.

EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS – JORNAL DE GOYAZ – 21/10/1892 – N. 368²¹

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Explicações necessárias

O *Estado de Goiás* pelos seus redatores acusam-me de infrator do art. 157 do Cod. Penal.

O art. 157 é assim concebido:

“Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública:

Penas – de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500.000.

§ 1º Se por influência, ou em consequência de qualquer d’estes meios, resultarem ao paciente privação ou alteração temporária ou permanente, das faculdades psíquicas:

Penas – de prisão celular por um a seis anos e de multa de 100\$ a 500.000.

§ 2º “Em igual pena, e mais na privação do exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, incorrerá

o médico que diretamente praticar qualquer dos atos acima referidos, ou assumir a responsabilidade deles.”

Apesar de não praticar publicamente o espiritismo, – 1º, porque, segundo tenho considerado, a sociedade atual não está preparada para apreciá-lo e compreendê-lo; 2º, porque outra é a minha missão neste Estado – que a letra do art. 157, verdadeira excrescência no Código (quanto ao espiritismo¹) que assim firma exceção, além de equiparar o espiritismo à magia e a cartomancia, procurando d’esse modo, confundi-lo com ridículas exhibições de comedia, não pode atingir-me.

Eu sou espírita convicto, e, dentro de minha casa, posso fazer todas as experiências espíritas, sob todas as formas; e, sob tais condições, não há Cód. Penal algum na terra que possa coibir-me de consagrar alguns momentos à divina prática de uma ciência tão vasta quanto a natureza. Tal ciência, que resulta da longa experiência e do detido exame dos fenômenos que se prendem às leis espirituais, jamais será combatida, ou sequer refutada com vantagem, levando ao contrário em sua frente de vencida todos os obstáculos, que possam-lhe oferecer os materialistas, as manifestações espíritas não podem ser jamais tolhidas pela má vontade de seus adversários.

Os fenômenos da natureza (são todos da natureza) são todos sujeitos a leis especiais. A vida espiritual é por sua vez regida por certas leis sublimes, cuja, ação escapa as mais das vezes, à percepção grosseira dos nossos fracos sentidos. O que se funda nas leis da natureza não poderá jamais ser combatido ou negado. O espiritismo não é obra do homem, é uma vontade de Deus. Não serão, portanto, os Baptistas Pereiras, frágeis inteligências capciosas, que deterão o

¹ O confeccionista do Cód. Penal nunca leu as obras de Allan Kardec e está tão certo do que sou espiritismo como eu.

espiritismo em sua marcha evolutiva através da história e do tempo. Os espíritas não devem recear das penas do art. 157 do Cód. Penal. A história tem demonstrado em todos os tempos que a perseguição é o melhor incentivo para as grandes vitórias da ciência e das artes. Há de vir tempo que, tendo já o espiritismo levado de vencida todos os obstáculos e invadido, os legisladores ver-se-iam forçados a ocupar-se de seus ensinamentos com a justiça, que lhe foi ignorantemente negada pelo confeccionador do Cód., Sr. Dr. João Baptista Pereira.

Declaro, porém, que nesta cidade não faço parte de nenhum grupo espírita – sei é que há por aí, em alguma parte, uma associação qualquer –; além do que, a ser franco como convém em casos de igual importância, não sei que hajam espíritas nesta capital, uma vez que, ao que me consta, não há estudos prévios para o conhecimento de uma ciência, cujo critério, o próprio William Crookes, nome geralmente conhecido e respeitado em toda a Europa, soube resguardar da crítica malévola do jornalismo descrente. Mas, o Willian Crookes, que desejava dar um golpe de mestre no espiritismo, que há alguns anos causava já não pequena impressão, mandou fazer aparelhos propícios a verificação de certas *práticas espíritas*: as experiências feitas foram coroadas de êxito, dentro de pouco tempo, e tornam-se clássicas. Será possível que apóie superstições o que é confirmado por experiências de laboratório?

Se há espíritas nesta capital não é menos certo que as obras do Allan Kardec deixem de ter sido folheadas; e, conquanto leiam as produções geniais desse espírito, que foi e que é maior glória do nosso século, penso que bem poucos estão no caso de recusá-las com exame próprio e precisa sinceridade. Não basta fazer evocações aos mortos, aos desencarnados; convém, antes de tudo, o detido exame das obras espíritas e uma verdadeira e firme vontade de praticar o bem.

O receio que esta causando a propaganda do espiritismo nesta capital é Igreja Romana e de seus representantes, e de todo infundado: o espiritismo para propagar-se não carece de favorecer interesses pecuniários contra os quais ao contrario deve é opor-se, por isso que neste ponto está de conformidade com o Evangelho, que declara: “Dae de graça o que de graça recebestes. – S. Matheus, cap. 10, verso 8º.”

Não tenha, portanto, receio o clero goiano de que amanhã fiquem desertas as igrejas d'esta capital: não será tão cedo que o espiritismo dê a todos, mesmo a maior parte dos espiritas, a perfeita clareza do caminho que eles deverão trilhar.

É a razão porque, ainda que o espiritismo hoje conte entre-nos alguns adeptos, estes mesmo não deixarão de ouvir missas, confessar-se; comungar, martirizar-se com jejuns; ocorrendo mais, a favor d'esses costumes tradicionais, a fraqueza de quase todos alimentada pelo preconceito, que tem raízes de cancro.

Acresce que os poucos espíritas que existem nesta cidade, limitam-se a meras evocações, as mais das vezes estéreis, pueris ou ridículas, por não visarem um plano de estudo experimental: e aqueles que julgam-se com o poder preciso para fazer toda e qualquer evocação, mesmo mentirosa, não fazem outra senão perder o seu tempo, obsedando-se, limitando-se à influencia perniciosa de espíritos perturbadores e vingativos.

Esses perigos são mui sérios e as consequências desastrosas.

A oxidação resultante do mau emprego das faculdades medianímicas, pode levar à loucura, ao suicídio, às más paixões materiais, a toda espécie de vício imundo, sem que para o espiritismo uma só pedra notável possa entrar na elaboração do edifício do futuro social do mundo.

A exceção dos supersticiosos, que virão a ser obsedados e desencaminhados do verdadeiro trilho, o espiritismo para

triunfar não carece de minha insignificante colaboração.²

Em toda a Europa, em toda a América do Norte já ele está divulgado.

Ele é uma ciência, que é nos imposta pelos fenômenos da natureza e pelos fatos daí originados; ele vem de cima, do alto, de Deus; é uma obra complexa em que tomam parte grandes e pequenos, um largo e luminoso ensinamento contra o que será impotente o Código Penal da República, que será a seu tempo devidamente reformado, e, nessa data – será mesmo possível – o seu confeccionador, hoje materialista, virá necessitar no espaço, como um espírito erradio, das consolações do Evangelho.

Goiás, 18 de outubro de 1892.

C. Ramos

² Breves considerações a propósito dos arts. 157 e 158 do Cod. Penal, publicadas no “Reformador” órgão da Federação Espirita Brasileira. Ao Sr. Ministro da Justiça. Opúsculo impresso em 1890.

TRANSCRIÇÃO DA ATA DA SESSÃO ESPÍRITA REALIZADA NA RESIDÊNCIA DE CARVALHO RAMOS

Abrimos esta nossa edição com um documento dos mais relevantes para a história do Espiritismo, no Estado de Goiás. E o fazemos em comemoração de nosso primeiro aniversário e, levando-se em consideração, as personalidades que nele estão envolvidas.

Como podemos ver, trata-se de uma ata de sessão espírita datada de 13 de junho de 1906, portanto, há nada menos de 71 anos!

Vê-se, de início, ser uma comunicação do espírito do ex-senador Estadual, por várias legislaturas, Sr. TORQUATO CAIADO, pai do eminente senador da República que foi nosso conhecido, ANTÔNIO RAMOS CAIADO, figura das mais importantes no cenário histórico e político de nossa terra.

Acresça-se, ainda, para seriedade do evento, o detalhe de que esta sessão realizou-se em casa de grande literato MANOEL LOPES DE CARVALHO RAMOS, pai do gigante da literatura goiana e brasileira, HUGO DE CARVALHO RAMOS, gênio de *TROPAS E BOIADAS*.

O Sr. MANOEL LOPES DE CARVALHO RAMOS, foi poeta e jornalista. Juiz de Caiapônia e mais tarde, Juiz Federal na antiga capital de Goiás. Era professor, falando corretamente, Inglês e o Francês.

Esta ata tem sua caligrafia e o documento foi pelo mesmo ofertado ao senador Antonio (TOTÓ) Ramos Caiado, na época que o reteve, dando-o posteriormente a sua filha, a

farmacêutica, Srta. Consuelo Caiado, sua confidente de todas as horas. Foi ela, então, amiga fiel e generosa que nos fez a doação deste documento, naturalmente, como uma das protetoras e amiga do *GRÃO DE MOSTARDA*.

De público, agradecemos a bondosa amiga. Que Deus ilumine e ampare seu espírito tão cheio de virtudes não fáceis de encontrar nos dias que correm.

Aqui vai, portanto, transcrição do documento já um tanto corroído pelo tempo, com a explicação de que só publicamos cópia do original, da primeira e última páginas ao natural acanhado de nossa publicação. O original completo consta de três páginas.

Traslado

SESSÃO ESPÍRITA DE 13 DE JUNHO DE 1906

TORQUATO CAIADO: Peço-vos para dizer a minha mulher e filhos que não lastimem tanto a minha morte: que seus queixumes me fazem sofrer. Se eles soubessem o quanto isto aqui é melhor do que a vida material que temos nesse mundo, regozijar-se-ão em me ter desprendido dessa luta insana de pesares e sofrimento que quase todos levam aí.

Por que esse estudo de comunicar-se com os que se dizem mortos não está mais propagado pela massa do povo? Por que não ensinar as crianças nas escolas que nós espíritos podemos revelar a nossa existência a qualquer que nos evoque e nos tem simpatia?

O PRESIDENTE: Por enquanto as barreiras da incredulidade são insuperáveis. Qual a autoridade que temos para firmar a doutrina nesse meio contrário a novas ideias? Vós mesmos não éreis incrédulo quando se tratava de reencarnação do espírito e, portanto, da sua sobrevivência após a morte do corpo?

TORQUATO CAIADO: Sim, mas no fundo eu não era de todo incrédulo: sentia no meu íntimo que nem tudo em nós desaparecia com a morte e se me manifestava desse modo era mais para acompanhar a corrente da moda, o materialismo.

O PRESIDENTE: O que acabas de dizer confirma o meu assunto. Vós podeis ter cooperado para a divulgação dessa doutrina, não obstante, por um sentimento de amor-próprio não quistes fazê-lo. Agora que as vossas percepções são mais apuradas e a vossas vistas mais esclarecidas confessais a grandeza e a magnitude dessa doutrina?

TORQUATO CAIADO: Sim. É a verdade. Quantas e quantas descrenças se evitariam se o homem chegasse a trocar pensamentos e mesmo conversar com os do espaço se tivesse aprofundado nesse estudo da alma!

O PRESIDENTE: Dizeis que sois feliz, em que consiste a vossa felicidade?

TORQUATO CAIADO: Dirijo-me com a rapidez do raio para onde quero sem ter XXX**

O PRESIDENTE: Só nisto consiste a sua felicidade?

TORQUATO CAIADO: Decerto, pois basta contemplar as belezas do espaço e encontrar entes que julgávamos jamais vê-los para ser feliz.

O PRESIDENTE: Quais são esses entes que encontras-tes?

* Ilegível

TORQUATO CAIADO: Meu filho, meus pais, meu irmão, sofrem alguns, mas, resignadamente, e esperam alcançar a felicidade em breve.

O PRESIDENTE: Dizei-vos o que sentistes a hora do passamento? Descrevei-nos as vossas impressões?

TORQUATO CAIADO: Nenhuma dor atroz como eu supunha e quase nem senti quando minha alma se desprende do corpo. Toda a família em pranto sem eu saber por que e ao mesmo tempo via os entes que já vos falei. Supunha estar sonhando, mas que sonho delicado!...? Desde que a moléstia enfraquecia o meu organismo e que via aproximar-se a morte comecei a crer em um Ente Superior e quando morri acreditei firmemente nele.

O PRESIDENTE: Sinto não poder satisfazer ao vosso pedido, mas, bem sabeis que a vossa família não dará crédito às minhas palavras. Vós mesmos podereis em sonho transmitir-lhes vosso pedido.

TORQUATO CAIADO: Infelizmente assim é; mas, pedirei a Deus, para que eu possa influenciar sobre eles a fim de acreditarem nessa Doutrina que professais. Adeus, meus amigos; virei ver-vos algumas vezes se isso for permitido.

XXX*

* Ilegível

Referindo-se à publicação de pequeno jornal baiano sobre a mobilização de pessoas fiéis ao espiritismo para alterar o código penal, Carvalho Ramos publica uma extensa lista de jornais e revistas que, no mundo todo, propalavam os ensinamentos da doutrina.

GOYAZ – 04/11/1892 – N. 370, PÁG. 03 ²⁴

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Propaganda espírita universal

Uma senhora distinta da nossa melhor sociedade deu-lhe a ler há dias o n° 721 do Pequeno Jornal, que edita-se na capital da Bahia; órgão político sob a inteligente direção de um dos belos talentos daquela terra. Eis a importante notícia, que a respeito do progresso do espiritismo, depara-se na primeira página do Pequeno Jornal.

Espiritismo

“Em numerosa assembleia espírita promovida pelo Círculo Conciliação, foi eleita uma comissão permanente, que defenderá os espíritas quando forem perseguidos em suas convicções e fará propaganda da ciência espírita.

A comissão ficou composta dos seguintes cavalheiros: Dr. Ramos Nogueira, senador Antonio Pinheiro Guedes, Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, deputado Aristides Spinola Zama, Dr. Francisco Dias da Cruz, deputado J. J. de Almeida Nogueira, deputado Alcino Guanabara, professor A. Angeli Torteroli e Dr. Valentim Magalhães, que compareceu e aceitou a fazer parte da comissão, como os advogados permanentes dos espíritas, enquanto prevalecem os arts. 157 e 158 do C.P.

Em seguida, foi unicamente aprovado que a comissão promovesse uma representação ao Congresso Nacional, a fim de eliminar alguns arts. do C.P.”

Com a notícia acima transcrita, devem os espíritas ficar satisfeitos – 1º porque o espiritismo tende a derramar-se por todos os pontos do mundo e suas doutrinas serão confirmadas pelos fatos e estes estudados à análise científica não combatível pela má-fé, nem pela aversão de seus fracos adversários; 2º porque, ainda cedo, o espírito da solidariedade das crenças espíritas acentuou-se de maneira a não deixar dúvida de que os promulgadores da ciência reformadora fazem-na uma realidade na terra.

Quanto à primeira tese – a despeito da má-fé e da incredulidade – aí estão patentes as mais sólidas provas de que o espiritismo é um ensinamento verdadeiro, lógico e propagado por seu caráter de tolerância em quase todas as principais capitais do mundo civilizado.

Eis a lista de jornais e revistas espíritas atualmente conhecidas:

Inglaterra

The Ligth

The Herald of Health

The Lucifer

The Two Worlds

The Occult Review

The Medium and Daybreak

The Spiritualist

The Spiritual

Noruega

Morgendamringem

Russia

Le Ribus

Hollanda

Het spiritualistische Weckblad
Die Reigsdaar

Belgica

Le Messenger de Liege
Moniteur spirite et magnefique
Les sciencies mysterieuses

Alemanha

Shinx
Spiritualisthe Blatter
Psychischen studien
Die Spiritualische Rationalistisch Zeischriet

Austria

Swiatto Zacrobow
Licht des Jesuit

Hungria

Reflezionezen der Geisterweit Darchsdire

Turquia

L'Echo d'Orient

França

Revue spirite
Le Spiritisme
La Religion Universelle
Journal du Magnetisme
L'Initiation
Le Magitien
Le Devoir

La Lumiere
Le Journal spirite de l'Est
Revue Theosophique
Philosophie general des estuants Sivedengorgiens

Hespanha

Revista de estudos psicologicos
El criterio spiritista
Ca Luz Del porvenir
El Faro espiritista
Lúmen
La Solidariedad
La luz del Christianismo
El Iris de paz
La Revolacion
La Caridad
Em Bem Sentido
Las dominicales del pensamiento

Suissa

La Magnestiseur

Itália

Annali dello spiritismo
Lux
Aurora
Salve

Egypto

Le verite

Áustria

The Harbinger of Ligth

Estados Unidos

The Banner of Light
Religio-Philosophical Journal
The golden gate
The Better Way
The World Advance Thought
Modern Thought
Celestial City

México

La Ilustracion Espirita
El precursor
El Laico
Boletin Espirita
La Esperanza

Venezuela

Revista Espirita

Peru

El Espiritismo

Chile

El Espiritista
El Pan de Espirita

Cuba

Revista Espirita de La Havana
La Nueva Alianza
La Alborada
La Buena Nueva

Uruguay

Revista Espiritista

Republica Argentina

Constancia

La Fraternidad

Luz de alma

Perseverancia

Brazil

Reformador; Capital Federal

Luz e Verdade, S. Paulo

O Regenerador, Belem

A luz, Curitiba

Rvista Spiritu, Curitiba

A Revista Spiritu, que se edita em Pariz, em seu n° 13 de 1° de julho de 1888 dá os seguintes testemunhos prestados ao spiritismo:

Sabios – Le Comte de Cravford et Balcarres president de Societe Royale (Anglais)

Willian Crookes associe et decore, medaille d'or de la Societe royale (Anglais)

C. Varley F. R. S. (Anglais)

Dr. Hebert Mayo F. R. S. (Anglais)

A. R. Wallace, eminete naturaliste (Anglais)

W. F. Barret F. R. S. E. professuor de physique au college royal de Dublin (Anglais)

Wagner professeur Russie

Bourlerof Russie

Dr. Locart Robertson (Anglais)

M. de Morgan, professeur, ex-president de la Societe des mathematiques de Londres

Dr. W. Gregory F. R. S., ex-president de chimie a
Université d'Edimbourg

Boucher de Perthes, geologue (France)

Dr. Ashbournier (Anglais)

M. Rutter (Anglais)

Francois Valles, inspekteur general des Ponts et
chaussées (France)

Tremeschini, ingénieur, du Pantheon astronome, France.

Courbabaisse, astronome, ingénieur en chef des ponts
et chaussées, France.

Camille Flammarion, astronome, France.

Maitriot de Varennes inspecteur general de ponts et
chaussées, France.

Dr. J. Elliotson F. R. S., ex president de la Societe medicale
et chirurgicale de Londres (Anglais)

Manoel L. Carvalho Ramos

Prosseguindo na divulgação da lista de revistas, jornais e livros divulgadores do espiritismo, Carvalho Ramos menciona alguns autores e destaca as principais obras de Allan Kardec, responsáveis pela difusão da “ciência nova” que irá, no seu entender, iluminar definitivamente a humanidade.

GOYAZ – 11/11/1892 – N. 371, PÁG. 04²⁵

Hollande – Relação de livros

F. W. Roorda Van Eysihga. Mme. Van Calcar.
Rico.

Entre personagens distintos de diversas nacionalidades, que se manifestaram a favor da nova ciência doutrinadora, constam estes:

Personagens spiritas – As Majeste La reine Victoria.
Le deffunt Louis, foi de Baveire.
Lês deux derniers empererus de France ET de Russie.
Lês presidents Lincoln Et Thiners.
Le sultan Mourad.
S. A. I. Nicolas, duc de Lenchtemberg.
S. A. R. le Prince de Solms.
S. A. S le Prince Emile le Savn de Witttgenstein;
Duchesse de Fomar, comtesse Caithess.
O. Sullivan, ministre dès Estas Unis.
Favre Clavairoz, cònsul de France.
Alexandre Astakof, conseiller.
Grand juge Edmonds, Estatís Unis.
S. Merejkowski, conseiller prive du czar.
Comtesse Helene Blawatsky, theosophe.
Son A. S. le prince Albrecht de Solms.

Tão vasta nomenclatura de jornais ou periódicos defensores da ideia, que se tem propagado desde 1858, é ao

menos uma prova irrecusável de que Allan Kardec, o mais elevado gênio e missionário deste século, não fundamentou a ermo a ciência espírita, que, presentemente – segundo uma estatística publicada na mesma Revista Espírita de Paris – conta o número de trinta milhões de adeptos.

Essa estatística deve ter sido realizada em 1888.

Allan Kardec escreveu as seguintes obras, que constituem o corpo de doutrina científica e de ensinamento moral:

O Livro dos Espíritos (parte philosophica 1)

O Livro dos Mediums (parte experimental 2)

O Evangelho Segundo o Espiritismo (parte moral 3)

O Céu e o Inferno (4)

Correm impressas em varias nações as seguintes obras dignas de serem consultadas a respeito do espiritismo:

Recherches sur les phenomenes spirites par William Crookes. – *Les conferences spirites de Fannee 1882 et 1883 par F. Valles.* – *Les grands mysteres par Eugene Nus.* – *Eessai sur le spiritisme par Miss Anna Blackwel.* – *Choses de t'autre Eug Nus.* – *L'ame et ses manifestations a travers l'histoire par F. Bou nemere.* – *E'tudes physiologiques et psychologiques par F. Valles.*

Dans lé ciel et sur La terre par Camille Flammarion. – *L'enfer par Callet.* – *Cosmognie des fluides par A. Bourdin.*

A ciência nova caminha a passos gigantes; não escurece os refolhos da alma, ilumina-os; não esteriliza com o ferrete das descrenças o coração do adolescente, enche-o de amor e de confiança no futuro e na liberdade; não viola as leis naturais, estuda-as e procura racionalmente aproveitá-las; não atrofia a sociedade, encoraja-a e restitui-lhe a verdadeira liberdade da consciência, aconselhando o sério e detido exame dos fatos falsamente qualificados de sobrenaturais; não perturba a razão humana, reforma o seu juízo, dando-lhe a certeza de sua origem espiritual e só reconhece um Deus, um Criador, o sublime arquiteto dos mundos.

Os triunfos serão certos. A humanidade futura caminhará segura à luz de sua influência irresistível através dos tempos, não à mercê dos dogmas, mas sob o inteiro domínio da ciência, filha da experiência e dos fatos verificados.

Goiás, 1º de novembro de 1892.

M. L. Carvalho Ramos

Comunicado

Carta

Sr. Redator – Comunico-lhe que não sou mais deste mundo... espere: não morri, não! Comprei um bilhete de entrada para a grandiosa cúpula do desconhecido, com a mesma moeda e não pode ser outra que permitiu a Carvalho Ramos, ainda muito criança, não sei a idade, a compreensão de sua situação, posição e XXX* no nosso planeta.

Sou um pouco mais velho do que o meu companheiro da cúpula, e por isso não poderei dizer que deve ao espiritismo ter compreendido o que compreendeu Carvalho Ramos ainda muito criança. Dir-lhe-ei apenas, Sr. Redator, que também sou da cúpula, se bem que criança (quarenta e três anos) conforme estou conhecido, desde que deixei o *tortuoso caminho das descidas*, por meio do espiritismo.

O espiritismo tornou-me também mais que humano para, como o meu companheiro da cúpula, prometer *um grande trabalho*, não apenas *planejada em mente* (lembra-se v. s. do problema por mim resolvido no primeiro número do *Estado de Goyaz?*), mas já de fato bem-adiantado, a fim de que os *homens XXXX* do erro*, não continuem a *acusar a lentidão dos conselhos eternos*.

Foi lá na cúpula do desconhecido, Sr. Redator, que Carvalho Ramos escreveu a Raphael Torres a carta inserta n' – *A Voz do Artista* – n° 3. Nessa carta, o meu companheiro diz que estava ali na cúpula muito tranquilo, por ter abandonado *o dogma e o papa, ficando os padres, os escravos, do outro lado*.

A escada que termina na cúpula é alumiada pelo espiritismo, que vale mais que milhões de milhões de lâmpadas elétricas, vaidosa descoberta dos tristes mortais, habitantes

* Ilegível

do pobre planeta, onde se assenta, todavia, o primeiro degrau da escada. A cúpula então... perdão, Sr. Redator, Pedro, Tiago e João, descidos do Thabor, não escreveram o que viram, e eu acabo de descer da cúpula!!!

Eu e o meu companheiro da cúpula somos oficiais do mesmo ofício: ele deixou-me do outro lado às escuras e confesso-lhe, Sr. Redator, que o meu primeiro movimento foi para agarrá-lo e puxá-lo para a escuridão!...

Refleti: e a prudência, para não dizer a generosidade do padre, que deve conservar até o fim o necessário às grandes obras, como a começada no primeiro número do *Estado de Goyaz* –, aconselhou-me continuá-la para proveito dos habitantes de Goyaz, que, como eu e o meu companheiro de cúpula, esperamos que o espiritismo nos chame a todos, com efusão e com a máxima brevidade: A SUA APOTHEOSIS!

Para tal fim, não fiz uma *invocação*: convoquei a universalidade dos espíritos, para me auxiliarem na questão do problema por mim resolvido em dias de maio último, resolução que não agradou aos clandestinos congressistas de 1º de junho, punidos por isso com o decreto de 10 do corrente!

Só lhe mando, Sr. Redator, a anexa partícula (seja-me lícito dizer) infinitésima da relação dos espíritos convocados, para me responderem peremptoriamente, sem uso de retóricas e filosofias, banidas do ensino público e até sem equações positivas, entendidas por poucos, a seguinte pergunta: QUEM DEVE SER O GOVERNADOR DE GOYAZ?...

Dei também a palavra aos que, em *número imenso de notabilidades XXX** apoiam nacionalmente a ciência do *espiritismo*, cuja relação, publicada na carta do meu companheiro da cúpula a Raphael Torres, por isso mesmo não envio ao Sr. Redator, apesar de tê-la XXX*. Mas como o foi de um só nome...

Fui buscar lá, Sr. Redator, e XXX*: se não houvesse um só voto dos espíritos de homens que já morreram e dos que ainda vivem, contra a uniformidade da resposta, visto como parece-

* Ilegível

me que a verdade é uma só, eu ainda estaria convencido de que lá na cúpula não havia outra preocupação: mas quase que tombei de tal altura, quando ouvi *desafinação* em um coro tão harmonioso.

De entre os mortos e de entre os vivos, um só votou diferentemente e foi o último: o meu companheiro da cúpula votou em si mesmo, tendo os demais XXX* que o governador de Goyaz seria um de nós dois, pela razão de pensarmos na apoteose de Goyaz em peso, com a diferença apenas das idades das duas crianças empreendedoras!!!

Pois eu, invocando a mim mesmo, não parei o meu companheiro da cúpula do outro lado e, às escuras, visto como ele não é padre, nem papa, nem dogma, nem nada: e o Carvalho Ramos, em que voto também, cedendo-lhe os direitos conferidos aos que subirem como nós à cúpula.

Ela, Goyaz, a cúpula!... Mas não é, Sr. Redator, que *espíritos e homens* todos dissemos a verdade?!... Estudemos, estudemos bem as causas e o espiritismo fará tudo, apesar de Carvalho Ramos esperar que Deus lhe XXX* *a vida por algum tempo!*... O XXX* já sabe quando há de morrer: o espiritismo já lhe revelou outros mundos, quanto mais XXX* de mortes... Tempo para quê? Apoteosar não é missão do espiritismo, divindade reconhecida, antes da grande obra prometida por Carvalho Ramos?...

Nós, os da cúpula, crianças mais ou menos velhas, em tempos de civilizações, não de retóricos, nem de filósofos, nem de positivistas, mas de ESPIRITISTAS, não precisamos de tempo, nem de nada: basta-nos a cúpula ganha ao clarão do farol que não pode ser apoteosado, mas que apoteosa os homens de boa vontade, como Carvalho Ramos e eu... este seu criado, meu redator!

Carvalho Ramos, quando disse que Deus lhe reservaria tempo, disse-o por modéstia: eu em seu lugar requeiro do governador provisório de Goyaz a imediata entrega do

* Ilegível

governo do estado ao meu companheiro da cúpula, o cidadão Carvalho Ramos, a fim de que todos nós, os goianos, de nascimento ou de coração, sejamos incontínenti elevados à cúpula e considerados a apoteose do espiritismo!!!

O requerimento é terminante pelo que está provado e ainda mais o será por nós, os espiritistas, que não sabemos o que é o tempo, para subirmos à cúpula ou baixarmos ao planeta, que deve respeitar a nossa posição, fim etc. pelo conhecimento que temos de tudo!

O padre deixado às escuras, do outro lado pelo companheiro da cúpula, não pode ser mais modesto, onde tudo se sente sem se poder comunicar a nenhum dos mortais, continuará a esforçar-se na obra sobre-humana, a exemplo do *mais criança* companheiro da cúpula, que todavia dá-lhe o exemplo de terminar uma carta com uns versos!...

Sr. Redator, invoquei-o também e ouço-o, classificando de asneiras o que escreve-lhe quem pode subir e descer da cúpula! Não terminarei com Voltaire, que despreza o resto dos homens, talvez com razão, por descobrirem lentidão nos eternos conselhos!...

Basta de espiritismo. Conto que o tempo acautelará a V. S. e ao governo deste Estado com o conselho:

Faux sages, faux savaus, indocilos esprits.

Un moment flers, mortols suspendez vos

[mespris

Racine.

Aceite a proclamação: Carvalho Ramos na cúpula, em lugar de *na ponta!!!*

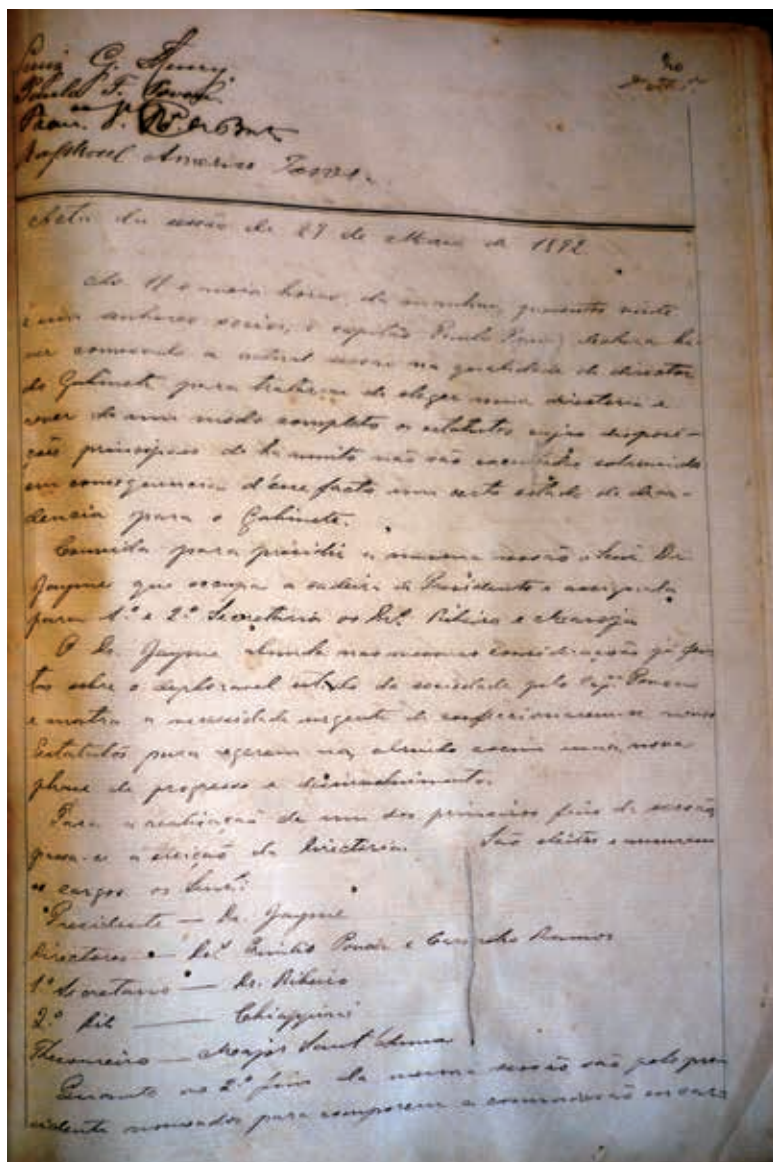
22-julho-91

C. M.

P. S. – Parece-me inútil a remessa da relação dos convocados ou *invocados* porque cada um de nós tem o seu *Larousse* ou coisa que o valha.

O LITERATO

Reproduções e transcrições das atas de Diretor e Presidente do Gabinete Literário Goiano²⁹. Importante entidade cultural da época que, como já observado, foi a primeira entidade cultural associativa do Estado de Goiás.



Ata como diretor do Gabinete Literário Goiano

20 e 21
negada de apresentar os novos Estatutos dentro em
quinze dias, os Sr. Carlos Pires, Carmello Ramos,
Ribeiro.

O Sr. Henrique Silva pede que a comissão não
dele seja feita outra extranha a Directoria no que a
manifesta-se de modo contrario.

O Sr. Ligeira Silva requer que a comissão se
componha de dois membros, o requerimento e' regentado.

O Sr. Henrique Silva faz diversas considerações
sobre os novos Estatutos, e propoe que sejam emendados
especialmente pela construcção de um novo edificio para
o Gabinete a cuja disposição para tal fim, collocar
a quantia de 500000 \$, sendo 50000 \$ de
e 450000 \$ de saldo existente na caixa do extinto
"Centro Goiano."

O Cap. Socrates propoe e e' accento um voto de louvor
a' Directoria transacta e o Sr. José Feliciano requer da
Directoria para augmentar a gratificação do Bibliothecario
para o qual tambem o Sr. Henrique Silva con-
cede que da esta um voto de louvor pelos bons serviços que
ali hoje elle tem prestado.

Made mais honrando a tratar o Sr. Presidente da
santa a sessão a 1 hora da tarde.

Sequência da ata como diretor do Gabinete Literário Goiano

Ata da sessão de 29 de maio de 1892

Às 11 e meia horas da manhã, presentes vinte e um senhores sócios, o capitão Paulo Póvoa declara haver convocado a atual sessão, na qualidade de diretor do Gabinete para tratar-se de eleger uma diretoria e rever de um modo completo os estatutos cujas disposições principais há muito não são executadas, sobrevivendo em consequência desse fato um certo estado de decadência para o Gabinete.

Convida para presidir a mesma sessão o Sr. doutor Jayme que ocupa a cadeira de presidente e XXX* para 1º e 2º secretários os senhores Ribeiro e XXX*

O Dr. Jayme aborda as mesmas considerações que já feitas sobre o deplorável estado da sociedade pelo capitão Póvoa e mostra a necessidade urgente de confeccionarem novos estatutos para regerem-na, abrindo assim uma nova fase de progresso e desenvolvimento.

Para a realização de um dos principais fins da sessão, passa-se à eleição da diretoria.

Presidente: Dr. Jayme (Luiz Gonzaga Jayme)

Diretor: Emílio Póvoa

Diretor: Carvalho Ramos

1º Secretário: Dr. Ribeiro

2º Secretário: Chiappine (Guiseppe)

Tesoureiro: Moisés Sant'Anna

Quanto ao 2º fim da mesma sessão, são pelo presidente nomeados para cumprirem a comissão encarregada de apresentar os novos estatutos dentro de quinze dias, os doutores Emílio Póvoa, Carvalho Ramos e Ribeiro.

* Ilegível

O senhor Henrique Silva pede que a comissão nomeada seja toda essa estranha à diretoria ao que a Casa manifesta-se toda contrária.

O senhor Siqueira Filho requer que a comissão seja composta de dez membros; o requerimento é rejeitado.

O Sr. Henrique Silva fez diversas considerações sobre os XXX* estatutos e propões que sejam envidados esforços pela construção de um novo edifício para o Gabinete a XXX* disposição, para tal fim, coloca a quantia de 300\$000 sendo 50\$000 seus e 250\$000 do saldo existente da caixa do extinto "Centro Goyano".

O Capitão Sócrates propõe e é aceito um voto de louvor à diretoria XXX* e o Dr. José Feliciano requer à diretoria para arregimentar a gratificação do bibliotecário para o qual também o Sr. Henrique Silva consegue da Casa um voto de louvor pelos bons serviços que até hoje ele tem prestado.

Nada mais havendo a tratar o senhor presidente levanta a sessão a 1 hora da tarde.

* Ilegível

Ata da sessão do Gabinete Literário
no Goiano em 21 de abril de 1896.

Presidência de Sr. Luiz Goyne

Atas, vinte e um dias do mês de abril de
mil e oitocentos e noventa e cinco presentes
o Sr. Luiz Goyne Goyne, presidente, Dr.
milio Silva, vice-presidente, Dr. Carvalho Ra-
mos, orador, Olympio Costa, fiscal, faltando
os demais secretários e o Thezourier. A pre-
sidente declarou aberta a sessão e designou
me para servir de secretário, e para se poder
proceder-se a eleição da nova Direcção
conforme o convite feito aos sócios para
ter lugar hoje, presentes também os dis-
cussões, e presidente declarou que se
proceder a eleição de novo presidente,
procedendo-se as escripturas secretas
obtiveram votos: Dr. Carvalho Ramos, Core,
Luiz Goyne, um, Dr. Jeronymo de Moraes, um,
e Olympio Costa, um. A presidente decla-
rou eleito o Dr. Carvalho Ramos, e comi-
ssão e para tomar a cadeira que lhe com-
petia. Em seguida passou-se a eleição
do vice-presidente obtendo votos: Dr. An-
thony Napoleão, um, Olympio Costa, dois, Dr.
Vicente de Abreu, um, Bernardo Antonio, um
Dr. Goyne e Silva um. A presidente decla-
rou eleito o Antonio Napoleão.
Em seguida passou-se a fazer a eleição dos
outros membros da Direcção e foram eleitos
primeiro secretário Antonio Cupertino com

Ata como presidente do Gabinete Literário Goiano

com dois votos, Francisco de Faria com dez
votos, havendo outros menos votados. Com
nove votos presentes, não foram convidados
a tomar seus lugares. Para o Sr. Dr.
Jeronymo de Moraes obtive (13) três votos,
havendo outros menos votados. Para The-
roncio Luiz Junior obtive dez votos, ha-
vendo outros menos votados. Para Fico
e Dr. Mathias da Fama obtive onze votos,
havendo outros menos votados. Ainda a
ordem o Sr. Leopoldo de Bulhões pediu
a palavra e fallou a respeito da neces-
sidade de por-se em pratica os artigos do
estatuto relativo as conferencias publicas
e o art. 9 que trata do museum annexo.
Ainda mais havendo a tratar o Sr.
Presidente levantou a sessao.
Eu Olympio da Silva Costa, secretario
de reportario escrevi esta acta.

Caralho Nemo?
Staple

Sequência da ata como presidente do Gabinete Literário Goiano

**Ata da sessão do Gabinete Literário Goiano em
21 de abril de 1895**

Presidência do Dr. Luiz Jayme

Aos vinte e um dias do mês de abril de 1895, presentes o Dr. Luiz Gonzaga Jayme, presidente, Dr. Emílio Póvoa, vice-presidente, Dr. Carvalho Ramos, orador, Olympio Costa, fiscal, faltando os seus secretários e o tesoureiro. O presidente declarou aberta a sessão e designou-me para servir de secretário a fim de poder proceder-se a eleição da nova diretoria, conforme o convite feito aos sócios para ter lugar hoje; presentes também doze sócios, o presidente declarou que ia-se proceder a eleição do novo presidente, e procedendo-se ao escrutínio secreto obtiveram votos: Dr. Carvalho Ramos, doze, Luiz Guedes, um, Sr. Jeronymo de Moraes, um, e Olympio Costa, um. O presidente declarou eleito o Dr. Carvalho Ramos e convocou-o para tomar a cadeira que lhe competia. Em seguida, passou-se à eleição do vice-presidente, obtendo votos: Sr. Arthur Napoleão, onze, Olympio Costa, dois, Sr. Vicente de Abreu, um, Benedito Antonio, um, Sr. XXX* e Silva, um. O presidente declarou eleito doutor Arthur Napoleão. Em seguida, passou-se à eleição dos outros membros da diretoria e foram eleitos primeiro-secretário Antonio Cupertino com 12 votos e Francisco de Faria com 10 votos, havendo outros menos votados. Como não estavam presentes, não foram convidados para tomar seus lugares. Para Orador, o Sr. Jeronymo de Moraes obteve (13) treze votos, havendo outros menos votados. Para tesoureiro, Luiz Guedes obteve dez votos, havendo outros menos votados. Para Fiscais o Dr. Mathias, Dr. Jayme obtêm onze votos, havendo outros menos votados. Finda a votação o Dr. Leopoldo de Bulhões pediu a palavra e falou a respeito da necessidade de opor-se em prática os artigos dos estatutos relativos às conferências públicas e o art. 9 que trata do mesmo assunto.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levantou a sessão. Eu, Olympio da Silva Costa, servindo de secretário escrevi esta ata.

* Ilegível

Jornal Goyaz, de 06.10.1890. Publicação da Escritura de Doação do livro GOYANIA ao Estado de Goiás, feita pelo autor Manuel Lopes de Carvalho Ramos.

GOVERNO DO ESTADO

1º Traslado do livro de no'lea, nº. 25, folhas 41 verso e 42 o tabellião Costa.

Escritura de doação que faz o dr. Manoel Lopes de Carvalho Ramos ao estado de Goyaz, na forma abaixo. — Saiba, — quantas estas virem que, no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e noventa, segundo da Republica dos Estados Unidos do Brazil, aos nove dias do mez de Outubro, n'esta cidade de Goyaz, em meu cartorio, comparecerão como doador o dr. Manoel Lopes de Carvalho Ramos, juiz municipal do termo do rio Bonito, e o cidadão Joaquim Augusto Teixeira de Carvalho e Silva, secretario do governo, commissionado pelo governador dr. Rodolpho Gustavo da Paixão, para representar este estado, ambos conhecidos de mim tabellião, do que dou fé; e pelo primeiro nomeado cidadão dr. Carvalho Ramos foi dito em presença das testemunhas abaixo assignadas que, por este publico instrumento e na melhor forma de direito, tendo em vista a muita sympathia e gratidão que deve ao hospitaleiro e livre povo goyano, e como grata recordação da sua saudosa permanencia no seio d'elle durante mais de um anno como juiz municipal do mencionado termo do rio Bonito, faz doação á este mesmo estado de Goyaz do seu Poema Epico *Goyania*, que campo, especialmente, para perpetuar estes sentimentos

e as tradições e historia do descobrimento do Estado: e cede em favor do Estado seus direitos de autor, sem poder em tempo algum fazer qualquer reclamação do manuscrito; nem das edições impressas que d'elle se tirarem em livros, folhetos ou qualquer outra forma de publicidade e divulgação. Por sua vez o l'ondo por seu representante ad hoc declara que aceita e agradece a importante obra offerecida pelo Doador ao Estado. — Depois de escripta esta, eu tabellião li as partes que outorgarão e reciprocamente acceptarão a presente escriptura, que me foi distribuida, e assignarão com as testemunhas abaixo assignadas e a todo o acto presentes. — Eu José da Costa Xavier de Barros, tabellião de notas que fez e assigno Jo é da Costa Xavier de Barros, Manoel Lopes de Carvalho Ramos, Joaquim Augusto Teixeira de Carvalho e Silva, Joaquim Xavier Guimarães Natal, João Pereira da Silva Continentino, José Leopoldo de Bulhdes Jardim, e na da mais continha a dita escriptura, reportando me ao livro de notas de onde trasladei na data retro e infra declarada. Eu José da Costa Xavier de Barros, tabellião de notas conferi e assigno em publico raso. Estava uma estampilha de duzentos reis. — Em testemunho de verdade — Goyaz, 6 de Outubro de 1890. — José da Costa Xavier de Barros — Confere. Costa — *Nilul fero pro labore. Costa.*

Termo de doação do livro *Goyania*, ao estado de Goiás

Visando a proporcionar a visão mais completa, tanto quanto possível, da produção literária de Carvalho Ramos, inserimos, nesta parte final do livro, alguns poemas esparsos publicados por Carvalho Ramos no jornal *GOYAZ* que não constam do livro *OS GÊNIOS*, observando a ordem de publicação, embora alguns tenham sido escritos em outras cidades, antes mesmo de sua vinda para Goiás.

Jornal de Goyaz – 26/7/1889

Improviso

PELO DR. CARVALHO RAMOS,
JUIZ MUNICIPAL DO RIO BONITO EM GOIÁS.

Mote

Oferecido por José Vicente da Silva

O vivente infeliz que amor não goza
É qual planta nascida em penedo.

GLOZA

Se a vida é vida sem amor na terra,
Se viver sem amar é ser ditoso,
Se gozar da solidão é ser penoso,
O fado é glória, que a ventura encerra;

Se fazer à mulher completa guerra,
É ter alma, e viver de um bem gostoso,
É ter vida e prazer e crença e gozo,
É ser o raio que ilumina a serra;

Oh! Meu Deus! Eu não vivo! A vida ingrata,
Me torna amarga a vida desditosa,
Pena cruel que o meu viver maltrata ...

Oh! Meu Deus! Eu não vivo! A sorte irosa
Condena a morte, que o desprezo mata
"O vivente infeliz que o amor não goza."

Florindo a terra brandamente, os dias
São doces como a luz da madrugada,
Do sol nascente a faixa iluminada,
Encerra então suavíssimas poesias;

Enquanto a natureza e as alegrias,
Do amor florescem, desventura ou nada,
Paixões de magia de tristeza exala,
Matam de lira as brandas harmonias;

Sim, que a natureza é como o ser: se a vida
Se viver sem amor, cruéis degredos
Tornam a alma num sofrer perdido;

Calai-vos, astros! Meditai segredos!
Quem não ama da terra a flor querida,
"é qual planta nascida entre penedos."

Rio verde, 11 de julho de 1889.

A VOZ DA PÁTRIA

Curvai-vos, povo... Na terra
E grande o esforço da cruz
Se a morte o sepulcro encerra,
A alma está nos céus azuis,
E bem divide esse tema,
Palavra de algum poema,
Que Deus ao mundo legou,
Reina a luz, o espaço é belo,
Do cadafalso o escabelo
Nossa razão fulminou!

É grande a queda invisível
Do antigo império das leis,
Se algum princípio exequível
Abala o trono dos reis.
Tem sede os lábios do povo
De algum preceito mais novo,
De alguma frente imortal:
Os reinos podres estalam
De bronze os eixos se abalam
Nas trevas da saturnal!

Se executa um canto sinistro
Nas lutas da alma... irrisão!
Zombam das falas de Cristo
Blasfemam da criação...
Homens que outrora se ergueram
Na tumba dos que morreram
Olhando a pálida cruz,

Com o manto da hipocrisia,
Ante uma imagem sombria,
Urde crimes contra a luz!

No entanto os filhos do povo
Não têm valor entre nós...
Das gerações o renovo
Nem conhece os seus avós.
Gera o mistério terrível
Trono, agora impossível,
No seu repouso fatal...
Uns da miséria no fundo
Praguejam, fugindo ao mundo,
Nas aúcias negras do mal!

Quem és que na sombra choras?
– Quem sou? Pergunta a razão!
Tu brilhas mais que as auroras...
Vem salvar uma nação!
Vem! Que o precito curvado
No seu peito angustiado
Não pode esconder a dor...
Não é com a folha da espada
Que o Brasil, nação errada,
Há de chegar ao Thabor.

A ideia é grande – no entanto
No letargo adormeceu,
Quem de um povo o polo manto
Nas dobras da alma escondeu...
Vil! Porque tudo ouvia
Sinistramente a poesia
Do cativo de réus!

Chorava... e o pranto fecundo
Nem pode esconder-lhe o mundo,
Nem pode mostrar-lhe os céus!

Hoje, da morta esperança
Nem resta um frouxo luzir...
A glória está na crença,
A pátria está no porvir!
Sim! Que esse augusto problema
Foi sempre o nosso diadema,
Qual fruto imenso de paz!
Do galés a noite horrenda
Fechara a sinistra lenda
Sobre os grilhões infernais!

Basta! No templo dos homens
– O Universo, em derredor –
As glórias são poucos nomes
Que soletramos de cor
Do XXX*, o reino execrando,
Da igreja o crime nefando
Faz-se a mortalha e vil...
De ouvir as turbas da glória,
Sentada à margem da história,
Não tarda a vez do Brasil!

Bahia, 1887.

* Ilegível

TREZE DE MAIO

Data memorável na História Brasileira em que
foram considerados livres todos os escravos
existentes no País.

Eis do presente, ó povo, o pórtico assombroso,
Em que fala a justiça em cântico formoso,
Em que a verdade imensa uma hora triunfou!
Do espaço ingente voz, qual um clarim eterno,
Desperta a geração do Prometeu moderno,
Desse altivo Brasil que a liberdade achou!

Termópilas soberba!... Esse ideal brilhante
Foi como o novo sol que irrompe do Levante,
Espargindo ouro e luz em toda a criação!
Havia em cada boca um verbo sacrossanto,
Em cada frente um verso, em cada lira um canto,
– anátema divino em frente à escravidão!

E venceu nessa luta imensa a humildade!
Era Deus o fanal... Sorrira a imensidade,
Com os braços acenando à geração porvir!
Nunes Machado, Silva, Andrada e Tiradentes,
Gonzaga e outros heróis viris e independentes,
Deixam da sepultura a frente ressurgir!

Do trono no letargo insípido à firmeza
Da baralha divina, heroica, à natureza
De um povo, que despreza o espectro dos canhões,
Um grito ressoou... na escuridade insana
Da pátria que gemia a geração tirana
Vi romper-se na luta o véu das maldições!

Depois... altivo o globo, em palidez imerso,
Contava alguns heróis na história do universo...
A América divina então surgiu na luz...
Ao Fiat magnífico o povo ergueu mil brados...
Desde a tarima negra aos ferros dos forçados
Brilhava intensamente uma verdade – a Cruz!

Salve deusa imortal! Divina liberdade!
Que foste o sol brilhante em plena majestade,
Defendendo do escravo o toro escuro e vil!
Já não cabe o clarão da sempiterna glória
No enorme coração do povo, que à memória
De teu brasão formoso acolhe-se ao Brasil!

Cachoeira, 1889.

É TEMPO...

AO ILUSTRE AMIGO SR. DR. JOSÉ LEOPOLDO DE
BULHÕES

É tempo... Chora a pátria, a pátria amiga,
Quando em seu trono a maldição restruge.
Um hino à liberdade, ouviste, é breve!
Bem vês! A torpe tirania ruge!

Não lavara teu crime, estulta sombra,
Nem mar de sangue dos vilões da terra!
Falaste em liberdade... eu sei que és torpe...
És como infante que estremece à guerra!

És como as XXX* esquivo corpo
Ao revolver das vagas atirado,
Tinto de sangue na refrega escura...
Cadaver negro nos seus véus guardado!

A voz da pátria, que se alteia enorme,
Ronda ao longe no moderno ensino,
Acorda a geração, desperta um povo,
um povo amante de brasão divino!

* Ilegível

Não a ti, que espreitaste a lei dos grandes,
A lei que Dantas aos escravos deu...
Que covarde e vilã, roubaste ao gênio,
O fruto santo que a vigília encheu!

Não a ti, que então vês o trono frágil,
Morto em mão de vilões, qual tu perdido!
E o povo as garras afiando em sombras...
E ouvindo os urros do leão ferido!

Não a ti, que esposaste as leis de Roma,
Que enfim da corrupção desceste à lama,
– pérfida e negra – estampa que encerraste
Do morto ministério e baixo drama!

Que, então se algures te envolver no lodo,
Não te pese o rancor da pátria amiga...
Povo! Nas dobras do estandarte santo
A liberdade, a liberdade abriga!

Rio Bonito, 8 de agosto de 1889.

QUANDO EU DURMO

Quando o sono suas asas cor de oiro,
– Alado ser das regiões divinas –
Cerrando os olhos meus, às diamantinas
Visões de etérea luz me conduz,
Ouço-te a voz, meus Deus! Te escuto mudo
Envolta a fronte em longo véu noturno
E o canto festival de amor diuturno,
Me lembra as glórias da sagrada cruz!

Me lembra então quem sou; porque na terra
Vivendo, sofro as mágoas da saudade,
Do tempo alegre em que na imensidade
– Espírito imortal – breve passei;
Onde qual filho que ao paterno abrigo
Torna, deixando os afastados mares,
Volve inquieto e belo alguns olhares
Chorando sobre a dor que eu já chorei!

Me lembra então que vivo, e só na vida
Espero em Deus, que me desperta a lira;
Deus de bondade – que no amor transpira,
Deus infinito – que no azul sorri...
O espaço – o hino à sua lei suprema –
Descobre, mal da noite os véus sombrios
Velam do mundo seus sepulcros frios,
A lenda eterna que ansioso ouvi!

E tu, meu Deus, em teu corcel de estrelas,
Como uma força estranha, indefinida,
Dás ao mundo sublime a eterna vida:
Símbolo enorme! Estranha criação!
Pela fronte do bardo, entristecida,
Perpassa a sua luz então saudosa;
E sou feliz... e esta alma – branca rosa –
Lembra o teu nome ao triste coração!

Bahia, 1888.

EM VIAGEM...

Do Paraíba as águas mugidoras
Da selva em meio, nos desertos correm,
E seus gemidos no tufão perpassam
Enquanto as vagas do oceano morrem.

Soberbas correm por um vasto seio,
Onde as rolinhas delicadas tremem,
Ouvindo os uivos nas quebradas tristes
Que as onças bravas alta noite gemem.

Erguem-se os fortes jequitibás e cedros,
E as aroeiras que se entrançam belas,
Como as atalaias dos gigantes mundos
Fitando calmas turbilhões de estrelas.

As araongas e outras aves lindas
Cantam, seguindo o furacão mais forte
Em cujas asas os desertos bravos
Sentem gemer nas solidões a morte.

Ah! Tudo é grande nesse vasto abrigo;
Tudo é sublime nesse lar gigante
Ao sol ardente, que alevanta as selvas
Dorme a serpente sucuri possante.

Passa na tropa o caminheiro forte,
Ouvindo as vozes da folhagem bela,
Quais feras notas de um sifão guerreiro
Que dos combates a vitória assela.

Silfos, cantigas, elevados tempos
De verdes ramos, de gigantes montes,
Bordam-lhe as águas mugidoras, vivas,
Mais cristalinas do norte as fontes.

E, como um eco de afastadas plagas,
Minha alma espera repetir saudosa,
Seus altos brados, que deserto agitam,
Na ardente quadra da estação calmosa!

Porto de S. Jerônimo, 30 de junho de 1889.

DEUS

Ao amigo Bernardo Antônio

Jovem, alma de fogo, alma banhada
 No Jordão da poesia,
Que fitas os teus olhos enlevados
 Na infinita harmonia;
Que, enquanto os maus na treva soluçando
 Rangem os dentes vis,
Te julgas débil para a terra, estranho
 Ao que passa feliz;
Que, amando o justo, amando o intraduzível,
 Destes uma estrela à flor
Tu, que não dormes sem sonhar com os anjos,
 Acordas pela dor:
Que, incerto do futuro, errante e meigo,
 Teu juramento elevas
Na voz da lira, que estremece ao choque
 Das invisíveis trevas;
Imóvel como a base das montanhas
 Olhas os fundos céus,
E, erguendo a voz, banhada de esperança,
 Tu – balbucias: – Deus!
Deus! Esse eterno resplendor dos mundos,
 Do infinito o sentir!
Deus! A vida da vida! A lei sublime!
 O passado e o porvir!

Rio Bonito – 1890

CARTA AO CLERO

Honra à Ciência*

Ommia tela intenta in patriam
(Cícero)

Eu falo neste canto em nome da verdade,
Calcando nos pés a espada ignóbil da ironia,
Para servir, à Pátria, a nova humanidade,
Armado, vede bem, com a arma da poesia!

Eu digo, pois, ao mundo, eu digo, pois, ao povo:
– quem sois vós que dormis em fundo precipício;
E o vosso grande afeto, o vosso afeto novo,
O evangelho de Deus arremessões ao vício?

Céus! Que imenso terror!... Como a justiça humana
Nega a luz do infinito, aquela fé suprema,
Espelho do universo!... A escuridão insana
Revolve no presente o honorífico problema!...

Eu vejo a natureza aos vossos pés lançada!
Para lembrar-vos, ímpios, falsos escritores,
A lei de Deus. A estrela é minha pena amada;
O universo, o meu livro, o meu jardim com flores.

Rasgai a vossa loga. A ideia é tudo. A terra
É feita para os bons que almejam toda a luz.
Aí, quando algum profeta a voz de Deus encerra,
Negais o vosso Deus, e encarniceis da cruz!

Insensatos! Ouvi... Se um Deus existe grande,
Um Deus pune e compensa, um Deus é nosso Deus:
Nasce o vil, nasce o justo, o sábio além se expande,
O rude se espezinha à corrupção dos seus.

Mas dissei-me: – Quem são? Dissei-me, injusto clero:
– Onde está a vossa lei? Quem vo-la escreve agora?
O evangelho? Mas onde? Ah! Não dizeis – eu quero!
E o espírito da luz em vossa alma não mora!

Vós mesmos não sabeis o fim dessa jornada,
O que sois, qual a fé que tanto apregoas;
Criastes um abismo – o inferno, um abismo – o nada;
E os céus, abismo em luz, por outro céu trocaís!

Armastes sobre um teto um silabo sombrio,
Onde o dogma referve à estranha corrupção,
Qual pedra em que se apegam o limo torpe e irio,
Qual múmia em que não bate o morto coração.

Dissestes ao passado: – Eu sou a Igreja. Vinde,
Ó sábios, ó prometeus, ó mártires da lei!
Eu sei fingir a fé num suntuoso brinde,
Quando em lauto banquete está sentado o Rei!

E o passado, ônix oculto, a Pandora deserta,
Volveu-se com tremor. O espectro se ergue só.
O Papa, a rir, bugia, a alma à loucura aberta,
Eu vos detesto, disse – e Homero sai do pó...

A Ilíada surgiu. Era um poema enorme.
A Ilíada, grande alma, o evangelho do amor,
Revive ao gênio, e diz: – a hipocrisia dorme:
O silabo da Igreja é o inseto na flor.

Rasgai-o. O vosso aborto é parto da ignomínia.
Vosso livro é do globo o horrísono labéu.
O Vaticano é o sol que nasce na Abissínia;
O Papa no seu parto é que desmente o céu.

E digo no Dante: – Agora a humanidade é minha;
Vou dar-lhe ensino, e o sábio é doce de amparar;
Não é justo cegar o jovem que caminha,
O jovem do futuro a esposa vai buscar.

Eu digo ao Nero: – aprende a respeitar o mundo;
O abismo da estultice é que devora os reis:
Nascereis algum padre. O vosso abrigo imundo
O corpo de algum bruto. Olhai *Noventa e Três!*

A visão, doce musa, a voz gentil descansa,
Suspira e passa. O abutre a garra estende mais.
A Igreja ostenta ao globo a estólida esperança
De resolver a vida o problema da paz.

Escreve aos sábios: – hoje uma ciência é louca;
Não sou a Itália...Vede! O universo sou eu!
O São Pedro de Roma é minha sábia boca;
E a goela canibal não lança o que comeu!

Eu tinha em Gutenberg a geração moderna
Debruçada, sonhando um mundo sem rival;
Mas, à força da farsa! A mísera caverna
Do abismo o coração rojei da grei fatal!

Criei no dogma o índex. Altivo, desgrenhada,
Cerrei os punhos. Vi naquele abismo o mundo.
O livro estava aqui na minha mão fechada.
E eu vi Rousseau chorar naquele pego fundo!

Eis aqui digo pois, erguida nos céus a fronte,
Seren e forte: – a ideia é que propaga a luz.
Vós cerrais os ouvidos, padres! – O horizonte
É vasto, calmo, azul: assim é grande a cruz.

Em vez da mansidão, da fé sincera, pura,
Em que nossa alma toda envolve-se a cismar,
Do ensino da verdade e da exemplar doçura,
Da liberdade, irmã que temos de amparar;

De atender ao progresso, à grande lei do mundo,
Que impele a humanidade ao celestial clarão,
E humilde respeitar este Brasil fecundo,
Onde brilha a ciência o reino da razão;

Em vez de ouvir a um Ruy que assombra o globo inteiro,
E casta aconselhar a obediência ao povo,
Vós, aldeia de Roma, um partido a dinheiro
Formais, à grande luz do nosso mundo novo!

A América dirá sorrindo à velha Europa:
– Sou tua filha; atende a minha voz também...
A imprensa é minha irmã; no seu corcel galopa;
O livro diz ao mundo: – Eu sou a voz do bem!

Unamo-nos. A idade é que me empresta um gládio,
– A verdade. A justiça está na interna paz.
Oh! Sepulcros de Pedro, embalde o vosso estádio
Encerra o pó da vida, as lágrimas e os ais!

Embalde guardareis o vosso escravo escuro,
– A ossada! Esta alma grande é filha do outro lar.
A vida sai da vida. O passado e o futuro,
Leram-se as mãos na terra: e o morto há de voltar!

Organizais um polvo, um crocodilo astuto
Que há de morder a ciência inconscientemente,

Para dizer depois a um Papa *conosciuto*:
– *Si abbia riguardo! A lui io sono solamente!*

Um gênio há de volta a novo corpo: e a terra
Em que terá de ouvir do clero a maldição,
Escrava do terror na convulsão, na guerra,
Será posta depois nos ferros da opressão!

Os templos tombarão nessa poeira estranha;
Os ossos tremerão nas felás sepulturas:
Um dirá: – Quem sou eu? Que fiz? Por que me assanha
Nas veias torpe sangue em lágrimas impuras?

Outro verá seus pais sentados no conselho,
Ante a dura justiça, entregues, vermes vis,
Aos quais se apertará com ferros o joelho,
E as filhas dormirão no lar da meretriz.

Cidades contra a Luz se vestirão de ferros:
O incêndio, a peste, a fome, a inanição sombria,
O crime após do crime, o tremedal dos erros,
A noite contra a noite, o ranger da agonia...

Aí! Tudo ali vereis num lago furibundo!
O estrépito soando acordará do Norte...
A espada se erguerá contra o clarão do mundo;
A lei será banida, e alevantada a morte!

Quando isso ouvirdes, pois, quando esse horror de horrores
Soar daquele abrigo em que se esconde a lei,
O Papa, o olhar sombrio, entre infernais terrores,
Verá por sobre a terra o nosso novo rei!

O gênio, que há de vir, corrigirá com alma
A nova lei mostrando as glórias do porvir:
O mundo irá sonhando a fulgurante palma,
E a palma da verdade ovante há de sorrir!

Quem diz ao morto: – Surge! À tempestade: – Escuta!
Quem diz ao gênio: – Volta! À eternidade: – Eu sou!
Quem diz à vida, ao mundo, à sempiterna luta,
A tudo quanto existe, e ao tempo que passou.

– O espírito imortal em mim descobres.
Tudo me respeita, me atende, e marcha à minha voz.
Ó povos, esta igreja é para os céus um mudo!
Ó trevas, este abismo é que a desmente após!
Quando me virdes, pois, não penseis que meus olhos
Se voltam para a terra. – O lodo é um réptil.
A infâmia sai da infâmia. As trevas dos abrolhos.
Olhai-me bem quem sou, raça de gente vil!

Ele dirá, que o diz, enfim, voltando o rosto
A pátria que o despreza: – Ó meus irmãos, pensai!
O livro é nossa aurora. A Igreja é sol já posto.
Dizei ao mundo: – Ouvi! À humanidade: – Amai!

Dizei ao cego: – Vede! Ao torpe: – Alevantai-vos!
Ao órfão sem arrimo, ao ancião que treme,
Ao que sofre no leito, nos tristes: – Consolai-vos!
Ao que tomba no abismo, ao que entre algozes geme...

Eis a minha visão. Vou-a traduzo. A terra
O peso ajustará da minha grande voz...
Além, no Vaticano é que se apresta a guerra...
Ó povos! A esperança é que se apresta em nós!
Por isso, pois, a ideia, o meu farol sublime,
XXX* como um sol em funda escuridão...
O Brasil, que desperta, o seu algoz redime:
Ó sábios, a verdade está na vossa mão!

Torres do Rio Bonito, 13 de agosto de 1890

* Ilegível

A MEMÓRIA DE A. DE CASTRO ALVES

(Ao amigo e conterrâneo Genésio de Souza Pitanga)

Tinha uma lira o trovador de amores,
Quando sonhava a rir o casto império
Do amor de virgem no supremo, etéreo
Ninho, onde brota o cântico das flores.

A noite, se as estrelas refulgentes
No fundo azul do céu pairando riam,
De sua alma essas pétalas se abriam
Ao borbulhar de lágrimas ardentes.

Amava. O amor brilhava enternecido
Naquela alma de fogo e de harmonia
Que ilusões! Que esperança! Que alegria!
Sufocavam-lhe aspérrimo gemido!

Pobre poeta. O anoitecer da vida
Prestes estava de seus belos dias,
E a música de sons e de harmonias
Junto às sombras do túmulo esquecidas.

Não tinha aurora para a festa imensa
Do gênio celebrando-lhe a ventura.
Um pouco além – sombria sepultura
Após se – nada mais... A treva extensa

Ia dormir... quem sabe? Talvez sonhos
No etéreo mundo formular saudoso.
Que buscava? Talvez um ninho, um pouso
Éden de amor em páramos risonhos.

Deus dir-lhe-ia: Te pertence a glória
E tua a grande natureza... é tua...
A terra e os céus e a merencória lua...
E a eternidade santa e merencória...

Aqui – o abismo que mil astros fendem
Aqui – imenso a saudade eterna.
Sonhador! Quanto é funda a dor materna
Se sobre a terra as lágrimas a acendem!

Não verás o pendor da enxada anosa
Sobre o solo, cavando escuro leito,
Nem do amigo já morto o ninho estreito
Onde soa uma voz de mãe saudosa.

Nem essas cruas, amícticas cenas,
Em que lugar o riso acaba em pranto
Nem do mendigo o lacerado manto
Que cobre a dor e as lágrimas terrenas.

O fasto, o riso da vaidade insana,
A loucura, as paixões de toda a sorte,
A sombra, a treva, a escuridade, a morte
E no ermo sem cântico, a choupana

E lançarás o olhar ardente amigo
Para esses mundos de brilhantes cores
Aqui terás o galardão das dores
Aqui ao menos viverás comigo.

Goiás, 17 de junho de 1892.

CANÇÃO DO ERMO*

Sim, amas, eu também amo
Este bosque, estes rochedos,
Estes mimosos segredos
Da natureza, do amor,
Da alma, do idílio sagrado.
Desse existir encantado,
Desse sonhar descuidado,
Da primavera na flor!

E somos nós – nessa choupana bela –
Duas aves, que banham-se tranquilas,
Num lago azul!
Pode sorrir o dia, a luz singela
Brilhar no céu de anil, e mansa brisa
Correr do sul.

Pois é doce o viver ao pé dos vales;
Aí não brilha o fausto de existência,
Quando em pleno salão de luzes cheio
Ostentam seios nus formosas damas,
Ou potentados de antemão sorrindo
Fantasiosos lucros enumeram;
Nem de enganos tecido o seio d'alma
Freme ao tumultuar de alheios sonhos,
Em que é virtude fraudulenta glória;
Nem move o braço algoz cutelo infame,
Nem urdem tramas corações ignóbeis
Nem de feros brasões se ostenta o colo!

* O poema traz citações que não puderam ser transcritas pelo desgaste da publicação original

Quem me dera corresse a vida inteira
Assim nas selvas, junto dos desertos,
Onde pudesse extasiar-se ao quadro
Da inimitável mão da natureza!
Um fio d'água, um pratear de lua
Na argenta praia, perpassar das auras.
Canções dos bosques no correr de estio,
Céu azul num crepúsculo saudoso,
Sorrir da aurora na manhã sem nuvens
Sob a copa das árvores frondosas
Sentir em fogo amor ao som de um beijo,
Mudas lágrimas rindo em negros olhos
Vulcão de um seio estremecendo amores,
Eis do ermo o viver, eis o que eu sonho.

* * *

Minha alma, colhamos
As cândidas flores
Da pura existência
Sagrados penhores
Eu sei que elas são.
Na relva dos bosques
Há tantos verdores!
Nas ramas frondosas
Há tanta canção!
Luares XXX*
Se é doce de amores,
A tarde fruir
Gozemos, amemos.
Que tudo aqui temos
Presente e porvir!

* Ilegível

Corramos aos prados;
Aos bosques, às serras,
Aos vales, aos montes
E os cumes dourados
De azuis horizontes
Busquemos no céu
Que as asas de um anjo
Formadas de estrelas
Às terras mais belas
Nos guiam sem véu.
Amargos pesares
Nos límpidos mares
Desfazem-se a rir
Gozemos, amemos,
Que tudo ali temos
Presente e porvir!

Se é noite nos astros,
Se é noite no azul
Busquemos a pátria
Nas terras do sul.
Digamos às aves:
– Os cantos suaves
Dos bosques, dos prados,
Não temos além...
Digamos aos fados:
– Desejos, amores,
São rosas, são flores,
Que murcham também
Ergamos o canto
Banhado de pranto,
Dos prantos de amor,
Na luz, na alegria
Que é tudo harmonia

No aroma da flor
Mas ah! Que acordados
Desfazem-se os sonhos,
E os dias risonhos,
Não formam a rir.
Gozemos embora!
Gozemos, amemos:
Que tudo aqui temos
Presente e porvir!

Goiás, 12 de julho de 1892

SUB TEGMINE FAGI

(A. L. G. JAYME)

Minha rede!... Isso basta ao meu sono
Que desfruto, sem pranto e sem medo,
Nesta sombra, nas tardes de outono,
Sob a copa de um tenro arvored.

Minha rede!... O momento é chegado;
Caia em feixes a luz sobre nós...
Sobre a guerra lá fora ao soldado...
Que eu nem ouço das trevas a voz!...

Minha rede!... É assim que eu procuro
Tanta ideia de vida afagar;
É assim que, espreitando o futuro,
Eu me embalo cismando, a pensar.

Minha rede!... Ei-la pronta, hasteada,
Sobre a grama, da relva ao matiz,
Sobre a rosa, que pende agastada,
Sobre o cravo e outras flores gentis.

Minha rede!... O verão que é tão belo,
Me pergunta – “Não vais descansar?”
E essa brisa que em lânguido anelo
Me repete – “É melhor cismar!...”

E essa nuvem que sobe e que fogo!
E essa tarde que trêmula corre!
E essa fonte em queixumes mais hoje!
E essa nota de aragem que morre!

Minha rede, aqui estou tão ditoso!
Dá-me um sono sem mágoas, sem dor;
Dá-me em sonhos o encanto amoroso;
Dá-me em vida uns suspiros de amor!

Minha rede!... É tão belo, é tão santo
O crepúsculo assim! Tudo o mais...
Bela noite, me escondo, em teu manto,
Pois que é doce uma rede em Goiás!

Goiás – dezembro – 1893

FLOR DE AMOR

Como é doce a manhã, quando avistamos
Um lindo prado semeado em flor!
Mas flor, que mais linda imaginamos
Mulher, quem sabe se ela é flor de amor!

Quem sabe se alguma ave lisonjeira
Teceu-lhe um hino de perene odor?
Olha! É doce a manhã quando fagueira
A brisa mansa beija a flor de amor!

A nuvem que dos céus afaga a terra,
A aurora santa de púrpura cor,
O orvalho tênue, a viração da serra,
Tudo, tudo procura a flor de amor!

Quem sabe se ela é meiga como a brisa?
Quem sabe quanto é santo o seu pudor?
O raio, o aroma, o orvalho que desliza;
Dão a luz e graça e vida à flor de amor!

Nem pode a noite recusar-lhe orvalho;
Nem pode o astro lhe negar fulgor;
Nem pode a brisa, que estremece o galho,
Soprar indiferente a flor de amor!

Ela é segredo para quem suspira;
Ela é doçura a toda angústia e dor;
Ela é divina porque Deus a inspira;
Ela é tudo na terra; – é flor de amor!

Goiás – 1894

À saudosa memória do General José Jardim
(Ao meu amigo tenente-coronel Francisco L. Rodrigues
Jardim)

DESCANSA, LUTADOR – ASSAZ LUTASTE!

A árvore era bela;
Tinha graça, esplendor – ou já nas folhas,
Ou já viçosa em frutos,
Campeando feliz junto às montanhas
E veio o raio... e decepou-a em meio!
Como o fulgor do sol queimou-a toda!
Hoje entre cinzas a revolve o vento;
Não mais a graça dos primeiros anos;
Não mais o viço a fulminar de inveja
O lírio, o cravo, o bogarim e a rosa;
A aurora muda está – que importa o dia?
Secou-se o tronco, as folhas se mirraram:
Vida, vida não é – não é mais nada!

Assim também tu foste.... assim tombado
Cedro soberbo – fulminou-o o raio!
Tronco gigante – as cheias te arrastaram!
Como a árvore tão bela assim caíste;
Assim roçou-te a morte o brônzeo seio!

Ei-lo, ó povo, o gigante das batalhas
Não é da terra; – se alterou sublime
Do sólio excelso, ao cântico dos bravos,
A mansão ideal!

Assim herói repousa;
Ele – o soldado invicto – que nas pugnas
Corajoso corria ao tom da morte,
A espada em punho, a inspiração na mente,
Ante o fero Humaytá, terror de escravos,
Como lá das Thermófilas – Leônidas
Com trezentos irmãos batia Xerxes!
Da pátria augusta os alterosos brios,
Da história, que o progresso enobrecia,
A página maior, cheia de glórias,
Soube honrar através de amargos dias!
Salvou-a, sim, salvou-a;
Deu-lhe em troca do olvido o jovem sangue;
Deu-lhe a flor da existência...
O amor, a juventude, a crença, a vida,
No altar da pátria, consagrando ao povo,
Tal foi seu culto... soluçai, ó sombras!
Sombras de heróis da história, erguei a fronte!
Abraçai-o nos céus, abri-lhe os braços!
No trépido correr, na ânsia dos sonhos,
A alma cheia de fé, um Deus procura...
O pó da sepultura, o vento incerto
Que o cipreste balança, a sombra, a noite,
E esse doer de corações que choram.
Tudo, tudo se cala aos pés da glória!

Ergue-te, pois, como o gênio
Que soube a pátria elevar!
Que o túmulo é sempre estreito
Para uma alma conservar!
Que flébil, terno gemido
Que exala um peito sentido,
Honra-te, ó verbo acendido
Nas chamas do pátrio lar!

Ergue-te, pois, um trono
Maior que o trono dos reis...
A história no escrínio raro
– Salva de escuro revez –
Teu nome inscreve anelante
– A história, heroína errante,
Repete o verbo incessante
Dos sepulcros através!

Se o corpo cede à batalha
Da vida, o espírito – não!
Sobe através das estrelas
Rompe os véus da criação!
Soldado, a espada fulgente
É da pátria, que, fremente
Disse-te – Adeus! alma crente!
Com a dor sobre o coração!

Vale morrer, quando a vida
Foi cheia de tanta luz!
Vale morrer, quando a glória
Assim de perto seduz!
Vale morrer qual morreste;
Vale, sim, que se viveste,
O olhar profundo volveste
Para aqueles céus azuis!

A glória – sonhar do sábio –
Lá te espera em seu fulgor;
A glória, estrela que brilha
Com eterno resplendor!
Vai, pois, lá na imensidade
Recebê-la que a saudade,
– Tributo da áurea amizade –
Conquistaste a humano amor!...

Goiás – 1894

REFERÊNCIAS

ALVES, Alaôr Caffé – *Dialética e Direito*. São Paulo: Editora Manole, 2010.

BOBBIO, Norberto – *O Tempo da Memória e outros escritos autobiográficos*. Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

BOSI, Alfredo – *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BRITTO, Clóvis Carvalho – *Luz sobre o alqueire: itinerários do espiritismo no interior do Brasil*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

CAMPOS, Maria das Dores – *Catalão, Estudo Histórico e Geográfico*. Goiânia: Tipografia e Editora Bandeirante, 1976

CRAVEIRO, J. e poetas. Goyaz e Serradourada – 1911 a 1915. Goiânia, 1994.

FIGUEIREDO, Nelson Lopes de – *O Estado Infrator*. Belo Horizonte: Editora Fórum, 2012.

GOMES, Laurentino – *1822*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Nova Fronteira, 2012.

JUDT, Tony – *Pós-Guerra, uma história da Europa desde 1945*. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

LEÃO SOBRINHO – Livertino. *Causos Goianos*. Goiânia: Editora da UCG, 1985.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas – *Luiz Cruls – Notas Biográficas*. Brasília: Verano editora, 2003.

PALACÍN, Luís e MORAES, Maria Augusta Sant'Anna de. *História de Goiás*. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

RAMOS, Manuel Lopes de Carvalho – *Goyania – Poema Épico* – 1896. Goiânia: Gráfica do CERNE, 1982.

———, *Os Gênios*. Porto (Portugal) Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, 1895.

RAMOS, Victor de Carvalho – *Letras Goianas – Esboço Histórico*. Goiânia: Departamento estadual de Cultura – DEC, 1958.

TELES, José Mendonça – *Dicionário do escritor Goiano*. Goiânia: Editora Kelps, 2011.

VAZ, Geraldo Coelho – *Vultos Catalanos* – Goiânia: Editora Kelps, 2009.

VEIGA, José Alencastro – *Lembranças de Goyaz*. Goiânia: Editora da UCG, 1985.

OUTROS

O Correio Oficial do Estado de Goiás, edição de 29 de fevereiro de 1912, página 4

Jornal do Recife, edição de 25.3.1884

Jornal América do Sul – Recife – edição de 15.8.1884

Jornal Estado de Goyaz – Órgão do Partido Republicano Federal

Gazeta Goyana

Jornal Goyaz

Jornal de Goyaz *Jornal O Guarany* – Cachoeira (BA)

Jornal espírita Grão de Mostarda

Semanário Oficial

Genealogia da Família de João Quintino de Oliveira, de Hildebrando Pontes

Votorantim 85 anos – Uma história de vida e trabalho – 1918-2003

Do Século XIX ao Século XXI: As Mulheres ou Os “Silêncios da História” do Espiritismo na Cidade De Goiás. Trabalho acadêmico de Clovis Carvalho Brito

Memórias Goianas II. Coordenação de José Mendonça Teles. Editora da Universidade Católica de Goiás, 1984

Manuscrito das Famílias Lopes de Carvalho Ramos, cujo trabalho encontra-se em desenvolvimento pelo pesquisador Igor Roberto de Almeida Moreira, trineto de Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho e Petronilha Ignácia Fernández

ELETRÔNICAS

www.ufpe.br

cpdoc.fgv.br

academiadeletrastm.com.br

www.ucg.br/ucg/Institutos/ipehbc

vapordecachoeira.blogspot.com.br

memoria.bn.br

cidades.ibge.gov.br

Jornal Correio da Manhã, 12 de julho de 1968, RJ

Jornal A Noite, RJ

www.stf.jus.br

www.unirio.br/enfermagem/historia

educacao.uol.com.br

catadordepapeis.blogspot.com.br

www25.senado.leg.br

jornaloguarany.blogspot.com.br

www.associacaodecampofормoso.com.br

www.jacobina.ba.gov.br

www.historiadobrasil.net

arquivomunicipaldesaofelix.blogspot.com.br

www.academia.org.br

zh.clicrbs.com.br

www.skyscrapercity.com

Correio Oficial do Estado de Goiás, edições de 25 de maio de 1867 e de 29 de julho de 1871

acervo.fe.ufg.br

falardemusica.blogspot.com.br

jornal carioca *A Noite*, edição de 4 de outubro de 1943,
página 4

ENTREVISTAS BÁSICAS

Escritor Antônio César Caldas Pinheiro

Gestor cultural Elder Camargo de Passos

Escritor Geraldo Coelho Vaz

Pesquisador Igor Roberto de Almeida Moreira

Escritor Iúri Rincon Godinho

Escritor José Mendonça Teles

Gestora cultural Maria de Fátima Silva Cançado

Bibliotecária Patrícia Porto

Pesquisadora Circe de Camargo Ferreira e Silva

Historiador Paulo Brito do Prado

Professor Pedro Borges dos Anjos

Escritor Ubirajara Galli

ARQUIVOS PESQUISADOS

Academia Goiana de Letras

Arquivo Frei Simão Dorvi – Cidade de Goiás

Arquivo Público Municipal de São Félix (BA)

Arquivo Público Municipal de Cachoeira (BA)

Biblioteca Pública Municipal Ernesto Simões Filho - Cachoeira (BA)

Cartório de Registro Civil – Cidade de Goiás

Casa de Cultura Altamiro de Moura Pacheco

Fórum da Cidade de Goiás

Gabinete Literário Goiano – Cidade de Goiás

Instituto Cultural José Mendonça Teles

Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central
– PUC-Goiás

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Livro de Batismos da paróquia de Nossa Senhora do Rosário -
Cachoeira (BA)



Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, a PRONTO EDITORA GRÁFICA/ KELPS, declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas não degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da PRONTO EDITORA
GRÁFICA/ KELPS, no papel: Polen Soft LD 80g/m²,
composto na fonte Arvo, corpos 8, 9,5 e 10,5
Setembro, 2016

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor